

# SERÕES

30  
ABR. 1940



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 34 — ABRIL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

# Summario

## MAGAZINE

	PAG.
COLUMBANO ( <i>Retrato</i> ) .....	222
O PINTOR DOS INTELLECTUAES — COLUMBANO (20 <i>illustrações</i> ) por ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.....	223
QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES PONTE ROMANA — Rio Homem — CALDELLAS — <i>Cliché</i> do sr. Antonio Manoel Lopes .....	235
A PRINCEZA MARIA BENEDICTA (8 <i>illustrações</i> ) por MARIA O'NEILL.....	236
AS RIQUEZAS DE ANGOLA (10 <i>illustrações e 1 vinheta</i> ) por VICTOR RIBEIRO.....	242
O BUDDHISMO E O AMOR (4 <i>illustrações</i> ) por WENCESLAU DE MORAES .....	251
A FORMOSA GUIA (3 <i>illustrações</i> ) por WALTER GROGAN.....	255
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL (9 <i>illustrações</i> ) por ALBRECHT HAUPT .....	265
VINTE DIAS NA RUSSIA (11 <i>illustrações</i> ) por Z. CONSIGLIERI PEDROSO.....	272
TRAVESSURAS DE OLYMPO.....	284
SERÕES DOS BÉBÉS (2 <i>illustrações e 1 vinheta</i> ).....	285
QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES.....	288
ACTUALIDADES (19 <i>illustrações</i> ).....	289
QUEBRA-CABEÇAS (1 <i>illustração</i> ) Decifrações, enigma, charada, etc.....	296

## OS SERÕES DAS SENHORAS (22 *illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS .....	pag. 145	LAVORES FEMININOS.....	pag. 154
OS NOSSOS FIGURINOS .....	» 148	CONSULTORIO DE LUIZA.....	» 157
CHAPEUS DE NOVIDADE.....	» 150	NOTAS DE DONA DE CASA .....	» 143
A NOSSA FOLHA DE MOLDES.....	» 152		

## A MUSICA DOS SERÕES

SONS SAUDOSOS, POR ADOLFO RODRIGUEZ CASTAÑE .....	4 paginas
---	-----------

DIRECTOR LITTERARIO  
H. Lopes de Mendonça

# Serões

ADMINISTRADOR  
Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, oficinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

**Praça dos Restauradores, 27**

**LISBOA**

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone **805**

## ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina . . . . .	6\$000 réis	1 pagina . . . . .	70\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	3\$500 »	1/2 pagina . . . . .	40\$000 »
1/4 pagina . . . . .	2\$000 »	1/4 pagina . . . . .	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

## Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno . . . . .	2\$200 réis
	Semestre . . . . .	1\$200 »
	Trimestre . . . . .	600 »
Para o Brazil (moeda fraca) . . . . .	Anno . . . . .	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno . . . . .		15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

**ADMINISTRAÇÃO DOS Serões**

**Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27**

Telephone **805**

**LISBOA**

**CH. DENIS.** — Agent exclusif pour les annonces étrangères, 128, Faubourg Poissonnière — PARIS.

De 100\$000 a 3:500\$000 réis



# MOINHOS DE VENTO

 Automaticos

Americanos 

## Halladay-Standard

Unicos que resistem aos mais fortes vendaxas  
e de grande duração

50 modelos diversos de 10 a 60 pés  
de diametro, desenvolvendo uma força de  
40 cavallos.

Para elevação d'agua a qualquer al-  
tura, irrigação ou moagens de cereaes,  
serração de madeiras, etc., etc.



UNICO AGENTE EM PORTUGAL E COLONIAS

### Manoel José da Silva

Rua d'El-Rei, 31, 2.º

OU

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27

(Redacção do Anuario Commercial de Portugal)

## LISBOA

TELEPH. 805

# LIVROS DE LEITURA

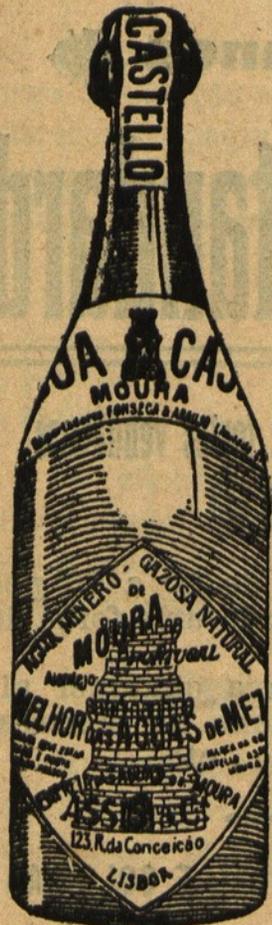
Para as escolas de instrução primaria, organizados por

**D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão**

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados oficialmente para o triennio de 1907-1909:

1.ª classe .....	100 réis
2.ª e 3.ª classe .....	300 »
4.ª classe .....	300 »

**Livraria Ferreira — 132, RUA AUREA, 138 — Lisboa**



## AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

**MOURA**

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

## ATELIER

DE

**José Joaquim Emydio Maior & Filho**

Premiado com medalha de ouro na Exposição Industrial Portugueza de 1888 e Diploma de Honra de 1.ª classe



Medalha de Ouro no Grande Club de Lisboa em 1907, na Exposição Operaria de 1889, e Medalha de 1.ª classe na Exposição Nacional de Bellas-Artes em 1901

Executam-se trabalhos de ornamentação decorativa em madeira, barro, Staff, carton-pierre, etc., por artista habilitado nos grandes ateliers

de Mrs. Delmas, H. Nelson, Chemit e Escola Bouille de Paris

Instalação mechanica de galvanoplastia da Casa SIEMENS-SCHUCKERT WERKE

produções em Cobre, de Baixo-relevos, EN-RONDE-BOSSE, galvanotypia.

**Rua das Chagas, 11 a 21 — LISBOA**

# RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

**RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI**

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	3\$000
Rio de Janeiro e Estados .....	18\$000	” .....	3\$000
Centro Commercial .....	15\$000		

Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000

## PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual .....	6\$000
” com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

*Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.*

*O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.*

**AO LEITOR.** As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

**Á Administração da Revista RENASCENÇA**

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

## IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 1 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

## Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

*Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.*

# SERÕES

## LIVROS, REVISTAS E JORNAES

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

**Comicos**, por Anthero de Figueiredo — Lisboa, 1908 — E' com respeito a livros d'este valor que nós sentimos a exiguidade da resenha bibliographica a que nos vemos forçados. E' um romance? uma novela, como o designa o sub-titulo? E' antes um admiravel estudo psychologico de duas almas de amantes, n'um meio fadado para fingimentos e artificios, onde impera uma moral diversa da moral corrente, onde as paixões desabridas se tingem de ouropéis romanescos, uma bohemia em que preocupações litterarias aristocratisam até o vicio. Pode resumir-se a impressão do livro n'uma phrase d'elle em que o autobiographo se diz preso do conflicto entre o raciocinio e os instinctos. E' talvez esta a synthese da obra, que ha de occupar na litteratura portugueza o lugar de honra que por todos os motivos lhe compete. Anthero de Figueiredo, ainda ha pouco aclamado pelo seu magnifico livro *Recordações e Viagens*, vae na curva ascendente *ad astra*.

**Os Luziadas** — para as Escolas e para o povo — obra prefaciada, parafraseada e anotada por José Agostinho — Canto VIII — Porto, 1908 — Obra de incontestavel auxilio para os que estudam a lingua portugueza.

**Rumores do Silencio — A expansão**, por Cesar de Castro e Christovam Barcellos — Porto Alegre — São, diz o sub-titulo, palestras litterarias realisadas na Escola de Guerra em 17 de outubro de 1906 — Fantasias, expansões de fulgurante mocidade, com esplendor de vocabulos e opulencias estylisticas.

**Flosculos**, por Cesar de Castro — Porto Alegre, 1907 — Manifestações identicas ás do opusculo precedentemente noticiado.

**Nimbus**, por D. Maria O'Neill — Lisboa, 1908 — Já os leitores dos *Serões* conhecem a distincta escriptora, cuja collaboração em prosa e verso tem abrilhantado as nossas columnas. Este seu livro de versos, escudado pelos nomes prestigiosos de Bulhão Pato e Sousa Monteiro, dispensaria porventura tão auctorisadas recommendações para se impôr ao interesse do publico, se acaso este se mostrasse tão avido de poesia como fóra para desejar e se a prosa dos eminentes academicos não fosse um attractivo a acrescentar aos que proporcionam os talentos da poetisa. Manifestam-se estes na graça e no sentimento, inherentes a um bem cultivado estro feminino, e na correção da forma, que denuncia o estudo de bons mestres e a pericia de um consummado Mentor. O meio litterario deve acolher cariciosamente estes *Nimbus*, que são antes roseas nuvens de promettedora aurora.

**Voz de Santo Antonio** — *Revista mensal illustrada* — N.º 15, Março de 1908. — Redacção e administração — Braga.

**Gazeta da Associação dos advogados de Lisboa** — N.ºs 11 e 12, Dezembro de 1907.

**Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos** — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

**Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official** — Fasc. XVI — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.

**Boletim Photographico** — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa — n.º 94, Outubro de 1907.

**A Construcção Moderna** — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — N.ºs 249 e 250, Fevereiro de 1908.

**Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza** — Fevereiro de 1908. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

**Propaganda Catholica** — A acção do sacerdote na imprensa, Opusculo 133 — 1.º do XII anno — Janeiro de 1908 — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

**A Caça** — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa — N.º 6 — Janeiro de 1908.

**Estudos Sociaes** — *Revista catholica mensal* — n.º 1, Janeiro de 1908. — Summario: Explicação prévia. Estudos philosophicos. — A psychophysica e a doutrina espiritualista. Mãos á obra. Bons conselhos e correção fraterna. Falar de cadeira. Chronica scientifica. — Telephonia sem fios. Chronica social do estrangeiro. Notas do mês. Bibliographia.

**A Vinha Portugueza** — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

**Luz do Oriente** — Anno 1 — N.º 6, Janeiro de 1908 — Redacção e Administração: Ponda-Goa.

**Revista de Manica e Sofala** — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — N.º 48, dezembro de 1907 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

**Echos de Roma** — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Thiago Jini-baldi — Via del-Banco S. Spirito, 12, Roma.

# Sexto Concurso Photographico

## ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA: \_\_\_\_\_

*Um grupo, formado á vontade do concorrente, em que sejam representadas a velhice e a infancia, obedecendo a qualquer ideia moral ou philosophica.*

### CONDIÇÕES

- 1.<sup>a</sup> — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, com tanto que o minimo seja  $9 \times 12$  centimetros.
- 2.<sup>a</sup> — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.
- 3.<sup>a</sup> — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação ficará pertencendo aos «**Serões**».
- 4.<sup>a</sup> — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.
- 5.<sup>a</sup> — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.
- 6.<sup>a</sup> — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Sexto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.
- 7.<sup>a</sup> — Haverá tres premios, sendo o primeiro de **10\$000 réis**; o segundo **Uma colleção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

### SEXTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 15 de maio

Titulo da photographia : .....

Local em que foi tirada : .....

Nome e endereço do photographo : .....

**Declaração** — Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.

Assignatura : .....

**Endereço** : Direcção dos SERÕES, 27, Praça dos Restauradores, 27 — No verso do envelope a indicação : Sexto concurso photographico.



**A Nacional** Companhia Portuguesa de Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim - LISBOA

**EPILEPSIA!!!**

E' com a mais completa franqueza,  
com a maior lealdade que sem ter a

pretensão de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

**DRAGÉES GELINEAU**

*Confeitos Gelineau* que tem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis

**J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France)** e em todas as Pharmacias.

GRANDE DEPOSITO

— DE —

Moveis de ferro e colchoaria

— DE —

**JOSÉ A. DE C. GODINHO**

**54, Praça dos Restauradores, 56**

**LISBOA**

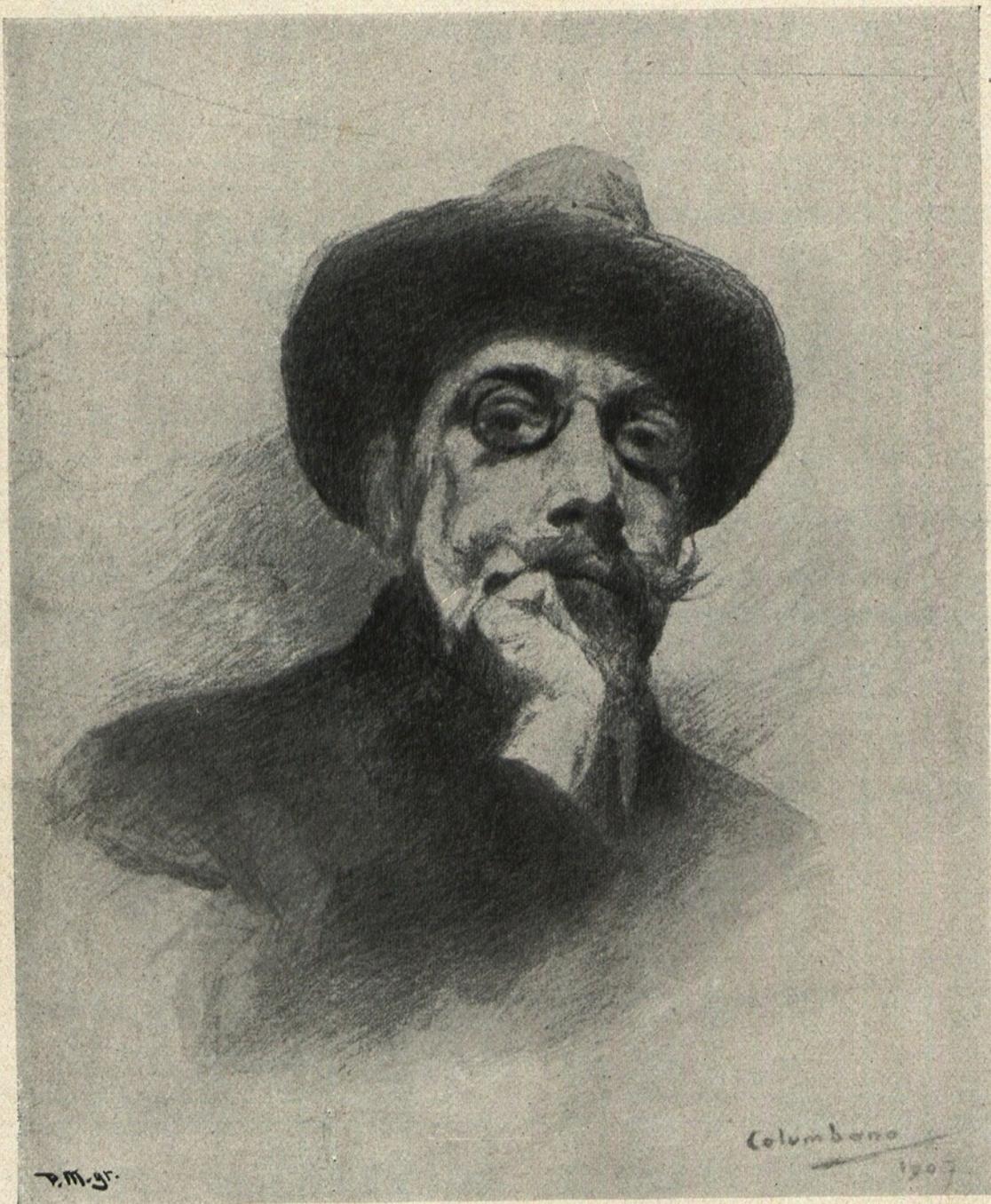
**— A ultima palavra —**

Relogio privilegiado  
pelo seu  
exato regulamento

**Chronometro ZENITH**

**— Á VENDA EM TODAS AS RELOJOARIAS E OURIVESARIAS —**

Depositario: José d'Araujo Pereira - R. Garrett, 109, 2.º - Lisboa ❖ Filial no Porto: R. das Flores, 89, 1.º



# COLUMBANO

*Auto-retrato inédito*

# O PINTOR DOS INTELLECTUAES

## Columbano



U não conheci Columbano no seu *atelier* do Pateo do Martel, «um recanto de aldeia, perdido na cidade — como uma arvore

verde na desolação d'uma pedreira», de que na sua prosa tragediada, funesta e mysteriosa nos falla Raul Brandão.

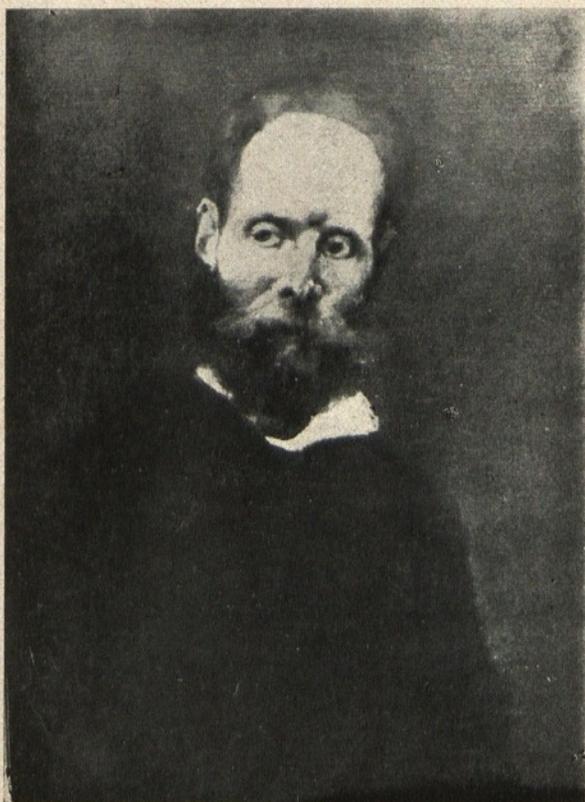
A primeira vez que o visitei foi n'esse casarão enorme, caiado a oca, com corredores onde o som dos passos vae gritar pelas abobadas, convento hontem, quasi convento ainda hoje, xadrezado de cellas de franciscanos n'outro tempo, hoje repartido em *ateliers*, que tambem são cellas, visto que todo o artista é professo d'esse

culto sagrado, divino, extremo, a que Ruskin chamou «a religião da Beleza».

Subindo do largo da Bibliotheca e entrando n'esse edificio que é o convento de S. Francisco, hoje installado em Bibliotheca Publica e Academia de Bellas Artes, passado o guarda vento da entrada da Academia, á direita uma escada nos força a quebrar

em angulo recto a nossa rotina. Descendo a escadaria, logo no primeiro patamar nos apparece um lutador em gesso, combatendo, maior do que o natural, que reteza os musculos e se prepara para o embate. Descido outro lanço d'esta escada, toda de pedra, rodapisada de alacres azulejos, uma Venus de Milo se nos depara. Continuando a nossa





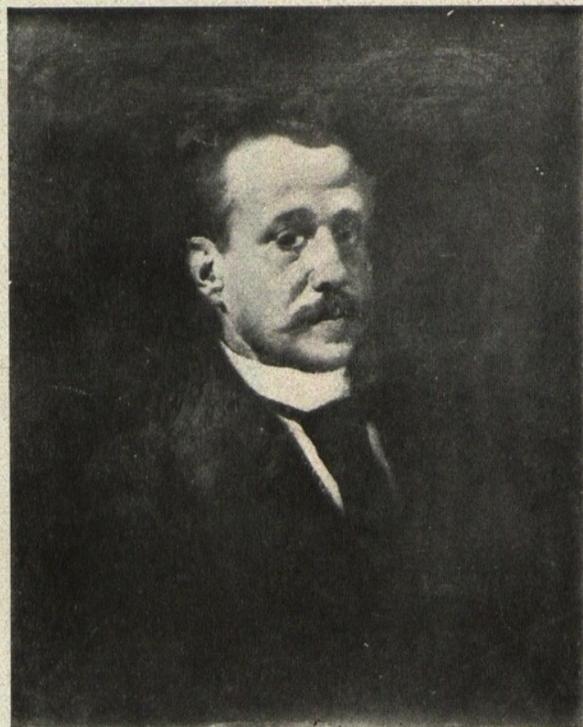
ANTHERO DO QUENTAL

trando n'uma encruzilhada a que se segue um tunel, ao meio do qual o torso mutilado de Belvedere mostra as suas cyclicas proporções, espreita-se um bocado de quintal, um recanto verde e achaletsado onde Rammalho tem o seu tugurio. Mas deixa-se tudo isso para traz e começa a ascensão de uma estreita escada de madeira. Ao topo uma janella gradeada deitando sobre um telhado limoso e negro.

O *atelier* de Columbano é aqui, ultima porta á esquerda. Foi aqui que eu o conheci. Já annos passaram desde a primeira vez que o visitei e nada, d'então para cá, no seu *atelier* mudou. Tem um deslumbramento quem ali entra vindo da negridão confusa, da luz pastosa e bafienta dos velhos corredores. O *atelier* é uma enorme sala rectangular, fechada em toda a volta como uma arca antiga. A luz, uma luz tamisada e discreta, recebe-a do alto, cahindo

viagem, ao fundo, se avista a portada do *atelier* de Simões d'Almeida á porta do qual conciliabulam ou guarda-honram varios mythologicos tambem em gesso. Essa portada de vidraça fosca cendrando a luz, se prolonga pelo corredor por onde enveredamos, via claustral e soalhada a madeira gritante, tendo do outro lado uma comprida e escura galeria envidraçada onde se guardam *maquetes* de estatuas, mascaras, bustos, etc. Collada a face ao vidro e fitando para dentro um olhar investigador, um *pandemonium* de figuras apparece. E' o grupo dos *luctadores* de Farnesio, é o *Moysés* de Miguel Angelo, é o *Lacoonte*, é uma loucura de gessos, uma população de figuras sobre a qual tivesse passado um vento de insania que lhe houvesse baralhado, confundido e aloucado as proporções.

Ao fundo, sahido o corredor e en-



FIALHO D'ALMEIDA

suavemente e tudo illuminando por igual. A uma das paredes do fundo, a da esquerda de quem entra, dois bellos tremós Luiz XVI se encostam. Espelhos, molduras a oiro e perola, bustos aristocraticos, figuretas adoraveis. Um biombo á direita, e um

sos diversos, uma multidão de cousas que só ali achou disposição conveniente. Se levarmos mais longe a nossa curiosidade, buscando as leituras do pintor pelo relancear das lombadas, se verão aprumados na estante livros de Eça de Queiroz,



O ATELIER DE COLUMBANO NA ACADEMIA DE BELLAS ARTES

pouco a menos do centro da casa duas columnas susteem um tapete de Arrayolos de um desenho simples, quasi barbaro, e fazem por assim dizer como que uma divisão do *atelier*. Por detraz d'isto se encontra uma estante com livros, parte da bibliotheca do artista, uma armadura, ges-

Oliveira Martins, Fernando Leal, e outros escriptores portuguezes, a par de estudos sobre pintura, do D. Quichote, e da mais classica litteratura franceza.

Ao longo das paredes immobilisa-se a sua preciosa galeria de retratos. O retrato de José de Figueiredo, ainda

incompleto sobressahe ao lado do de Vicente Arnoso. O de Mariano Pina, o artista tão prematuramente morto em Paris, apparece sobre aquelles, emquanto aos lados se enfileira uma preciosa serie de pequenas telas entre as quaes se avistam os retratos de João Barreira, de Raul Brandão e uma deliciosa, uma adoravel e original cabeça de mulher.

N'um sophá amontoam-se revistas de arte. Em frente n'um degrau agrupam-se pinceis. N'um cavalete fronteiro o actor Valle, n'uma tela flagrante, mostra a sua cara ironica e contumaz. Lá mais para o fundo, um Christo crucificado estorce-se na sua cruz e ao longo da outra parede correm os *panneaux* que o artista destina á Escola Medica. Eis aqui summariado o *atelier* de Columbano, o meio onde elle consome o maior tempo da sua vida. O conjuncto é artistico em extremo e uma nota



CONDE DE ARNOSO

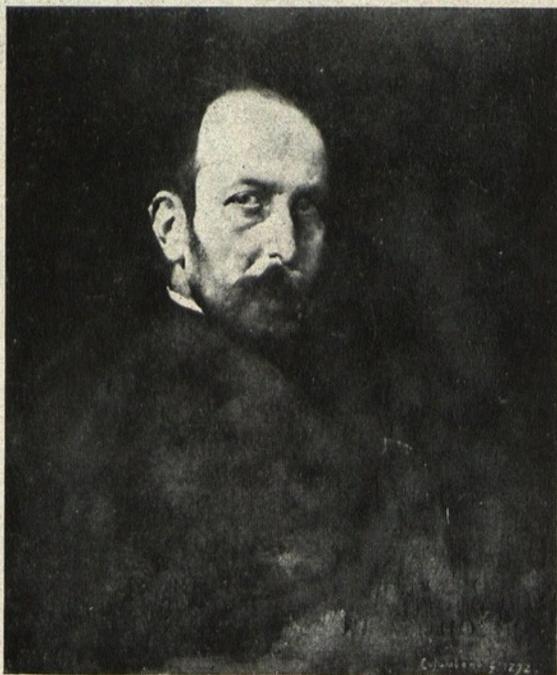
quasi sempre de luneta, um aspecto de timido, de encolhido, quasi se diria ao vel-o que é seu ideal passar despercebido, que o não notem, que o não apontem. Columbano tem o horror da multidão. Aos ruidos da cidade, ás grandes kermesses, elle

original, pessoa-lissima, apparece sempre se minuciosamente buscarmos cada detalhe.

\* \* \*

Columbano Bordallo Pinheiro, o grande mestre da pintura portugueza, é uma figura interessantissima e muito original. Baixo, nervoso, barba negra, pallido,

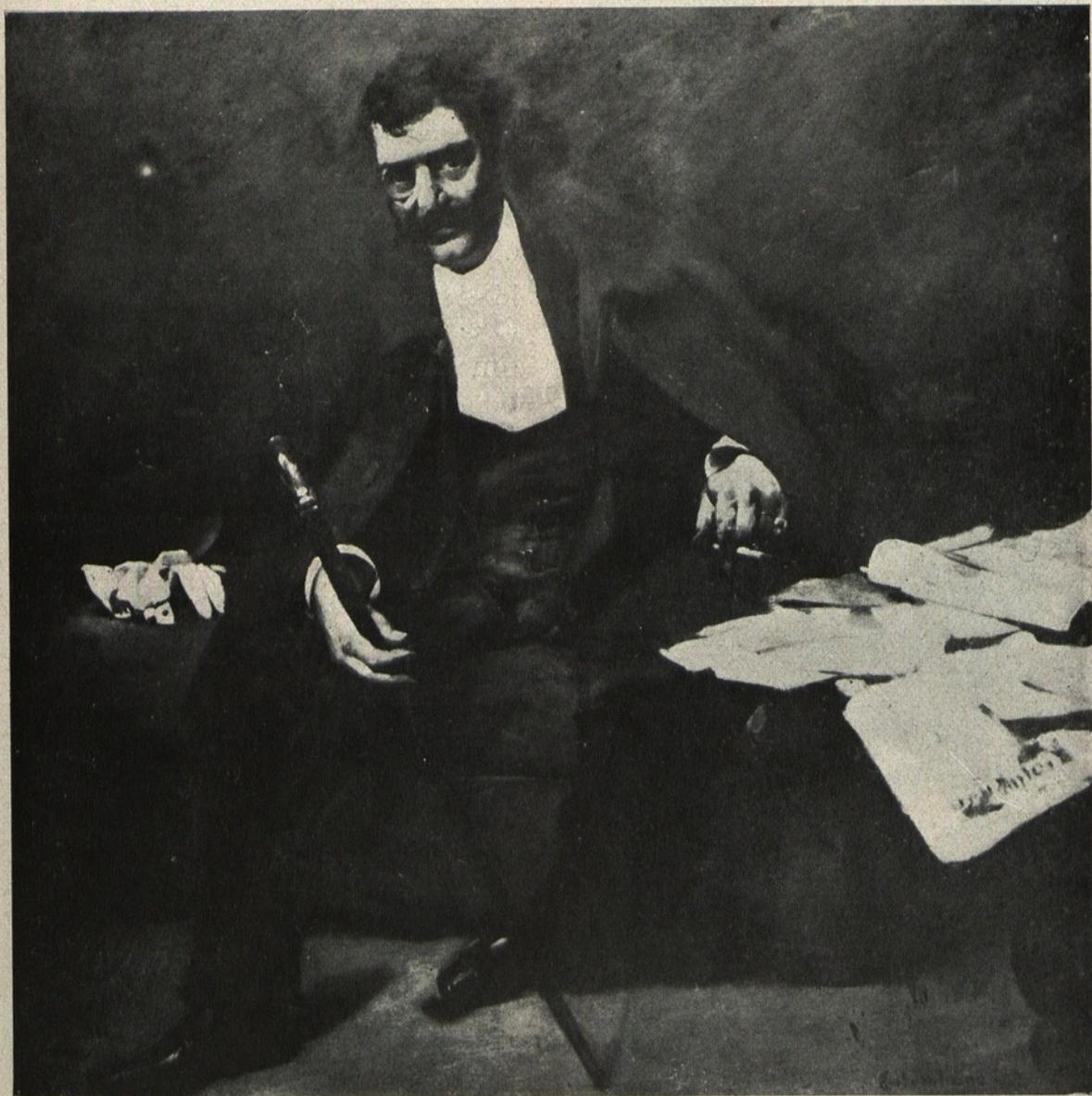
prefere o recanto silencioso do seu *atelier*, onde o ruido da turba não chega. Na intimidade é uma creatura adoravel, cheia de bondade e de affeições, sentindo por isso mais intensamente a aggressividade dos outros. Um bello conversador, um espirito de *elite*, formado de um profundo amor pela sua arte. Tal é o homem.



HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

O artista é por demais conhecido. Columbano é o mais original e o mais estranhamente artista dos nossos pintores. A sua pintura divorcia-se inteiramente da dos seus contemporaneos. Debalde a pretendem

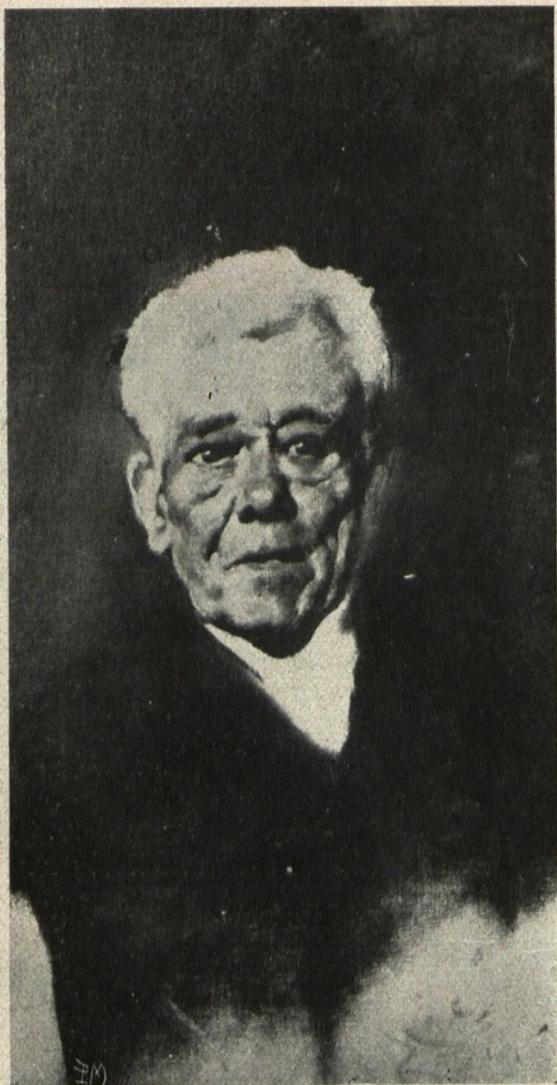
tudo isto cahe por terra. A obra de Columbano não se filia em escolas. E' producto de um temperamento. E' muito sua, muito pessoal. A sua factura, o seu desenho — e elle desenha admiravelmente — a sua côr e a sua



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

filiar ora n'esta ou n'aquella escola, debalde tentam descobrir quem deu ao artista o segredo dos tons, a interpretação da luz e a originalidade do colorido tão particularmente seu. Tem-se invocado Ribera, traços de Goya, tonalidades de Rembrandt. Mas

composição, a *sua maneira* emfim, impoz-se definitivamente. Columbano foi o mais guerreado dos nossos pintores. Para vencer, para conseguir chegar, que lucha exhaustiva elle não teve que sustentar contra a banalidade, a inveja e a solercia dos outros?



O ACTOR TABORDA

Cahido n'um *meio* onde todas as manifestações de arte passam indifferentes e que tem pelos seus homens de genio um grande desdem, Columbano, sombrio e cheio de talento, expoz as primeiras telas. Já então a sua côr era uma cousa original e marcava algo de novo e de maior sobre a multidão dos concorrentes. Foi um ruido extraordinario. Foi odiado, porque a ninguem se perdôa o ter talento. A critica escolheu dos seus arsenaes as settas mais hervadas e pediu ao odio, á calumnia e á inveja o que lhe faltava. Pois não conseguiram vencer. Este homem refugiou-se, com o seu

perpetuo ar de misantropo, a sua tristeza vaga de sonhador, no recanto do seu *atelier*. Deitou-se ao trabalho com a persistencia dos fortes, a persistencia fria dos homens de genio, a testarudez dos que trazem dentro da cabeça alguma cousa que dizer e ninguem os quer escutar. A esta persistencia deve elle o seu nome.

Zola conheceu isto, porque um dia em que d'Amicis lhe perguntava o segredo do seu triumpho, apesar de toda a guerra que lhe moviam, o auctor do *Germinal*, candidato eterno e persistente á Academia, respondeu: «Deixo cahir os meus livros um a um no meio da rua. Um dia a multidão hade parar.» E parou. Exactamente como succedeu com os quadros de Columbano.

O *atelier* onde o pintor começou era no pateo do Martel, um *atelier* que já hoje a lenda envolve. Por ali, «por aquelle quintalorio cheio de sol,



O ACTOR VAL E



O ACTOR AUGUSTO ROSA NO «AFFONSO VI»

umas grandes botifarras de camineiro, meias azues de cavador e uma bengala que mais parecia um cajado, meio de philosopho e meio de pobre, e lhe fallara:—«Sou o Anthero. Disseram-me que tinha vontade de fazer o meu retrato...

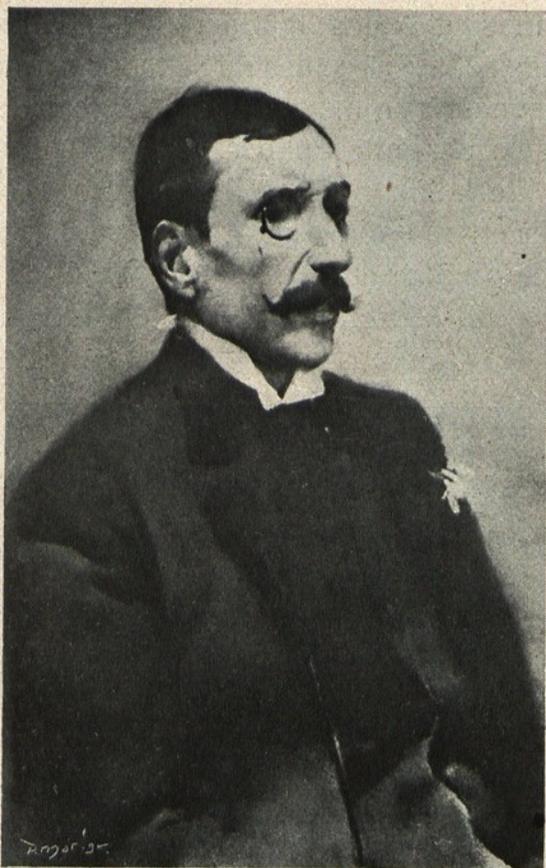
—«Não senhor! Eu é que lhe pe-



O ACTOR JOÃO ROSA

por sob a figueira de sombra espessa, passaram, entrando no *atelier* de Columbano, os homens mais illustres da nossa terra». «Uma trepadeira cobria inteiramente a casinha terrea; n'um recanto, ao pé do muro, um pé de balsamina, coberto de flores, entontecia e medrava.» Foi n'esse refugio que Columbano construiu a sua obra e o seu sonho. Anthero, Eça, Silva Pinto, Guerra Junqueiro, D. João da Camara, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Batalha Reis, Fialho de Almeida, por ali passaram e ali foram retratados. Foi ali que elle velou as armas. E é tambem d'ali que elle conserva as suas melhores recordações.

Fallo-lhe do nirvanico Anthero, do Anthero do Quental, o santo Anthero da minha admiração. Perguntei-lhe se elle um dia, como eu lêra em qualquer parte, lhe batera á porta com



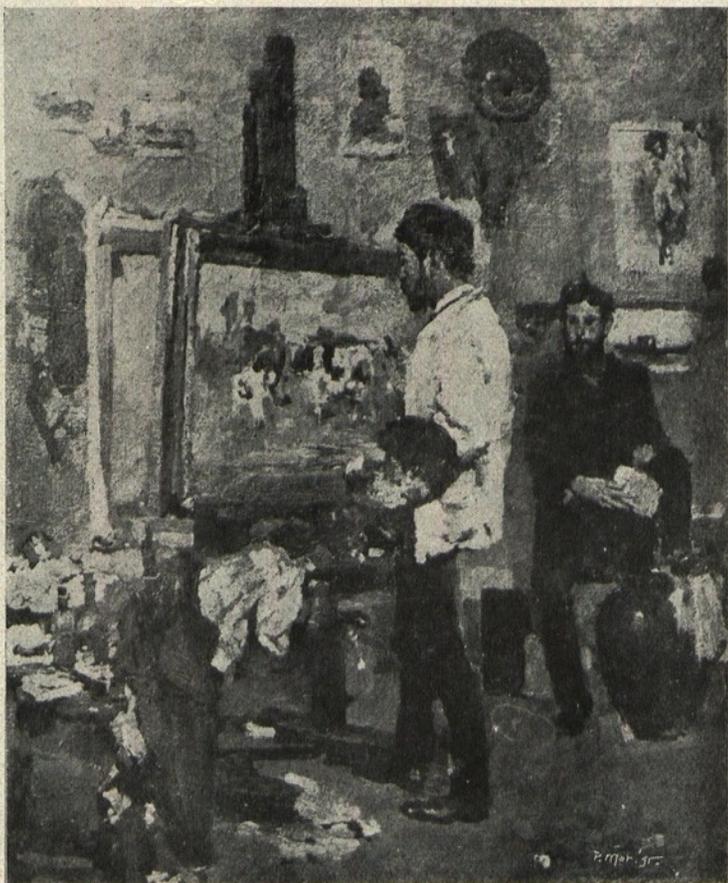
EÇA DE QUEIROZ

dira para vir. O resto é tudo phantasia. Estou a vel-o com os seus olhos azues e as suas barbas loiras. Vestia bem, sem affectação e sobriamente. Veiu a meu pedido e depois continuou a vir. Passava tardes inteiras no *atelier*, sentado n'uma cadeira, mãos crusadas, escutando interessado ou absorto em pensamentos. Deslumbrava pela sua simplicidade e pela sua erudição. Uma ocasião fallou-se de rendas. E Anthero começou apreciando, com uma tal abundancia de notas, de esclarecimentos e uma tal profundeza que mais se diria uma conferencia para que elle já de

ha longo tempo se viesse preparando...»

— «Francisco Teixeira que ao tempo andava na Escola Polytechnica e que era frequentador assiduo do *atelier* era tambem conversador assiduo com Anthero. Tudo o que se escreveu é, como vê, pura invenção...» E continuando sobre o poeta. «Era calmo, delicado, affavel. Nenhuma tragedia transparecia na sua mascara alegre quasi. Por isso foi para mim um acontecimento inesperado a noticia do seu suicidio. E bastante tempo em meu cerebro labutou esse desgosto...»

Eça de Queiroz foi tambem um dos grandes visitantes — «Lembro-me de um jantar que, quando foi da publicação de um dos seus livros, se lhe offereceu no Montijo.» «Uma occasião



O ATELIER DE SILVA PORTO

vindo a pousar senta-  
ra-se n'esse sophá.» E  
aponta-me o sophá em  
que me sento, forrado  
a velludo côr de azei-  
tona e que desaparece  
quasi sob uma mon-  
tanha de reproducções  
de quadros e obras ce-  
lebres. «Olhou e viu  
em qualquer parte um  
exemplar da *Reliquia*,  
já ha annos publicada.  
Levantou-se, buscou o  
exemplar e começou a  
ler, como se lhe fosse desconhecido o  
livro. Riu-se muito da leitura, achou  
muita graça a tudo aquillo e quando  
o arrumou resumiu: «Ora aqui está  
uma coisa que eu não tenho.»

Junqueiro, nervoso, alegre, foi quem  
peor pousou. Não socegava e per-  
guntava continuamente:

— Está prompto? Está prompto,  
heim?



SOARES DOS REIS

lega referindo-se ao retrato dissera  
a Antonio Pedro: — «Estás muito  
feio...» Mas seria essa a razão? Quem  
n'ó sabe? O certo é que o retrato ali  
ficou no *atelier*, inacabado, mostrando  
esse feio homem de genio que foi  
Antonio Pedro, com uma fidelidade  
pasmosa. Devia ser. Antonio Pedro  
não podia achar-se em frente de si  
mesmo sem soffrer cruciantemente

a magua da sua  
figura.

\*  
\* \*



JAYME BATALHA REIS

E' de 1872 a  
primeira tela de  
Columbano. De  
então para cá a  
sua obra é enor-  
me. Mais de 150  
trabalhos se po-  
dem contar. A  
galeria dos seus  
retratos é uma  
coisa maravi-  
lhosa e curio-  
sa documenta-  
ção para a poste-  
ridade sobre os



RAUL BRANDÃO

grandes homens do nosso tempo. Ali encontra o futuro os nossos intellectuaes quasi todos. Pena é que falte Camillo, já alguém notou. Pena que o proprio pintor tem, mas nunca em vida do grande e desventurado homem de genio occasião se proporcionou para elle pousar.

Foi com este grupo de creaturas, que constitue a galeria de Columbano, que elle se deu. Ellas foram as suas affeições e a sua amizade, o refugio da banalidade irritante. Nenhum pintor houve que tão artista fosse, que só se desse a pintar homens de letras, quasi todos pobres. Sim, porque Columbano com a sua vasta obra não tem ganho contos de réis. A sua vida tem sido uma dedicação ao seu Sonho e nenhuma outra labareda o consome e o faz

estremecer, mais do que o grande amor que tem á Arte. Se percorrermos a galeria dos seus retratos encontraremos os nossos homens mais notaveis. Assim é que lá estão Anthero, Oliveira Martins, e Raphael Bordallo, trez grandes mortos. Antonio Nobre, Marianno Pina e D. João da Camara. Eça de Queiroz, o artista da prosa, amargo torturado. Dos vivos estão os vultos de mais valor das nossas letras: Fialho d'Almeida, o artista maximo, da ironia e da commoção; Henrique Lopes de Mendonça, o grande artista revivedor das figuras da nossa historia; João Rosa e Augusto Rosa; Silva Pinto, o azedo comentarista dos homens e dos factos; Batalha Reis, Coelho de Carvalho, Antonio Feijó, poeta e diplomata; Eugenio de Castro, o musico, o filigranista do verso, João Barreira, de velazquiano perfil, Raul Brandão, o artista bizarro da *Farça*, Abel Botelho, chronista do *bas-fonds* e do vicio, Guedes Teixeira, o poeta da *Mocidade Perdida*, Henrique de Vasconcellos. José Queiroz, Vicente Arnoso, José de Figueiredo, critico de arte, profissão rara em Portugal; Conde de Arnoso, o pintor Casanova, Trindade Coelho, Francisco Teixeira, e muitos mais nomes que

representam algo e que algo valem. O que os seus retratos são disse-o um dia Sargent, parando deante de um d'elles. Examinou-o demoradamente, cuidadosamente, após o que, procurando a assignatura, volveu: «Eis aqui um grande artista!»



HENRIQUE DE VASCONCELLOS

Os seus destaques de luz e sombra, o seu modo de vêr o modelo, tudo o torna inconfundível. Columbano é um grande creador. Tem seguido sempre a sua linha ascencional, sem cuidar de outros processos, de outras maneiras que não sejam a sua.

Columbano tem feito pastel, mas os seus retratos são quasi todos pintados a oleo. Desenha maravilhosamente. O retrato de Henrique de Vasconcellos, a lapis, é uma cousa absolutamente ideal. O auto-retrato que este artigo acompanha e a deliciosa cabeça de mulher que o finalisa são dois trabalhos deliciosos, de arte, de belleza e de perfeição. Nas mais pequenas coisas, vincam os grandes artistas o seu genio.



COLUMBANO, POR CELSO HERMINIO

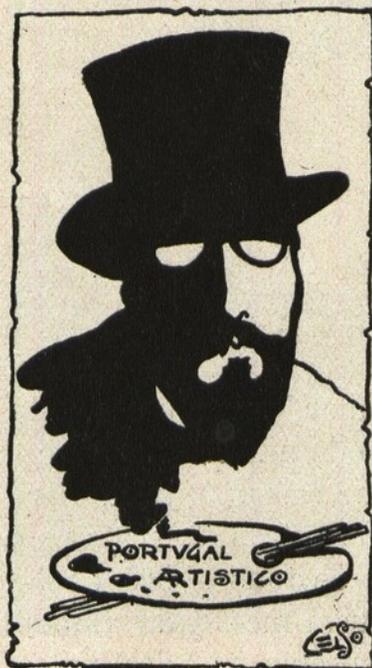
Da Revista de Hoje

na sua alma alguma cousa acima do vulgar, um ideal soberbo, um orgulho de raça e de character, que fazem d'elle um dos mais notaveis pintores peninsulares».

Guedes Teixeira disse que elle é o maior dos nossos pintores e que se quizesse teria sido «o maior dos nossos poetas, o maior dos nossos esculptores». «E' um temperamento extraordinario, dotado das mais amplas faculdades, com uma sensibilidade espantosa, um esmero inegalavel e uma inegalavel seriedade no trabalho, duvidando sempre como todos os grandes e, portanto, como todos os grandes subindo sempre, dedicando á sua arte toda

Nenhum pintor tem sido mais discutido do que Columbano. Mas tambem nenhum tem sido mais aclamado. Quasi todos os nossos escriptores se tem occupado da sua figura originalissima e da sua obra tão pessoal.

Fialho d'Almeida, nos *Gatos*, chama a Columbano o «poeta do feio forte, o chronista



Columbano

SILHUETA, POR CELSO HERMINIO

a sua vida e toda a sua vontade e vencendo, triumphando por fim, sem que a gloria nunca o desvaneça e os applausos o distraíam».

Henrique de Vasconcellos com Raul Brandão vê na obra de Columbano uma intenção psychologica.



CABEÇA DE MULHER  
*Estudo inédito de Columbano*

O primeiro, depois de affirmar que «Columbano não é discipulo de ninguém» e depois de lhe notar certas qualidades da escola flamenga, outras da Veneziana, e a «riqueza de tons de Velasquez», diz que ninguém melhor do que elle sabe interpretar o «modo de ser psychico, fundamental

e permanente de cada um dos seus retratados».

Apesar do juizo dos seus contemporaneos lhe ser favoravel, — refiro-me sómente aos juizos emitidos por artistas, creaturas que se identificaram com a visão de arte que Columbano tem, — Columbano é um homem com immensos inimigos. Nunca transigiu, nunca subservienciou, não louvaminha. E' justo em todas as suas apreciações e de uma rectidão absoluta, — um grande character dentro de um grande artista. Ora isto é uma coisa imperdoavel. Nunca ninguém perdoou aos que persistem e com vontade de ferro, energia inquebrantavel, juraram a si mesmo ir buscar poiso no sitio que imaginaram. Porque a gloria, sendo a montanha encantada das *Mil e uma noites*, onde os que começam a ascensão e lhes faltam forças se transformam logo em pedras gritadoras, bradando mil perigos e tentando demover o que vae buscar a gaiola de ouro, que se guarda lá no cimo, é tambem «o palacio encantado cujas portas abrem para o vacuo». Illusão, illusão sómente, que

secca, que envelhece, que mata. E a gloria em Portugal que é? Ah! é bem triste ter nascido homem de genio n'este paiz. Penso-o sempre que lembro as luctas, os esforços e a obra de Columbano, — aguia real que o destino condemnou a viver entre milhafres.

E a proposito de Columbano vá lá uma anecdota.

Um critico irreverente e atrevido, sem nome e sem obra, novô, má-língua, jactanciava-se de não sei em que revista ter aggreddido Columbano. Encarecia o seu juizo, mostrava o *non plus ultra* demolidor da sua prosa, contundente, alanhante, arrazadora.

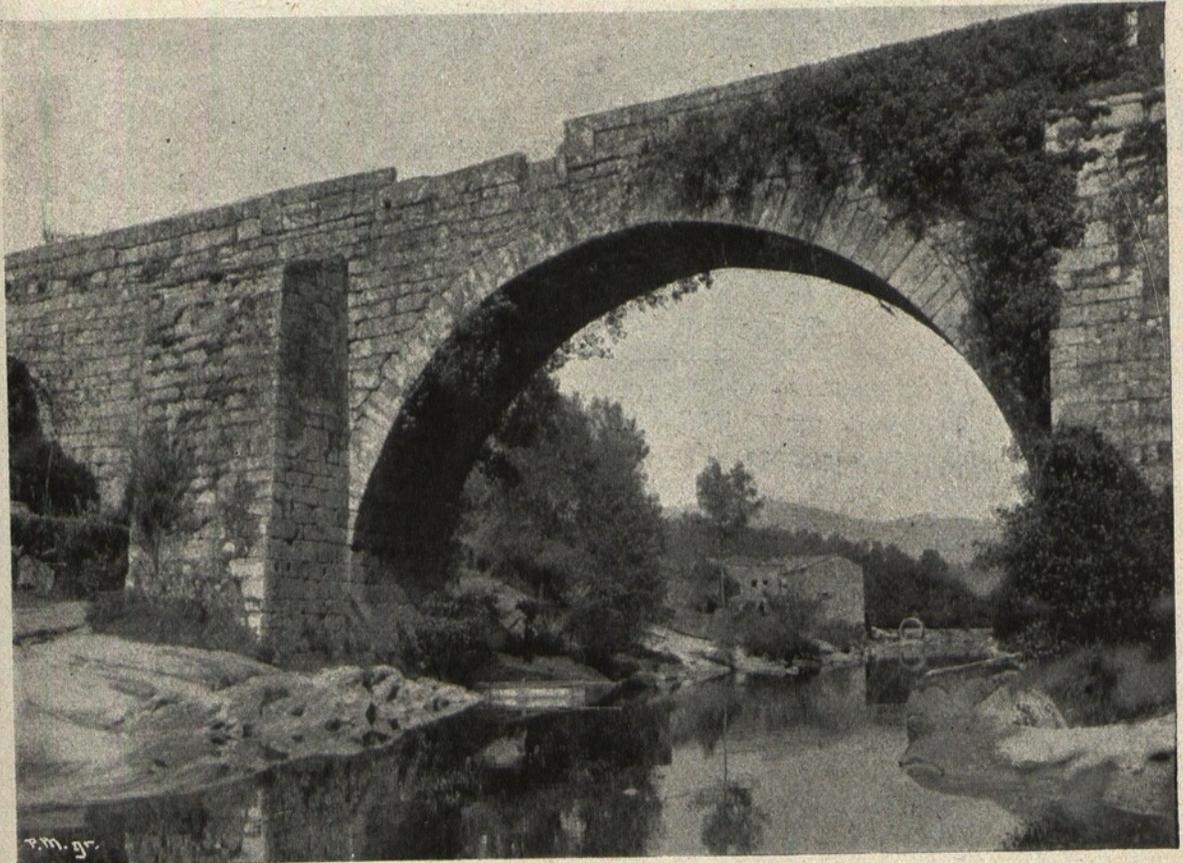
Foi n'uma conhecida livraria. Uma das nossas mais gentis mulheres de theatro, auctora tambem, creatura de muito espirito, ouvia, ouvia, sem saber quem era que ali surgia inconoclasta e vingador, terramotando o mundo com a sanha do Apocalypse. Ouviu e não se conteve sem que com um riso zombeteiro lhe perguntasse n'uma voz ainda mais zombeteira e admirada: — E Columbano ficou vivo?

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.



## Quinto Concurso Photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



PONTE ROMANA — Rio Homem — CALDELLAS

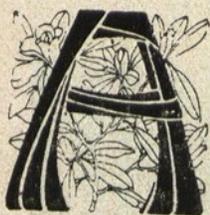
Cliché do sr. Antonio Manoel Lopes



O AZYLO MILITAR DE RUNA

# A princeza Maria Benedicta

## e o seu azylo militar



uma comprida legua de Torres Vedras, n'um valle ameno e fertil que montanhas encandeiasdas cingem, adquiriu a princeza Maria Francisca Benedicta, filha de D. José I, a quinta denominada *Terras de Alcobaca* por ter pertencido aos monges do mosteiro de Santa Maria.

Em 1792 empreheendeu a obra grandiosa de riqueza, piedade e patriotismo que hoje alli existe e que, por diversas vicissitudes d'aquelles agitados tempos, só em 25 de julho de 1827 conseguiu ter o jubilo de inaugurar, tornando assim memoravel e querida dos pobres azylados a data do seu nascimento.

Como o lugar de Runa, uma caiada e graciosa aldeia, é apenas separado das *Terras de Alcobaca* por uns quinhentos metros de terra e pelo esguio leito do Sizandro, a breve trecho se chamou ao estabelecimento Azylo de Runa, nome por que ainda hoje é conhecido.

Ao fundo d'uma areada e espaçosa rua guarnecida por arvores e arbustos varios, ergue-se, n'um vasto largo um pequeno monumento com que o exercito portuguez quiz perpetuar a memoria de El-Rei D. Pe-

dro V, entregando além d'isso ao mesmo estabelecimento 3:900.000 réis, somma que hoje se eleva a mais de 34:000.000 réis, para, sob o mesmo regimen ordenado pela Princeza, se abrigarem alli alguns invalidos mais.

A estampa que acompanha este artigo dispensa-me de descrever o azylo exteriormente. Do seu interior e recheio tentarei em rapidos e breves traços, para não ser fastidiosa, dar uma ideia ao leitor. Subindo cinco espaçosos degraus, trez largos portões de ferro dão ingresso para o atrio cuja abobada é sustida por doze elegantes columnas de marmore extrahido das pedreiras de Figueiredo e Furadouro. Na frente, a porta da capella que pelo espaço e sumptuosidade, bem se pode chamar igreja; aos lados quatro portas que communicam com o interior do edificio, cujo plano foi traçado pelo notavel architecto José da Costa e Silva tendo em vista todas as condições de hygiene e commodidade que uma instituição d'este genero requer. Trez corredores tão vastos que uma carruagem poderia sem difficuldade transitar por elles, rodeiam o edificio nos seus trez pavimentos e para elles dão portas todos os aposentos. Ao centro, um enorme pateo com mais de oitenta

metros de comprido, que o corpo da egreja divide em dois, impede que haja um unico quarto escuro. Quando as muitas larangeiras, com que o tornaram pomar, estão em flôr, espalha-se por todo o edificio um perfume estonteador que alenta e revigora aquella repousada mas, pelas recordações, nem sempre alegre velhice.

Tantas janellas como dias tem o anno! dizem jubilosamente os bons velhos tirando vaidade de que lhes sobeje luz: mas o que superiormente os encanta é a egreja, onde o architecto, mais do que em qualquer outra parte, deixou impresso o seu delicado bom gosto. Tem a fórma de Cruz; ao centro, sob a cupula, o throno, com quatro faces e na base de duas d'ellas, dois altares.

Nos chanfros das paredes, fronteiras aos quatro angulos do throno, em nichos de mais de dois metros de altura, quatro imagens magnificas representam N. Senhora da Conceição, S. José, S. Thiago e Santo Antonio. Lamento não saber o nome do esculptor, por certo insigne, ao cinzel do qual se deve tão esplendido trabalho. Todas ellas encantam pela belleza e correcção das formas mas nenhuma iguala S. Thiago pela melancolica energia do rosto macerado, a formosura dos pés, nos quaes se notam sob a pelle os mais ligeiros tecidos e sobretudo a expressão de vida das mãos que são d'um impressionismo tão vivo que, embora por diverso aspecto, em nada se mostram inferiores ás do Judas no celebre quadro da ceia de Leonardo da Vinci.

Para communicar tanto á pedra, para a

tornar assim palpitante de relevo e graça, é forçoso, além d'um talento creador, ter uma poderosa faculdade de sentir, qualquer cousa de mais que humano.

As paredes do templo são todas revestidas de marmores brancos, côr de rosa e pretos, estes lindissimos. todos extrahidos das pedreiras das cercanias.

Sobre a cimalha, em frente da entrada, ha um formoso grupo da Gloria, maior do que o natural, tambem esculpido no marmore e cujo desenho, como o da riquissima

custodia, se attribue ao artistico lapis da Princeza. Dezoito tribunas, á altura do andar nobre, cercam a igreja que por ellas e por oito janellas do zimbório, recebe profusamente luz. Nos quatrocentos aposentos do estabelecimento, todos optimos, nada ha para notar a não ser a parte em que a Princeza habitou que tem, além de divisões amplissimas, um grande pé direito, e bom gosto nas modestas pinturas que ornam as paredes, como nos soberbos papeis que recobrem



A PRINCEZA D. MARIA BENEDICTA

alguns aposentos. Mobilia, nada ou quasi nada. Custa a crer que sua alteza tivesse a casa tão completamente desguarnecida.

Quatro mezas doiradas, algumas de jogo ordinarissimas, umas raras e mesquinhas cadeiras, uns bancos de pinho almofadados, eis tudo.

A propria cama em que dizem que a Princeza morreu é um leito de madeira tão excessivamente modesto que causa espanto. Em desharmonia com esta pobreza, mais que franciscana, um esplendido e lindo serviço

de louça de Saxe e alguns valiosos objectos de prata. Todos esses valores se acham depositados n'um quarto com porta de ferro a que dão o nome de *casa da prata*. O pequeno oratorio da Princeza, que em nada se distingue, conserva-se como ella o deixou.

Entre alguns quadros sem valor destacam-se uma magnifica tela representando S. Jeronymo, um retrato do principe D. José e dois da fundadora, um dos quaes, em tamanho natural, foi habilmente restaurado com o disvelo da mais tocante gratidão pelo alferes Charles Bèghuim, official recolhido no azylo.

A dois kilometros das *Terras d'Alcobaça*, á esquerda de quem se dirige a Torres, ha uma pequena gruta aberta na rocha tendo bancos cavados em volta, e ao centro uma meza de pedra. Alguns sobreiros annosos sombreiam a entrada d'este retiro alpestre onde o povo na sua poetica linguagem diz que a Princeza vinha quasi todos os dias conversar com os anjos. Quem bem quizer ajuizar d'alguem é pelo povo e pelos desvalidos da fortuna, que o conheceram, que deve fazer obra. Diz o adagio: *vóz do povo, vóz de Deus*. Não ha nada mais certo.

E' pois a esses que de preferenciá sempre me dirijo quando quero aquilatar o coração d'alguem.

Nos pobres tinha a Princeza quasi fama de santa.

Tratei de perto um encantador par de velhos que tinham a historia da sua mocidade e dos seus amôres ligada á construcção do azylo. Elle, o pedreiro João Cabaço, trabalhára alli desde que os alicerces se lançaram á terra, e alli caíva ainda os corredores com mais de noventa annos: amava aquellas paredes como um pae ama o filho. A mulher, lavadeira do azylo, alli teve tambem o seu emprego até que a velhice os impediu a ambos de trabalhar. Então, arrimados um ao outro, passavam os dias a rezar e as tardes sentados n'um poyal á porta da sua misera cabana relembrando o bom tempo passado. N'essa palestra o assumpto obrigatorio era o azylo e os habitantes que alli tinham conhecido. Eu gostava de os ouvir e assim aprendi muitos e graciosos factos de que ainda conservo memoria. Contarei dois que frizam bem o immenso thesouro de bondade que encerrava o coração de D. Maria Francisca.

Gostava a princeza de ouvir as conversas dos velhos sem que a presentissem, para saber se estavam contentes ou se lhes faltava alguma cousa.

Um dia chegando a uma das janellas da casa de jantar, sob a qual havia um longo banco de pedra, viu n'elle dois invalidos jogando as cartas.

A Princeza indignada perguntou-lhes de chofre:

— Não sabeis que é prohibido jogar?

Um d'elles baixou a cabeça e não respondeu: o outro mais animoso retorquiu-lhe:

— Sabemos, senhora,

— Então porque o fazeis?

— Aborreciamo-nos, respondeu ingenuamente o soldado.

A Princeza tornou-lhe immediatamente: — Continuai; por esta vez dou-vos licença.

E retirando-se da janella murmurou contrariada:

— Não se pôde fazer ninguem feliz! . . .

A' tarde mandou-os chamar.

— A licença que hoje vos dei não se pode repetir. Quero que me digaes em que vos entretinheis em Lisboa.

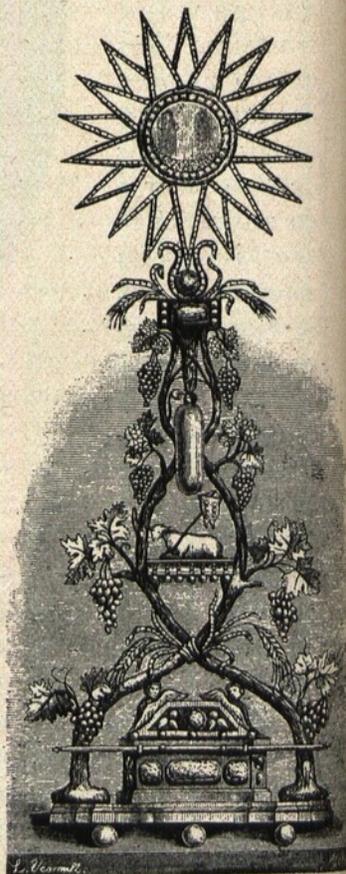
— Eu, senhora, tocava flauta.

— E vós?

— Eu quando *calhava* lia novelas.

— Está bem, podeis retirar-vos. E voltando-se para o seu secretario ajuntou: Tomai nota para fazedes vir de Lisboa uma boa flauta e cinco ou seis volumes de bonitos contos. Elles teem razão; o espirito tambem tem necessidades.

Dias depois os pobres velhos, vendo realisados pela mão da



GUSTODIA DO AZYLO  
Desenho  
da princeza Maria Benedicta



O INVALIDO VIUVO

Princeza os seus desejos, choravam commovidos.

Mas nem sempre a gratidão é commoda: á tarde sentados sob as janellas da Princeza tocavam flauta e soletravam: e, como eram bastante surdos, calcule-se em que diapasão.

De outra vez, ouviu a princesa na horta um coxo que, para demonstrar a outro invalido a sua gratidão por ella, dizia que para lhe ser agradável cortaria a outra perna. A Princeza mostrou-se então e disse-lhe:

— E'-me grata tal prova de dedicação e vem a proposito, prometti uma perna de cera ao Senhor do Calvario se me diminuisse o rheumatismo; prefiro offertar-lh'a de carne.

O velho, tão rude quanto dedicado, lançou mão d'uma machada que estava encostada a uma arvore e apontando o joelho interrogou naturalmente:

— Por aqui?

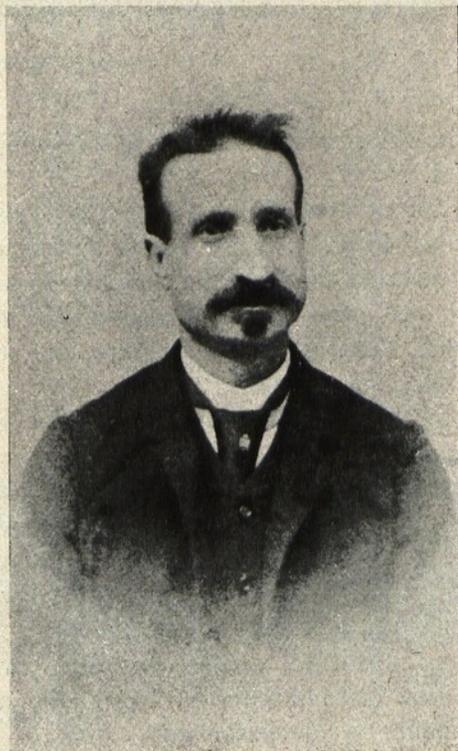
Não foi facil suster-lhe o impeto, nem convencel-o de que a princeza gracejava. Sensibilisada por tão cega dedicação, aquella senhora instou para que lhe pedisse o que quizesse. Então elle, enleiado e sem se atrever a levantar os olhos, respondeu:

— Um terço bento em Roma para rezar por Vossa Alteza.

E naturalmente como este, todos sentiam assim. Dizia meu avô que pagar dividas de gratidão era para corações portuguezes tarefa grata e facil: assim o creio.

Ha poucos annos ainda a jura predilecta dos invalidos era «pela alma da Princeza». Isto prova quanto, mesmo alem da morte, ella se lhes insinuou no coração.

Faltava aos velhos um sitio onde passeiar; o unico recurso que havia era a estrada, perigosa para cegos e aleijados peio muito movimento que tinha antes da abertura da linha ferrea. Lembrou-se o general Eça de fazer construir um parque nas terras de sementeira contiguas ao azylo, e para essa boa obra concorreram, além de El-Rei D. Luiz, muitos amigos do general com grande copia de arvores e arbustos. Os velhos exultaram, sobre tudo quando viram bancos e um jogo da malha. Entre muitos melhoramentos alli introduzidos por este commandante o parque foi decerto o melhor e talvez mais do agrado de todos, bem que muitos lhe excedessem em utilidade. Alli era facil surprehender-lhes interessantes farrapos de conversa, cheios de ditos e apreciações curiosas. Alguns para amostra.



O LONGUINHOS

Um dia chegou ao azylo um novo invalido, e á tarde, sentado entre dois outros, conversavam já como amigos velhos. Depois do recém-vindo se ter informado de todos os pormenores do regulamento, chegou a vez dos outros indagarem:

— E's solteiro?

— Não, sou viuvo e tenho filhos.

— Então viéste para aqui?!

— Que querem?... cousas da vida.

— Enviuvaste ha muito?

— Ha dois annos,

— E tiveste muita pena da tua mulher?

— Hum! hum! verdade, verdade, muita não tive.

— E' que ella era das taes...

— Lá isso não; nada havia que se lhe dizer, mas era um pessimo recruta; nunca

cêra e alcool que punha a pedra brilhante como um espelho, mas escorregadia ao ultimo ponto. Quando andava empenhado n'aquelles graves serviços, o seu estribilho valido era «Brrr... este latim é que me hade matar». Muita vez o advertiram de que um dia era o primeiro a ser victima da belleza dos degraus, mas elle, envaidecido na sua obra, cada vez lhe puxava mais lustro. Um dia, á missa das onze, quando ao Evangelho mudava o missal, cahiu, partindo desastrosamente uma perna: então no meio das exclamações do povo que assistia, e sobre tudo das mulheres, que afflictas, o julgavam morto, elle bradou n'um tom que fez com que a custo se sustivesse o riso «Brrr... eu bem disse que este latim me havia de matar». Impossibilitado de se abaixar, teve de decli-



RUA DAS VINHAS — *Entrada principal do asylo*

foi possivel com ella manter a disciplina no quartel.

N'isto, o hortelão, que accumulava as funcções de jardineiro e que a alguns passos enxertava uma roseira, lembrando-se de que a sua cara metade, quando elle bebia de mais, o castigava severamente, não resistiu a intervir dizendo:

— Se ella era mulher!... não ha peor gado.

Outro. Havia um invalido, chamado Soares, creio que sargento, sempre muito escovado e penteado, para o qual as delicias da terra era ajudar á missa e cuidar da igreja. Varias vezes, por estar velho, lhe quizeram dar um substituto, mas elle insistia por tal fórma em permanecer no lugar que aliás desempenhava perfeitamente, que o iam deixando ficar. Tinha a mania de brunir os degraus do altar com um preparado de

nar o cargo, mas sempre que podia assistir á limpeza da igreja dizia ao sachristão:

— Dá cera n'esses degraus, põe-mos como um espelho, brrr!... Aqui parava desapontado por não poder ajuntar com visos de verdade que o latim o havia de matar.

Um outro, inda novo, chamado Longuinhas, se me não falha a memoria, presumia de erudito e pensava em casar com uma rica viuva d'um povo proximo. Querendo escrever-lhe uma carta que a seduzisse promptamente, recorreu ao Evangelho de S. João. Usou, ou antes abusou, d'elle assim:

Querida madama

«Ao principio era o verbo, e o verbo estava em Deus, e Deus era o verbo. Assim eu, primeiro estava em mim, era eu, e eu sou, mas já não sou desde que em mim es-

taes. Alguem veio para dar testemunho de que era a luz; assim vós, não sendo a luz viestes para dar luz á minha alma. Era do mundo, fui procurar-vos e não me recebestes; fostes, como o mundo, feita para mim e não o conheceis. Tenho o poder de tornar filhos de Deus os meus filhos, e vós sereis sua mãe para que o verbo seja feito carne e habite entre nós, cheio de graça e verdade.

Dando graças a Deus, respondi-me a esta.»

Claro que a resposta foi a carta devolvida, chamando-lhe parvo. Elle, no auge da consternação, mostrava-a a todos, perguntando se alguém poderia escrever melhor ou teria tido ideia de fazer tão boa applicação do Evangelho.

Um outro, cego alegrissimo, dizia que Deus tirava a vista aos grandes homens por não precisarem de *olhar para ver*; e contentissimo com a sua sorte citava uma longa lista de cegos celebres tendo o nome de Castilho no cabeçalho.

Um dia que o saudoso escriptor Pinheiro Chagas foi ao azylo, apresentou-lhe o livro em que os visitantes escreviam o seu nome, um invalido que, tendo lido as obras d'elle, tinha pelo seu talento a maior admiração.

«Pinheiro Chagas é o meu homem», exclamava; e a tudo repetia *Elle diz, elle não*

*diz*: e creio mesmo que, quando pretendia n'alguma controversia vencer um compa-  
nheiro, affirmava resolutamente: *Pinheiro Chagas nega isso*.

Lendo no livro o nome do notavel escriptor, puxou os óculos para a testa e ficou boquiaberto analysando-o á sua vontade. Por fim perguntou-lhe:

— O senhor é que é o Pinheiro Chagas que escreve novellas?

— Exactamente.

— Tenho lido os seus escriptos.

— Sim? e que tal lhe parecem?

— Eu lhe digo; o senhor não é nenhum fura-paredes mas... vae a pé onde os outros só chegam de carro.

Pinheiro Chagas riu immenso do elogio e

nunca mais encontrou meu avô que não pedisse lembranças para o seu admirador.

Se continuasse contando insignificantes e curiosos episodios não acabaria nunca.

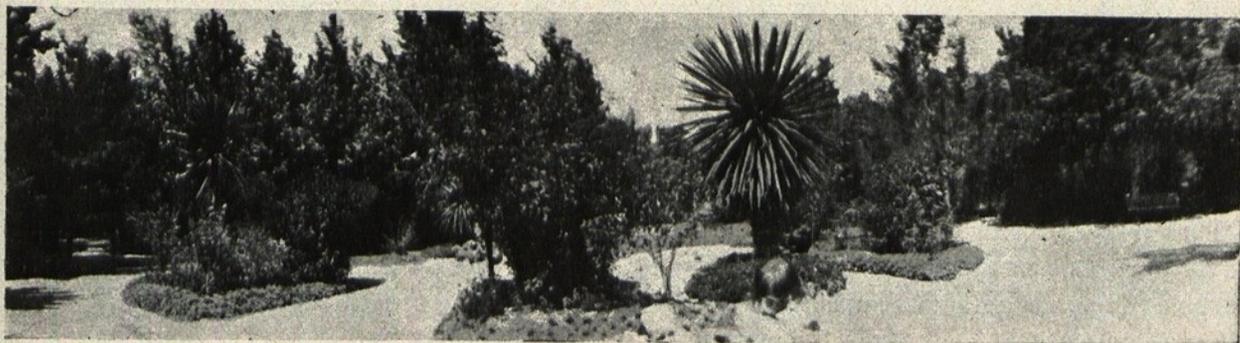
Todos os annos, no dia 25 de julho, se festeja a inauguração do azylo. Em 1894 transferiu-se a festa. N'esse dia sahiu meu avô d'aquella casa, para nunca mais voltar. Todos acompanharam o seu corpo á estação e muitos ao tumulo com sentido pranto.

Nunca mais alli voltei, mas tenho sempre, quando fallo de Runa, um sorriso nos labios, uma lagrima nos olhos e uma saudade no coração.

MARIA O'NEILL.



O SENHOR É QUE É O PINHEIRO CHAGAS



UM CANTO DO PARQUE



## As riquezas de Angola

A exposição colonial de Loanda em 1907

e o seu promotor sr. E. A. Gomes de Sousa



NECESSIDADE impreterível, para o desenvolvimento commercial, da realização de frequentes exposições temporarias ou permanentes dos productos agricolas e industriaes de um paiz ou de uma região, é hoje um axioma que não carece demonstrado. As

colonias, vastos emporios productores dos mais variados artigos exóticos, tendem pelo seu desenvolvimento, a constituir elementos poderosos para a riqueza commercial da nação a que pertencem.

Por isso os museus e exposições de productos coloniaes são justamente considerados como factores necessarios do fomento das colonias. Em 1892 o secretario geral dos negocios coloniaes em França, mr. Jamais, assim o entendia, e com louvavel iniciativa promoveu a formação de um museu commercial ou exposição permanente de productos das colonias francezas, no Palacio da Industria, ao passo que no edificio da Bolsa de Paris, se estabelecia o museu Commercial da Algeria. Entre nós, quando Emygdio Navarro fundou as escolas industriaes e commerciaes, e junto dellas os museus de industria e de commercio, foi creado tambem junto da Escola Naval o museu colonial portuguez,

que mais tarde, por occasião do Centenario da India em 1898, ficou a cargo da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, em cujas salas se acha installado e exposto á attenção dos estudiosos, constituindo o riquissimo mostruario ethnographico e colonial que enche as vidraças da sua vasta sala.

As nossas riquezas coloniaes, productos da flora e da fauna dessas regiões extra-europêas, assim como da agricultura e industria dos indigenas e colonos, tem sido desde remotos tempos objecto de estudos notaveis de sabios e exploradores, desde os classicos trabalhos de Garcia da Horta sobre os *Simples, drogas e cousas medicinaes da India*, os do padre João Loureiro, de Alexandre Rodrigues Ferreira, o eminente zoologo, de Welwitsch, o botanico dedicado, até aos dos modernos Barbosa du Bocage, Arruda Furtado, Brito Capello, Newton, A. Moller, José de Anchieta, barão de Castello de Paiva, e ainda dos seus continuadores actuaes Pereira do Nascimento, Gomes de Sousa, capitão Affonso Chaves, e outros muitos prestantes e acrisolados cultores das sciencias, e glorias incontestaveis do uome portuguez.

A vasta região da nossa provincia de Angola, na costa occidental africana, é um emporio riquissimo de productos variadissimos, objecto de vasta e opulenta exportação para o paiz e para o estrangeiro.

EXPOSIÇÃO COLONIAL DE LOANDA EM 1907



Por ocasião da visita do fallecido Principe Real á cidade de Loanda, o director do Observatorio Meteorologico e Magneico, d'aquella cidade, o capitão de fragata sr. Ernesto Augusto Gomes de Sousa, quiz pôr em evidencia, numa exposição organizada nas salas e galerias do observatorio, as riquezas agricolas, zoologicas e industriaes da feracissima provincia.

Reuniram-se alli num mostruario opu-



GALERIA NORTE — GALERIA LESTE

lento, as collecções de productos variados e ricos, como o café, os cacaos, as borrachas, o algodão, os mineraes, as madeiras preciosas, os marfins, as plantas, os animaes embalsamados, as pelles raras, demonstrando os recursos commerciaes da provincia.

Nesses vastissimos territorios, já hoje servidos por algumas linhas ferreas, a producção espontanea é feracissima, e a par della a exploração agricola nas grandes fazendas modelos tem tomado natural incremento. Ainda não ha muito tempo, o intelligente o illustrado governador geral da provincia, e malogrado Eduardo Costa, percorrendo-a toda, no dedicado afan da sua missão, reconheceu que do Lobito a Catumbella, a Benguella, ao Dombe, a S. Nicolau, a Mossamedes, ás regiões do Cunéne, de Biballa, de Lubango, da Humpata, da Huilla, de Chibia, de Quihita, dos Gambos, do Humbe, de Chacuto, de Campangombe e de Cuamato, as riquezas naturaes e agricolas são admiraveis e as communicações, embora deixem ainda muito a desejar, facultam já alguns meios regulares de sahida aos productos africanos.

O caminho de ferro de Loanda a Ambaca, ligando com a linha de Malange, ultimamente inaugurada, com os seus 364 kilometros de linha ferrea, construidos desde 1888 até 1907, serve as regiões entre o Bengo e o Quanza, descendo até ao Lucalla, e estabelece a via commercial para as fazendas da poderosa companhia agricola do Cazengo, com centro de exploração em Canhoca, e para a região uberrima do Golungo Alto.

O exame destas riquezas incalculaveis de producção colonial só pode effectuar-se, com

elementos seguros de comparação e estudo, por meio das exposições e museus de generos e productos das colonias. Já em 1892 se realisou no Porto, no Palacio de Crystal uma exposição d'esta indole, e recentemente em abril e maio de 1906 na sala Algarve da benemerita Sociedade de Geographia, se effectuou um novo certamen publico, a que concorreram os productores das nos-

sas colonias, com amostras curiosas e variadas de café, cacau, algodão, borracha, indicando em interessante successão de modelos e exemplares, a historia minuciosa da cultura, do aproveitamento e preparação dos artigos, de que o commercio tira avultados lucros. Deste certamen publicou-se um extenso e bem elaborado catalogo, cujas notas dão interessantes dados para a historia da agricultura colonial nas nossas riquissimas provincias ultramarinas.



CONSELHEIRO GOMES DE SOUSA  
*Capitão de fragata*

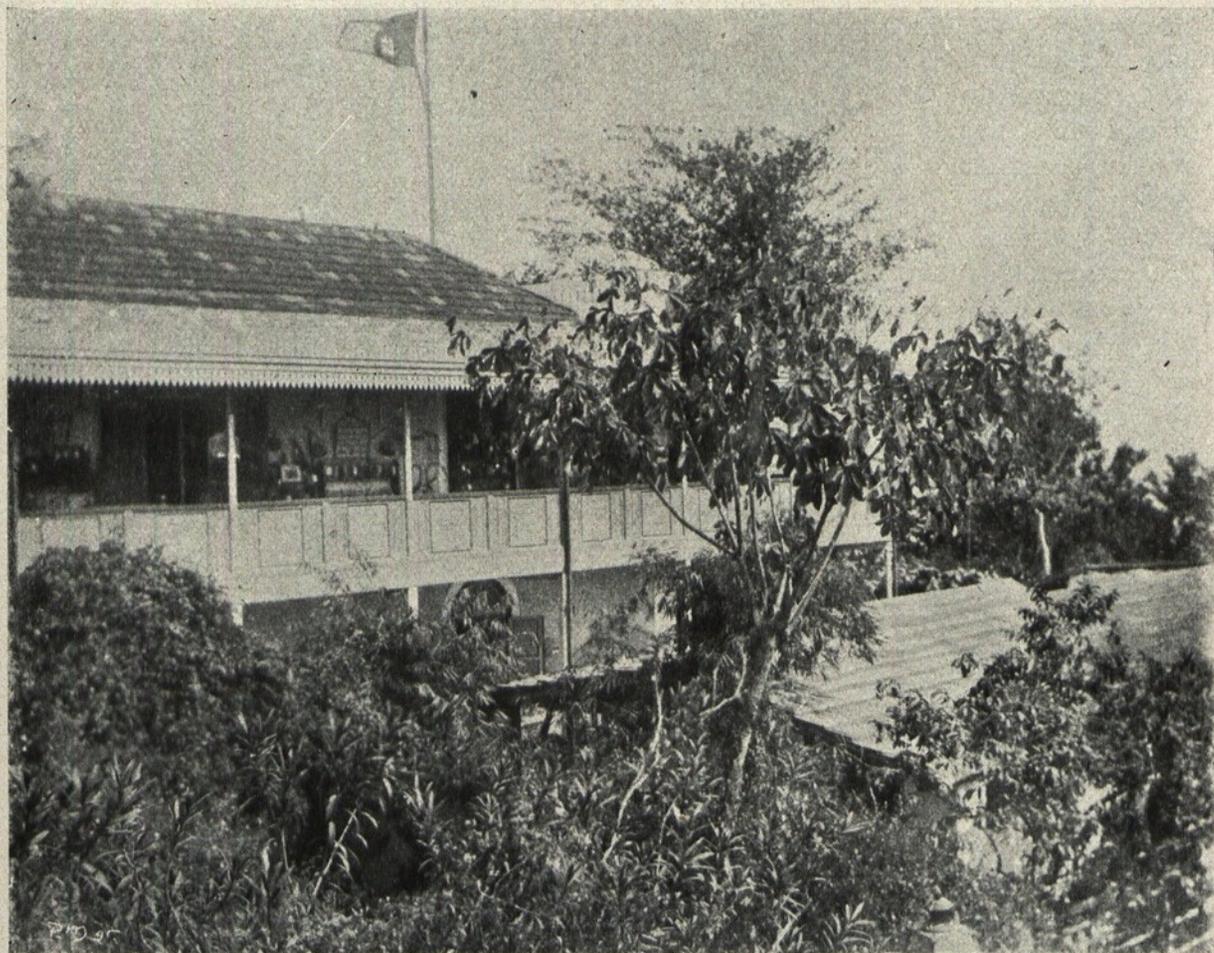
Gomes de Sousa, realisou-se nas salas e galerias do edificio do mesmo observatorio, situado na parte mais alta da cidade, a perto de 60 metros acima do nivel do mar. A' distancia de uns 187 metros da costa, é um estabelecimento notavel, que se deve á iniciativa do governador Antonio Eleuterio Dantas, cujo nome ficou ligado a importantes melhoramentos da cidade de Loanda e da provincia, merecendo especial menção o pharolamento da costa e o começo da construcção do magnifico hospital Maria Pia.

O observatorio, estabelecido na elevada torre da antiga Sé, dividida em trez pavimentos, começou a assumir o credito e re-

nome de que presentemente goza, quando a sua direcção foi confiada ao antigo director e distincto official da armada Guilherme Gomes Coelho. Acha-se munido de uma perfeita collecção de instrumentos para observações meteorologicas, que se effectuam com rigor e assiduidade, correspondendo assim condignamente ao plano geral dos serviços meteorologicos e reconhecimentos e observa-

Affonso Chaves prestou enormes serviços á sciencia, affirmando-se como uma das mais apreciadas glorias nacionaes.

Foi ahi, nesse edificio já notavel do observatorio de Loanda, que o seu actual director, cujos serviços á sciencia e ao paiz não se cifram só nesta louvavel iniciativa (conforme iremos dizendo), effectuou a exposição de productos coloniaes, aberta no dia 17 de junho



OBSEVATORIO METEREOLÓGICO DE LOANDA — VARANDA E JARDIM

ções magneticas, ao qual o nosso illustre compatriota sr. major Affonso Chaves ligou indissolvelmente o seu nome, hoje de reputação europêa, não só estabelecendo com uma organização superiormente dirigida, o serviço meteorologico e magnetico internacional nos Açores, como até ultimamente, ligando essas observações notáveis, com as que foi realizar no sul da Africa, onde creou um observatorio em Lourenço Marques.

Alli, em Moçambique, na Beira, nas colonias allemãs da costa oriental, o major

de 1907, com a visita do principe real, que áquella data alli passava, na sua viagem ás colonias.

Nas galerias e salas, em mostruarios, em estantes, pelas paredes, se viam os mil variados productos e ricos artigos da agricultura e commercio de Angola. Em frascos, os cereaes, os legumes, as farinhas; os mineraes diversos, as amostras do café, as da borracha, as do cacau, as do algodão, da kola, do marfim, da gomma, dos azeites e oieos, da urzella, do tabaco, da coconote; os animaes empalhados, as pelles, as plumagens

das aves, as madeiras preciosas, as armas gentílicas, dispostas em panoplias pelas paredes, os maniações, os manequins.

No dizer dos exploradores e viajantes, o trabalho do indígena angolano reduz-se a pouco, e as culturas que em grande numero de fazendas agrícolas se estão praticando em subida escala, devem-se á direcção e iniciativa dos portugueses. As quintas ou fazendas apresentam hoje os melhores exemplares da horticultura europeia, a par com os

padeira — o *andundo* — que dá a borracha.

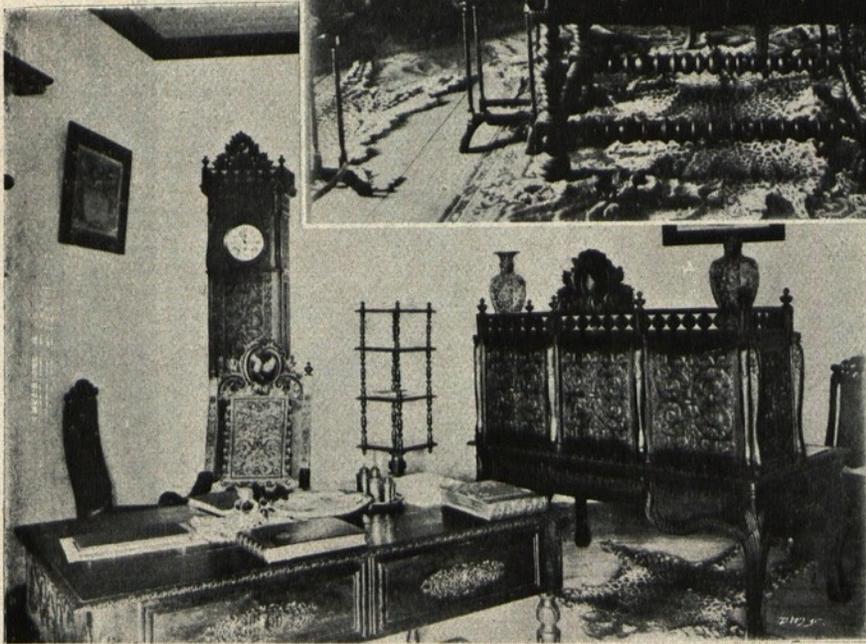
Fôram colonos portugueses e estrangeiros que crearam as importantes *fazendas* agrícolas no Cazengo, no Dombe Grande, no Alto Dande, em Malange, nos Ganguellas.

Na provincia de Angola, como por todas as outras possessões portuguesas, estende-se a benéfica influencia das grandes compa-



SALA DE ENTRADA  
DO OBSERVATORIO

Com mobiliario feito em Loanda de tácula e outras madeiras da provincia



SALA DOS VISITANTES, ONDE O PRINCEPE REAL INSCREVEU O SEU NOME

Com mobiliario feito em Loanda, de madeira de teca da India, aproveitada da quilha da antiga corveta «D. João I», construída em Damão e lançada ao mar em 1820

nhias de exploração e fomento agrícola e colonial, das quaes citaremos agora de relance algumas que nos occorrem á memoria, taes como a *Companhia da ilha do Principe*, com os extensos cacoeiros

da agricultura peculiar dos paizes tropicaes.

Os plantios simples dos tuberculos da mandioca, dos milhos, da ginguba, dos feijões, das aboboras, alternam com os do tabaco, do algodoeiro, que nasce espontaneo como a bananeira e algumas palmeiras que dão o vinho e os oleos, e como a grossa tre-

ros e cafezeiros em S. Thomé e Principe, a *de Agricultura Colonial*, de S. Thomé, a *Empreza agrícola* do Principe, a *Companhia agrícola do Cazengo*, a *Companhia agrícola do Dande*, com extenso cultivo da canna de assucar, e na outra costa, na costa oriental, as poderosas *Companhias de Moçambique*, *do assucar de Moçambique*, e *do Nyassa*, com

as industrias mineira, agricola, de pesca, creação de tartarugas, de esponjas e de outras perlíferas, etc.

Na região dos Ganguellas, uma das mais ricas productoras da borracha, ordenou o benemerito ex-governador da provincia de Angola, o sr. conselheiro Ramada Curto, estudos agricolas para bem apreciar o trabalho indigena da cultura e preparo da borracha. Todas as operações successivas — e seus utensilios: — os rhizomas das otolambas, das landolphias, dos biungos e manihots que a produzem, os martellos com que o indigena os bate, para depois os fazer em manta, que é cosinhada e preparada em mutares, conforme vem aos mercados africanos, tudo se via e observava no curioso e completo mostruario obtido naquelles estudos de inquerito á região dos Ganguellas.

Não menos curiosas as collecções do Golungo Alto, onde abundam as fazendas como as de Valle Flor, do Valle Pittoresco, de Bemfica, Fidelidade, etc., merecendo especial menção o mostruario do Valle Pittoresco, do sr. José Pereira da Silva Neves.

Extraida a preciosa borracha do latex dos rhizomas ou dos troncos aereos de diversas plantas e trepadeiras, como a *Ficus elastica*, as *Landolphias* (de que se obtem a de melhor qualidade) e outras plantas, é mettida em agua, batida pelos pretos, e neste estado, em motetes de 15 a 20 kilos, é trazida á cabeça de carregadores, que se reúnem em caravanas de 5 a 20 pretos, e veem pelo tempo secco, fazendo jornadas de 8 e 10 dias, offerecel-a a Noqui e a outros mercados, para ser entregue aos processos industriaes, cylindrada, triturada, lavada e manufacturada.

Cada arvore, ou cada planta pode produzir 400 grammas de borracha annualmente, e cada indigena seringueiro, bem adestrado, pode colher sem maior fadiga, uns 2 a 3 kilos de borracha liquida.

Regula por 50 toneladas a borracha que annualmente vem assim das terras de Iacca, do Zoombo, do Kimbubuge, do Soio, etc.

No Estado Livre do Congo esta vantajosa industria indigena da borracha é guiada e protegida pelo Estado, e favorecida pelas magnificas vias de communicacão alli estabelecidas.

Ainda assim, segundo as estatisticas officiaes, a exploração da borracha da provin-

cia de Angola ascendeu a mais de 3700 contos por anno, ao passo que o café, o cacau e o algodão (trez dos mais importantes productos da colonia) só atingiram respectivamente os valores de 622 contos, 452 contos e 16 contos de réis.

O algodão, esse producto textil, ao qual, dizia o sabio Welwitsch — se deveria destinar todo o territorio de Angola, — e que se dá tão bem naquella região, que logo no primeiro anno se torna arbustivo, cultiva-se largamente em quintas e fazendas, alternando com as sanzalas, e com as plantações de café. A Companhia agricola do Cazengo, cujas vastas propriedades são servidas pela linha ferrea de Loanda a Lucalla e pela estrada real de Caculo a Ambaca, tem enormes plantações de canna de assucar e de cacau.

Houve tempo em que uma febre algodoeira invadiu Angola; a carta da Commissão cartographica de 1885 indica-nos os numerosos concelhos onde o algodão se produzia. Depois sobreveiu a mania da cultura do assucar, e a do cacau, mas a do algodão foi novamente activada desde 1904 e 1905, e estendeu-se pelos districtos do Ambriz, de Benguella, do Bengo, do Zaire, do Golungo Alto, etc.

Desta cultura e desta materia prima textil resultam as industrias derivadas, que concorreram á exposicão, como já haviam corrido á da Sociedade de Geographia, de 1906, com mantas, mechas das cardas, urdiduras, tramas e porfim com riscados, sarjas, camisollas e meias. Egualmente das industrias derivadas do cacau e da borracha, se expozeram os tubos e peças de machinas, os chocolates, etc.

Não eram menos notaveis as amostras de madeiras do Cazengo, do Dande e do Congo, das quaes os indigenas fazem curiosos artefactos, nem os accessorios e productos da extensa industria piscatoria de Mossamedes.

De tácula e de outras madeiras preciosas da provincia se via, na sala da entrada do observatorio, que uma das nossas gravuras representa, a bella e rica mobilia toda construida na cidade de Loanda, sob a direcção do conselheiro Gomes de Sousa; e na sala onde se guarda o livro dos visitantes, constituia um attractivo não menos notavel o precioso mobiliario, egualmente construido em Loanda, estylo Luiz XV, sob a indicação do

director do observatorio, com a historica madeira de téca indiana, aproveitada da quilha da antiga corveta D. João I, que fôra feita no estaleiro de Damão e lançada ao mar no anno de 1820.

Da mesma madeira e tambem construida em Loanda existe na Sociedade de Geographia de Lisboa uma bella cadeira offerecida pelo dedicado apostolo da colonia o sr. Gomes de Sousa.

Quem é este benemerito, quasi desconhecido da maioria dos portuguezes, mas que bem merece ser estimado como um dos mais dedicados, zelosos e intelligentes promotores do nosso desenvolvimento colonial pela missão scientifica, pela propaganda da lição, do exemplo e da boa organização administrativa, quem é o sapiente director do observatorio meteorologico e magnetico de Loanda, sr. conselheiro Ernesto Augusto Gomes de Sousa, importa dizel-o aqui, em poucas palavras, para que todos os leitores dos *Serões* fiquem bem conhecendo o seu nome e a resenha dos seus valiosos serviços.

O sr. Gomes de Sousa, distincto official da armada portugueza, foi nomeado capitão dos portos da provincia de Angola em 1892, e residindo desde então em Loanda, e noutros pontos da provincia, encetou e tem mantido uma cruzada incessante e tenaz para o estudo scientifico da colonia, tanto como para o seu desenvolvimento agricola, e commercial. Os melhoramentos materiaes da costa, a montagem da draga e doca de Loanda, são serviços que não esquecerão nunca, prestados pelo capitão dos portos da provincia de Angola, na qual em 1897 serviu de governador

effectivo do districto do Congo, e depois, por mais de uma vez, na ausencia do governador geral sr. conselheiro Ramada Curto, desempenhou as elevadas funções de governador supremo da colonia.

Nas questões com o Estado Livre do Congo, foi o capitão de fragata Gomes de Sousa



NO JARDIM ZOOLÓGICO DE LOANDA — O CASAL DOS CHIMPANZÉS

nomeado representante do governo portuguez, e descendo destas elevadas missões diplomaticas e governativas, ás da simples administração municipal, o sr. Gomes de Sousa, como presidente da commissão administrativa da cidade de Loanda, deixou memoria de uma gerencia modelar, á qual andam ligados os grandes melhoramentos modernos da capital da provincia.

Como director do observatorio meteorologico e magnetico de Loanda o estudioso official de marinha montou alli a luneta meridiana, e o serviço constante de observações magneticas, de que publica amiudados relatorios, que a benemerita Sociedade de Geo-

graphia de Lisboa, nos patenteia nas paginas do seu Boletim.

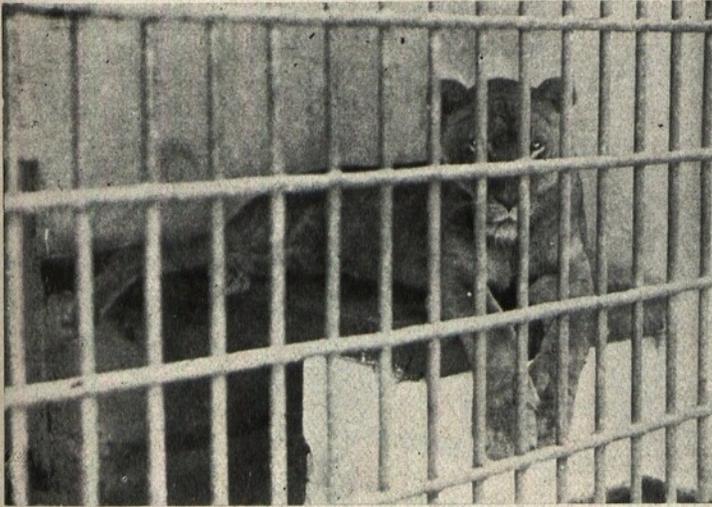
Homenagem justa foi prestada ao sabio observador, quando se conferiu o seu nome ao novo observatorio meteorologico que se estabeleceu na cidade de Mossamedes, o qual

um dos seus mais dedicados e zelosos protectores, centenaes de exemplares zoológicos.

Após a visita á exposição o Principe Real D. Luiz Filippe teve ensejo de percorrer este curioso jardim colonial de Angola, examinando os aviarios muito povoados, os antilopes, a leôa, o leopardo e o notavel casal de chimpanzés que pela intelligencia, desenvolvimento e robustez podem considerar-se exemplares unicos em captiveiro.

Chamam tambem a attenção do visitante do jardim as lindissimas cabras de Angorá, cuja lã finissima figurava entre os curiosos productos da exposição colonial.

Egualmente curioso é o bello exemplar de *ceifo*, originario das regiões do Dande, creado no observatorio, onde está sendo ensi-

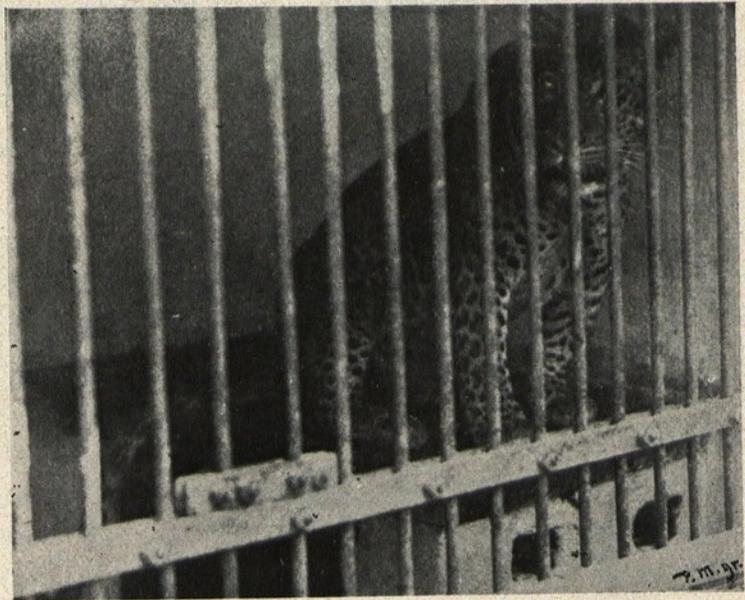


NO JARDIM ZOOLOGICO DE LOANDA  
A LEÔA

denominando-se observatorio Gomes de Sousa, — mantem vivida a glorificação do illustre director do posto meteorologico e magnetico de Loanda.

A estes serviços scientificos de elevada valia, o sr. Gomes de Sousa, que já prestára serviços de outra ordem, quando commandando o vapor Vilhena ajudou a pacificar os povos gentios das duas margens do Quanza, temos ainda a accrescentar outros, de não menor valor scientifico.

Havia em roda do observatorio um terreno baldio, desaproveitado. O director do observatorio, tratou desde logo de lhe dar uma applicação da maior utilidade. Fez delle um pequeno jardim colonial — botanico e zoológico. Alli plantou exemplares curiosos da flora angular e plantas exóticas de facil acclimação, e ao mesmo tempo foi organizando em installações diversas muitos e interessantes animaes da extensa fauna colonial, formando um viveiro precioso, e enviando para a metropole, como offerta ao Jardim Zoologico de Lisboa, que conta no sr. Gomes de Sousa



O LEOPARDO

nado para tracção e para cavallaria. O ceifo, por occasião da visita do Principe, apresentou-se arreado e conduzido á mão por um creado do jardim.

No meu artigo — *Féras, jaulas e domadores*, publicado no numero 32 dos *Serões*, alludi com louvor a este notavel jardim zoológico de Loanda.

Pode agora esta revista apresentar aos seus leitores, segundo photographias directamente

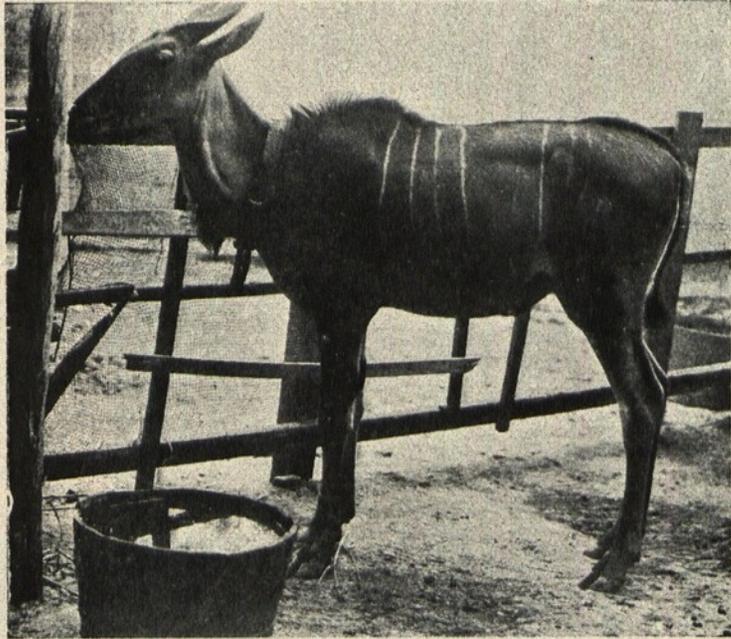
tiradas naquella cidade, alguns dos mais interessantes animaes que existem naquelle jardim, onde o europeu fica extasiado ante as opulentas plantas tropicaes, que dão um aspecto encantador e surprehendente ás suas áleas.

O sr. Gomes de Sousa tem tentado, em ponto pequeno, dentro dos limitados recursos de que dispõe, ensaiar no seu horto botânico, a cultura de plantas uteis, lançando assim o germen da idéa proveitosa de um jardim experimental, como aquelle que ora vai estabelecer-se na região do Cazengo, para o ensaio de novas culturas colonias, e para viveiro destinado a fornecer aos

colonos e indigenas plantas e sementes adaptaveis á região. Este novo e utilissimo instituto da nossa provincia de Angola está sendo estabelecido na granja de S. Luiz, e o governo chamou para dirigil-o o sr. J. Grassweiler.

Mas, não só plantas uteis, das quaes alguns productos figuravam na exposição, como a baunilha, se encontram no horto do observatorio de Loanda; bellas roseiras e outras flôres europeas, magnificas orchideas e fetos ornamentam aquelle jardim, que constitue hoje um dos mais appetitosos deleites do fo-

raстеiro em Loanda, e um dos mais legitimos titulos de gloria do seu iniciador.

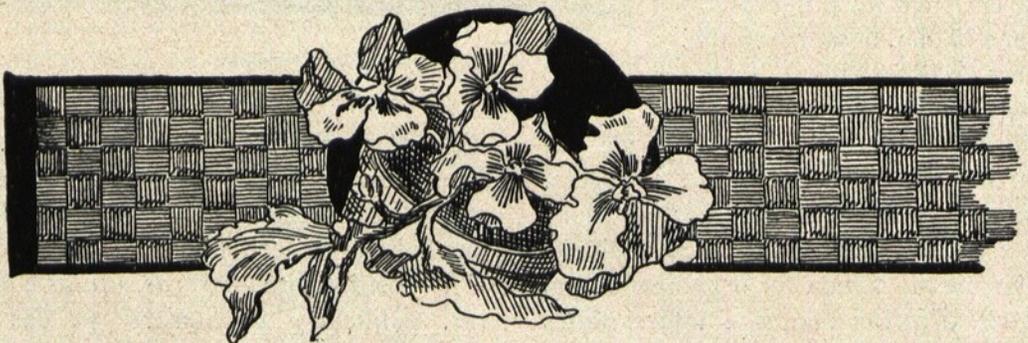


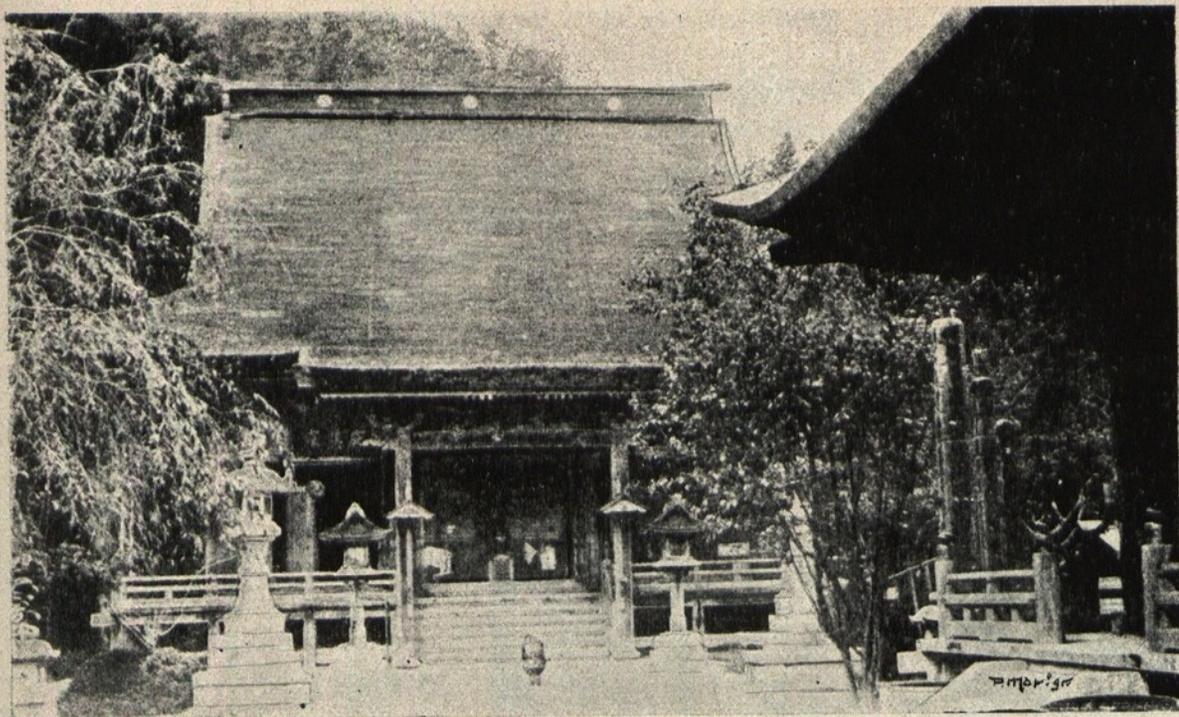
NO JARDIM ZOOLOGICO DE LOANDA — O CEIFO DO DANDE

Taes são os relevantes serviços que á civilização da provincia ultramarina de Angola, e aos interesses colonias do nosso paiz, devotada e intelligentemente, tem prestado este apostolo da paz

e da sciencia — o sr. capitão de fragata Gomes de Sousa — serviços cujo brilhante remate, foi a exposição colonial, effectuada ha mezes, e da qual este pequeno artigo se destina a perpetuar e divulgar a noticia.

VICTOR RIBEIRO.





TEMPLO DE MAYA-SAN

## O Buddhismo e o Amor

**H**A um proverbio japonéz, de pura essencia budhista, que diz assim: — «*Rokudô wa, mé no mae*» (seis caminhos se encontram deante dos teus olhos). — O laconismo requer, evidentemente, explicações, para leitores occidentaes: seis caminhos, seis normas de conducta estão em frente do homem; da sua escolha, do caminho que elle prefere, isto é, das boas ou más acções que pratica n'esta vida, depende o destino da sua vida futura. — Sabe-se como seja a theoria da reencarnação: o homem morre para reviver, para ir viver uma outra vida; succedem-se as existencias umas ás outras, as quaes não são mais do que simples existencias de purificação;

conduzindo naturalmente o espirito, após uma serie de estados differentes, ao reino celestial. Posto isto, vejâmos como o Buddhismo classifica os seis caminhos que apontei: — *Jigokudô*, o caminho do reino do inferno; *Gakidô*, o caminho do reino dos tormentos da fome; *Chikushôdô*, o caminho do reino dos animaes; *Shuradô*, o caminho do reino da lucta e dos maus tratos; *Ninghendô*, o caminho do reino dos homens; *Tenjôdô*, o caminho do reino dos céos; estes seis reinos abrangem todos os possiveis estados de existencia; alem d'elles, só existe o *Nirvâna*, a mansão da suprema paz, da absoluta abstracção. — Como já disse, torna-se evidente que quaesquer dos cinco primeiros reinos apontados, mais ou menos

penosos ao espirito, representam estações de penitencia, poisos expiatorios d'esse espirito, purgatorios tendentes á sua purificação, até que possa attingir o verdadeiro mundo consolador, o reino celestial. Ficamos



ESCADA COM 300 DEGRAUS CONDUZINDO AO TEMPLO DE MAYA-SAN

assim habilitados a encararmo-nos, nós mesmos e todos os seres humanos, existentes, como reencarnações de espiritos que já viveram n'outros homens, mas que, pela sua conducta pouco digna, tiveram de permanecer no mesmo estado; ou então taes espiritos já soffreram martyrios n'ou-

tros reinos, ou viveram obscuras existencias de animaes, merecendo após o que podemos chamar — ser promovidos, — passando a viver a vida humana. Os nossos mortos, os nossos queridos mortos, quem nos

pode dizer aonde se encontram?... A piedade filial levar-nos a consideral-os no reino celestial, em premio das virtudes que na terra praticaram. Quanto aos brutos que relanceamos — o elephante, o cão, o cavallo, a serpente, o insecto, o verme, a inteira serie dos seres irracionaes, — devemos concluir, por identico raciocinio, que são reencarnações de espiritos que subiram dos infernos ou que já foram dos homens, segundo os seus meritos ou segundo as suas culpas. O esforço humano deve porfiar quanto possivel — e n'isto consiste a moralidade do proverbio que citei — na pratica do bem, furtando-se aos reinos dos tormentos, para alcançar sem demora o bem supremo... como, n'uma comparação mui comesinha, o sargento que, pelos seus brios, trabalhe pelos galões de official, evitando com cuidado uma preterição, ou — o que

é peor — uma baixa de posto...

Ora, conheci no Japão, ha alguns annos, um homem, um russo, — um louco?... — que, pelo Amor, se consagrou ao estudo do Buddhismo, no intuito de falesal-o e de fugir da Buddha. Chegára elle á conclusão de que o homem ama a mulher por or-

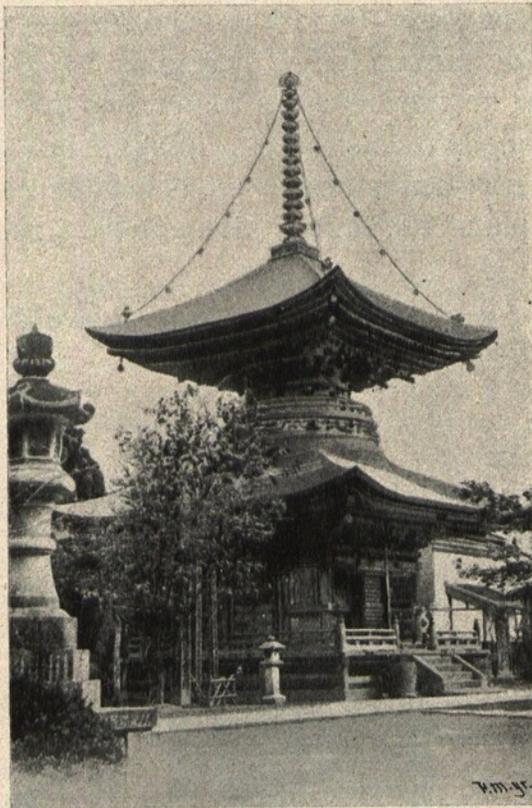
gulho, por cobiça, por egoismo; ou melhor, não ama, mas deseja. Concluirei ao mesmo tempo que a emotividade do cão realiza o sentimento do Amor na sua expressão mais sublime, amando o dono ou a dona para servil-o ou para servil-a, para lhe obedecer, para se lhe dar todo, para defender o idolo, para salvá-lo dos perigos, não pedindo nada em troca, não esperando benefícios, indiferente á belleza do idolo, á sua idade e ao seu sexo... ao sexo, não inteiramente; pois affirmava que, quando se haja estudado com interesse a psychologia dos animaes, será reconhecível em alguns d'elles, nas relações de sympathia do bruto pelo dono, o prestigio sexual, na sua expansibilidade mais pura, mais casta, mais subtil. Um cão

em repouso aos pés de uma mulher, fixando nos olhos d'ella a sua ternissima pupila, é — dizia o russo — o quadro da verdadeira apothéose do Amor. Pois, para amar assim uma mulher, o russo aprofundava as doutrinas do Buddhismo, cuidando de descobrir como, em frente das seis estradas que decidem da vida futura de nós todos, poderia elle fugir da Buddha, fugir de Deus, para optar, de accordo com as acções que prati-

casse, pelo *Chikushôdô*, o caminho do reino dos animaes, e ser um d'elles, e ser um cão... Estranho!... O mais estranho porem de tudo isto é que o idolo, a mulher, segundo me constou, não existia; seria quando muito, pelo que julguei adivinhar, uma mulher ideal, como symbolo das multiplices reminiscencias de todas as mulheres que o russo já amára; tendo de uma os pés marmoreos, de outra as mãos finissimas, de outra as tranças negras, de outra os labios humidos, de outra o olhar sereno...

Este curioso forasteiro alojára-se n'uma casinha japoneza, annexa ao templo de Maya-San, perto de Kobe, pagando aos bonzos o aluguer; registe-se de passagem que este templo, votado a Maya Bunin, a mãe de Buddha,

encanta pelo aspecto pittoresco do logar. Os bonzos de Maya-San tratavam o russo com carinho, com os desvelos paternaes que se devem a um doente — um doente moral. — Quando porem rebentou a guerra russo-japoneza, cuidaram de convencel-o, por prudencia, a que se ausentasse do Japão. Diz-me um informador que o russo seguiu para a Siberia, onde, porem, morreu doido. A dar credito a outros boatos, um coronel



OUTRO ASPECTO DO MAYA-SAN

de cossacos, que o encontrára, descobrindo-lhe na bagagem grande somma de livros japonezes, buddhistas, mas suspeitos para quem não os entendia, tomou-o por um espião, mandando-o logo fuzilar pelos seus soldados.

Pelo que me respeita, ficou-me do caso uma impressão grotesca:— ao encontrar na rua um cão qualquer, lembro-me se estará n'elle o espirito do russo que conheci em Maya-San; vindo-me de quando em quando tentações de levar a mão ao meu chapéu e de bradar-me «adeus ó coisa!» — Quem sabe!... No entretanto, uma outra hypothese mais plausivel, tam-

bem buddhista, se apresenta: n'uma existencia anterior, o espirito do russo encarnára-se n'um cão; do facto, se explica o seu desejo, activo, em readquirir aquella forma; tal como, n'um exemplo trivial, o antigo aprendiz de sapateiro, depois feito barão, deputado, inspector de intrucção publica, etc., experimenta ás vezes ganas de voltar á tripeça e ao tirapé. E essa mulher ideal, que ao russo tão ternos sentimentos inspirava, não seria mais do que uma sombra, do que uma visão do passado... a sua dona!...

Imaginêmos que o espirito do russo, sobejamente purificado nos reinos transitorios, está no céu...

Kobe, novembro de 1907.

WENCESLAU DE MORAES.

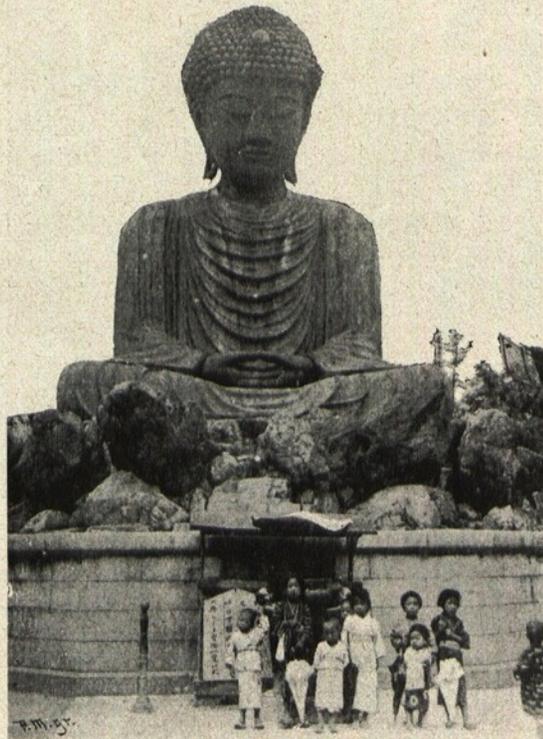


IMAGEM DE BUDDHA EM SEU NIRVANA

# A FORMOSA GUIA

P. M. & R.

Este conto militar, passado durante a Guerra da Península, teve na traducção de ser modificado, com o fim não só de se corrigirem os nomes portuguezes que no original appareciam sob formas es-tramboticas, mas tambem para ligar a sua acção com alguma das phases d'aquella porfiada lucta. Escolheu se a primeira parte da campanha 1811, por ser a que melhor se coadunava com a ideia de Walter Grogan. Para se ver quanto os nomes portuguezes tinham sido por este deturpados, basta dizer que o guia no original é *Barestro*, tão portuguez como *Selim Nuño*, o banqueiro nosso patricio que George Ohnet faz apparecer no seu romance *Lise Fleuron*.

Os inglezes n'este ponto não ficam muitas vezes a dever nada aos francezes. Vimeiro, em que se deu o combate de que o exercito anglo-luso sahiu vencedor em 1808, é sempre *Vimiero* para Napier e outros escriptores britannicos que estudaram a Guerra Peninsular.



ENTENDEU bem, capitão, as ins-trucções que acabo de dar-lhe?

— Entendi, meu general.

— E' serviço da maxima importancia.

— Hei de cumpril-o sem falta,

— Com que certeza o diz!... Deixe-me lembrar-lhe que tem havido occasiões em que as instrucções dadas para certos serviços não se observaram á risca.

Ao ouvir estas palavras, carreguei a barretina com força para a cabeça e aprumei-me todo... Meço seis pés de altura.

Pois aturava-se que o capitão Jack Netherton fosse tratado como um galucho?... Teria perdido a memoria o general?... Esquecera-se, ao que parecia, das minhas proezas no Bussaco e da minha bella façanha de Rio Maior, no dia em que Junot foi ferido. Já se vê que sim! Com a espada na mão, poucos se medem commigo, e quanto á cabeça, se é capaz de esquentar-se no meio de uma refrega, sabe manter-se fria para raciocinar convenientemente quando o perigo ameaça a valer. Graças a qualquer d'estes dotes, tenho conseguido livrar-me de situações onde muita gente boa deixaria a pelle.

Vae então disse ao general:

— Esses a quem V. Ex.<sup>a</sup> allude eram certamente uns lorpas.

— Aprecio-lhe a valentia, capitão, mas em todo o caso...

Calou-se, remexeu, contrafeito, n'uns papéis que tinha ao pé de si, e disse afinal:

— Digo-lhe só isto: se conseguir levar ao marechal Beresford essa communicação, Montbrun e a sua cavallaria ficam exactamente como uma noz entre as duas peças de um quebra-nozes.

— Considere a coisa como já feita.

— Execute pontualmente o que lhe ordenei. Monte a cavallo e marche para o logar onde está Beresford,

— Em linha recta, meu general.

— Leve todo o seu esquadrão.

— Basta a metade. O general está fraco de cavallaria.

— Diz bem. Leve só meio esquadrão. Teem-me mandado esquadrões, quando lhes peço regimentos. Vae mal acompanhado, mas já lhe disse que tenho toda a confiança na sua valentia.

Inclinei-me, ponderando:

— Sem querer gabar-me, entendo que a primeira obrigação de um official de cavallaria ligeira é a de ser valente, e preso-me de cumpril-a.

— Dou-lhe o Barreiros como guia.

— Como o general entender, mas, se me permite uma observação, direi que tenho n'esse homem diminuta confiança.

— Porquê? perguntou o general olhando-me de fito.

— E' que perdi para elle, ao *écarté*, obra de sete soberanos, e eu sou mestre no *écarté*! Ergo, o Barreiros trapaceia; ergo, não merece confiança.

— Ora adeus! redarguiu o general, de mau modo. Leve-o como guia.

Fiz continencia e retirei-me.

— Vens animado como um gallo brigão, disse-me o Charlie Ainslie, do 43, com quem me encontrei á sahida. O general convidou-te para jantar?

— Fez mais ainda. Deu-me uma ordem para trez dias de rações.

Effectivamente eu estava alegre e á vontade, embora me tivesse contendido com os nervos aquella insistencia do general em impôr-me o guia portuguez, o que me parecia uma teimosia absurda. Apesar de ter respondido á minha razão com aquelle desattencioso. «Ora adeus!», devo confessar que o general era um excellente soldado, posto que, em Aranago, houvesse mandado atacar em linha, quando, na minha opinião, se deveria accommetter o inimigo em esquadrões cerrados.

Marchei d'ali a uma hora á frente do meio esquadrão.

Estava um tempo lindo, O sol ia alto no céo limpo de nuvens, onde perpassava a brisa afrouxando o calor. Ao meu lado cavalgava o Barreiros, secco de carnes, alcachinado, a cara imitante a caveira forrada de pergaminho. Aproveitavam-n'o de vez em quando para guia das nossas expedições de somenos importancia contra o exercito de Massena, que, forçado a abandonar a posição de Santarem, se dirigia para a fronteira luso-hespanhola, em busca dos reforços pedidos a Napoleão e sem os quaes não poderia atacar as linhas de Torres Vedras. Não era só o general que tinha n'aquelle homem a confiança qua eu estava longe de quinhoar, se bem que não ignorasse que elle conhecia a palmas a provincia da Beira, que iam atravessando.

Eu não levava commigo nenhuma comunicação escripta, porque a expedição era perigosa, achando-se ainda infestada por varias partidas de cavallaria franceza, ao mando de Montbrun, a região que deveriamos percorrer para comunicar com Beresford, que, depois do recentissimo combate da Foz de Arouce, dado em 15 de março, recebera

ordem de Wellington para se approximar de Badajoz, a fim de se oppor a Mortier,

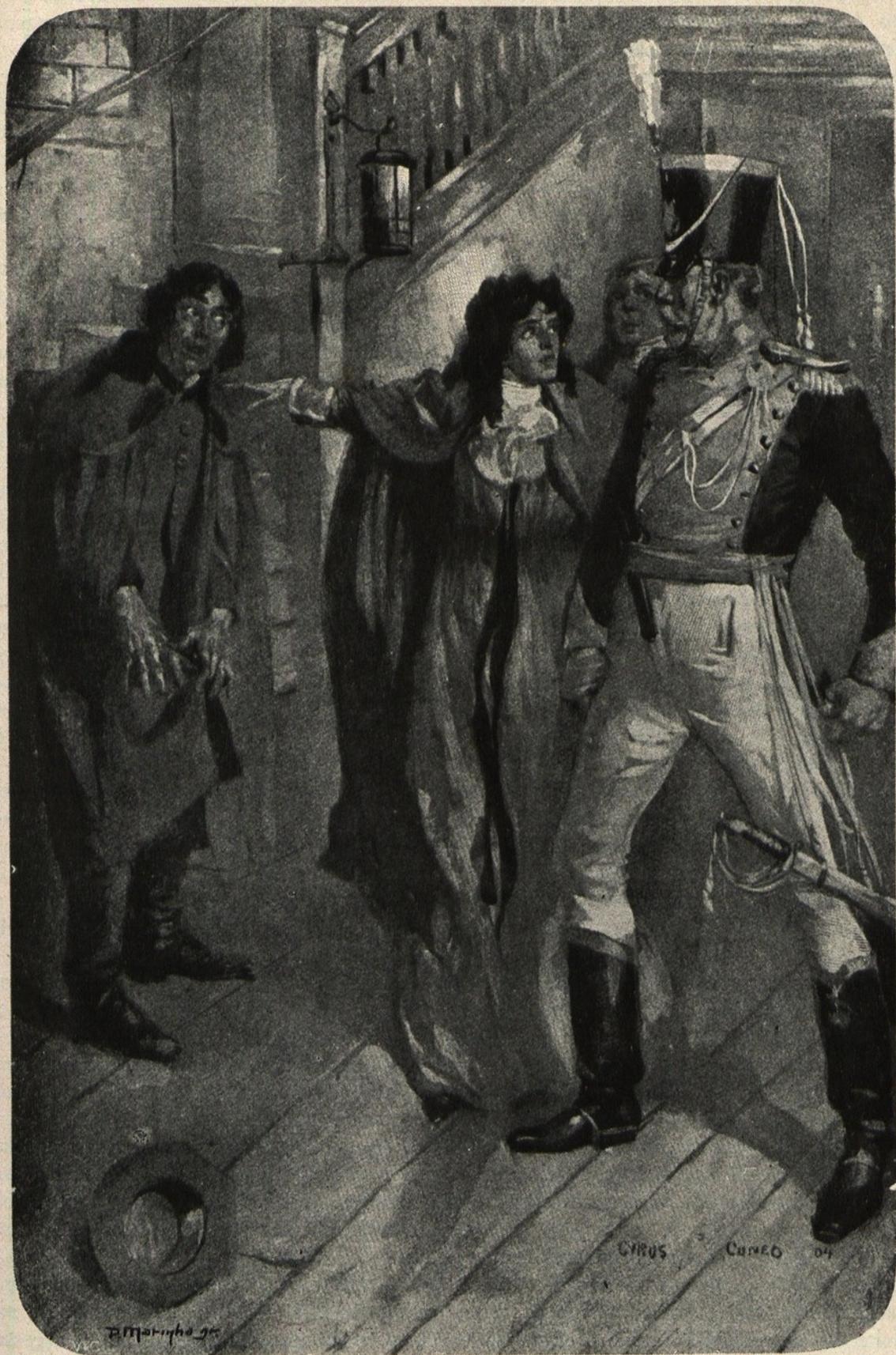
Na previsão d'aquelle perigo, — não me restava duvida, a tal respeito — é que o general me escolhera, conhecendo que para a expedição era necessario um official de coragem e fertil em expedientes.

Na pasta que me pendia do cinturão, levava eu um mappa grosseiro, onde estavam marcadas as posições dos francezes. Era este o unico documento que eu devia entregar a Beresford. Tinha tambem que explicar-lhe certos pormenores do plano de Wellington. Estavamos occupando uma posição de alguma importancia, d'onde era possivel tornear o flanco esquerdo do marechal Ney, collocando os francezes em situação critica. Não podiamos, porém, evacual-a, porque a cavallaria de Montbrun, tendo voltado de Coimbra, batia com audacia o terreno á nossa direita, e podia causar-nos damno consideravel.

O plano do nosso general era que Beresford, que ainda ia perto, alongasse a frente, mudando de direcção e que avançasse para o nosso lado a fim de obrigar a cavallaria de Montbrun a recuar para a posição que occupavamos, ficando mettida entre dois fogos no valle do Alva, á laia de noz apertada no quebra-nozes, segundo a expressão de que se tinha servido o general.

Marchámos para a frente todo aquelle dia, fazendo um grande rodeio a fim de evitarmos encontrar o inimigo.

Era aspero o terreno, e mais aspero se nos foi antolhando á medida que proseguíamos na marcha trabalhosa e que a noite se ia approximando. Augmentaram-me as suspeitas que o sinistro guia me inspirava. Mandeí-o approximar-se. Obedeceu com evidente reluctancia. Já eu tinha notado que em todo o caminho, sempre que me não eram necessarias as suas informações, o portuguez descahia para a retaguarda, e ia collocar-se ao lado do meu primeiro sargento. Evitava-me sem duvida. Tinham portanto fundamento as minhas suspeitas. Não procuraria evitar-me se não estivesse planeando traição. Eu já lhe tinha dado a entender, ao sahirmos do acantonamento, que estava longe de sentir a confiança que n'elle depositava o general. Cheguei até a declarar-lhe que o julgava um maroto, e que lhe metteria uma bala na cabeça apenas desconfiasse de



— É UM TRAIADOR, UM INFAME, UM VILLÃO RUIM !

que elle nos levava por mau caminho. Depois d'isto é que principiou a fugir de mim. E' melhor usar de franqueza com aquella qualidade de tratantes e amedrional-os antecipadamente, porque assim podem renunciar aos seus intentos, receando as consequencias.

— Barreiros, disse-lhe eu de modo desabrido, venha sempre á minha esquerda. E' melhor assim.

O tratante poz-se branco, enfiado, quando me viu levar a mão á pistola que eu tinha nos coldres.

Nunca vi cara de reu como aquella de faces de pergaminho e olhinhos piscos.

— Juro-lhe, sr. capitão, que o estou guiando pelo melhor caminho, protestou o Barreiros.

— Um caminho de cabras!

— Só por aqui deixaremos de encontrar Montbrun.

— Cá por mim prefiro os logares onde se pode desenvolver a cavallaria. Aqui, estamos encurralados n'um apertado desfiladeiro, por onde mal podemos avançar a quatro de frente. Fica sabendo, patife, que ao primeiro tiro disparado contra nós, responderá logo outro nos teus costados. E eu nunca errei o alvo!

Tremia tanto o homemzinho, que mal se sustinha sobre o cavallo, e resmoneava um rosario de protestos, qual d'elles mais energico. Dizia que era incapaz de toda e qualquer deslealdade, e muito menos contra os libertadores do seu paiz, a quem muito prezava.

— Assim será, respondi eu, mas o que não tem duvida é que a noite está quasi de volta conosco. Estes logares são improprios quanto possivel para forças de cavallaria e antevejo a necessidade de bivacarmos n'um terreno, onde poderemos ser facilmente cercados. Podes ser, amigo, um homem de bem, todavia as circumstancias em que nos vemos dão margem ás maiores suspeitas.

— Pode crer que não, meu senhor. D'aqui a pouco voltamos á esquerda e topamos com a Varzea, onde podemos bellamente passar a noite, se o sr. capitão assim o entender. E' um logar socegado, de que o exercito do marechal Beresford só pode estar distante meio dia de marcha, ou nem tanto.

Resmunguei não sei que resposta e d'ahi

a pouco avistámos effectivamente as casas do logar que Barreiros me tinha annunciado, e a igreja da freguezia.

As minhas apprehensões não desapareceram comtudo, porque o inimigo poderia ali encontrar facil abrigo, d'onde nos infligisse grandes perdas, emquanto avançássemos pelo caminho tortuoso. A povoação, de mais a mais, não estava marcada na carta de que eu ia munido. Via-me forçado a entregar-me inteiramente ao arbitrio do Barreiros, ainda assim entrei na Varzea com todo o arreganho do official experimentado em muitas campanhas, e absolutamente resolvido a vender muito caro a minha vida e a d'aquelles que iam sob o meu commando.

Havia uma pousada ao fundo do largo, onde parei com a minha gente. Accudindo ao meu chamado, o estalajadeiro correu para mim, fazendo mil zumbaias e rapapés. Para lhe tornar ainda mais horrendo o feio carão, um dos olhos mettia-se pelo outro, e para o fazer mil vezes mais antipathico, o homemzinho estava constantemente a dar estalos com os nós dos dedos. Fiquei desesperado quando vi que elle e o Barreiros pareciam ligados pela melhor amizade,

— Tem quartos disponiveis? perguntei de mau modo.

— Ora essa, excellentissimo senhor! respondeu o estalajadeiro. A minha casa é muito insignificante para receber a V. Ex.<sup>a</sup>, mas terei muita honra em...

— Você sabe o que é isto? perguntei de repente, cortando-lhe pelo meio o aranzel e apontando-lhe á cara uma pistola.

Envesgou ainda mais o olho torto e respondeu:

— E uma pistola, meu senhor.

— Exactamente, é uma pistola, que nunca falhou e com que metto uma bala no alvo que eu escolher.

Arranjei logar para doze dos meus homens na pousada, e disse ao primeiro sargento que fosse aboletar os restantes pela povoação. Ordenei ao Barreiros que ficasse commigo.

— Não nos podemos separar, meu amigo, disse-lhe eu. Palpita-me que a sua companhia me vae ser aqui muito necessaria. Esta expedição parece perigosissima e eu quero que os perigos que passarem por mim, tambem toquem pela porta ao meu caro Barreiros.

— Valha-me Deus, retorquiu este. Creia que é uma injustiça que me faz, julgando-me capaz de uma deslealdade. Pois eu havia de atraioçar um cavalheiro tão fino e sympathico? O meu amigo Pedro que falle por mim. Vae dizer, certamente, a V. Ex.<sup>a</sup> como eu venero e adoro os inglezes.

— Sim! Sim! Tenho a certeza de que elle dará fé de todas as mentiras que você inventar, mas como sou generoso, não o obrigarei a um perjurio. Vamos, amigo, suba adeante. Estão banidas as ceremonias.

Era uma escada já muito corroida pelo caruncho. Quando chegámos ao primeiro patamar, demos de cara com duas portas. A uma d'ellas estava o dono da pousada, saudando-nos com a larga manopola e fazendo-nos zumbaias, qual mandarim que respira traição por todos os poros. Tinhamos chegado ao ultimo degrau quando se ouviu um grito penetrante de mulher, que vinha do segundo quarto, um grito de vehemente supplica.

— Hein! Que é isto? perguntei eu.

O hospedeiro avançou para nós e respondeu com um dos mais atrozes sorrisos que tenho visto:

— É a minha prisioneira, sr. capitão,

— A tua prisioneira! retorqui, cheio de espanto. Por acaso és belligerante, para fazeres prisioneiros?

— Sou portuguez, sr, capitão, e ella é inimiga do meu paiz. Uma espia franceza, nem mais nem menos!... Fechei-a cá em cima, e por isso desatou a gritar... Não gosta de gaiola.

E continuava a sorrir, casquinando uma gargalhadinha de escarneo.

Conhecia-se que realmente não gostava de estar presa, porque fazia lá dentro uma infernal matizada. Socava desesperadamente com as mãos pequeninas a porta, e batiu-lhe á doida com os pés, lembrando galinha furiosa ás bicadas na madeira. Os gritos, porém, não deixavam de ser musicas e a voz era indubitavelmente juvenil. Pensei no arriscado da minha expedição, e que devia averiguar todas as occorrencias, de que podesse tirar quaesquer informações.

— Quero vel-a, ordenei bruscamente.

O hospedeiro, tendo olhado para a porta com certa perturbação e receio, disse-me:

— É que ella está ali com toda a segurança...

— Quero vel-a, repito. Pode ser que lhe apanhe alguma indicação proveitosa...

— Alguma palavra má, ou alguma bofetada, é o que o sr. capitão deve dizer.

Estas palavras do hospedeiro foram confirmadas por um chuveiro de socos na porta.

— Abre lá! Vamos!

Ainda olhou para mim duvidoso e suspirou, mas resolveu-se finalmente a tirar do bolso fundissimo dos calções uma chave enferrujada. Approximou-se da porta com a pressa de quem vae buscar a morte, resmungando:

— E que ella está como uma bicha fera... peor que um cão damnado.

— Abre, já disse!

Chegou-se mais e já tinha quasi introduzido a chave na fechadura, quando se repetiram as pancadas furiosas na porta e de novo retiniram os gritos.

— Sr. capitão, disse o hospedeiro offerecendo-me a chave, não tenho o direito de ir adeante de V. Ex.<sup>a</sup>

Metti a chave na fechadura, dei-lhe volta e a porta abriu-se para o meu lado, visto que, por capricho do constructor, para o patamar é que ella girava.

São sempre impressionaveis os homens valentes. Só tenho medo de uns olhos azues, que tambem podem ser castanhos ou pretos. Conheço a minha fraqueza, mas... apresente-se o primeiro homem impressionavel que haja evitado a probabilidade de uma derrota.

Aberta a porta, vi deante de mim o mais encantador dos quadros. Uma gentil e graciosa figurinha de mulher agitava-se n'um phrenesi de paixão. Despediam lampejos coruscantes dois grandes olhos azues, o rubor do desespero afogueava duas faces ovaes, duas mãos brancas e pequeninas enclavinhavam-se com furia, e uma verdadeira tempestade de ira fazia-lhe arfar convulsivamente o lindo seio. Como acabo de dizer, sou impressionavel. Entendam-n'o como quiserem, mas é este o meu fraco. De mais a mais, ha quem diga que sou tambem um bonito homem. Não quero gabar-me, mas deixem-me dizer que em Bath ha duas raparigas que eram antigamente unha com carne uma com a outra, mas que hoje não se podem ver. Porquê? Diz-se que tudo proveiu de eu ter feito a asneira de offerecer a uma

e outra uma miniatura com o meu retrato. Fico por aqui. Só acrescentarei que tenho visto muitas beldades durante a minha vida, mas que nenhuma se poderia comparar com aquella creaturinha encantadora, que se des-

se mais uns dois ou trez passos. Tomou á pressa a respiração e olhou aternadamente para mim e para o hospedeiro, Os olhos esboçaram um sorriso, que a furto desceu até á boca, desmascarando, por entre os labios



A CABEÇA DA MINHA COMPANHEIRA  
TOCÓU-ME NO HOMBRO DURANTE  
O EXAME

entranhava em furiosos protestos, no quarto sombrio e carcomido pelo caruncho da misera estalagem da Varzea.

Estava a bater com tal desespero que, tendo eu aberto a porta de repente, deu sem querer alguns passos em direcção a mim. Teve afinal consciencia do que se passava e encarou commigo. Senti deveras que não des-

entreabertos, duas fiadas de perolas, e cavando, nas faces, duas covinhas deliciosas. Fiz-lhe uma vénia.

— Ah! exclamou ella. E' um official inglez?

— O capitão Netherton, dos dragões ligeiros de sua magestade britannica.

— Oh! Que felicidade!... Aquelle sel-

vagem tinha-me fechado aqui. . . . Leva muito tempo a contar. . . .

N'isto soltou um grito de pavor ao dar com os olhos em Barreiros, que a mirava descaradamente e com fingida indiferença.

— Que é? disse eu.

— Aquelle homem veio com o capitão? perguntou a linda mulher, indicando Barreiros.

— E' o meu guia.

— O seu guia! . . . Mas então, fique-o sabendo, corre perigo, um grande perigo. E' um traidor, um infame, um villão ruim. Ignora quem elle é? Ignora-o com certeza! Julga-o um portuguez leal? Oh! A boa fé e o cavalheirismo dos officiaes inglezes inhi-be-os de pensar mal das outras pessoas. Aquelle homem é um espião! E' um espião de Montbrum!

Lancei um rapido olhar ao portuguez e empunhei a pistola. O Barreiros tinha escancarado a boca ao ouvir a denuncia, e já ia para falar quando viu o meu gesto. Curvou-se rapidamente e pregou-me uma cabeçada, que me apanhou ao meio do cinturão. Quando dei por mim, já o mariola tinha descido a escada e fugido para a porta da rua. Corri para a janella do quarto, e disparei contra elle a pistola, mas, como estava com a mão pouco firme, em consequencia da pancada que tinha levado, vi-o, com desespero, desaparecer ao longe, na rua principal da povoação, allumiado pelos ultimos clarões do crepusculo. Todas as praças do meu commando se tinham apeado, e o gado estava a comer a ração, de modo que se tornava impossivel mandar perseguir o traidor, com probabilidades de o apanharem. Nem era prudente o fazel-o. Chegando ao patamar da escada, vi o hospedeiro, a barafustar nas mãos do cabo Brown, que tinha acudido quando sentiu barulho.

— Este sujeito ia safar-se, disse o cabo, e por isso lhe deitei as unhas.

— Fizeste bem, tornei-lhe eu. Fica preso á minha ordem. Leva-o contigo.

— Essa mulher é uma espia dos francezes. E' tudo o que ha de peor. Por isso a tinha prendido lá em cima. Tudo o que ella diz é uma corja de mentiras. Eu sim, eu é que sou fiel aos inglezes. O mais fiel que é possivel.

Isto dizia o dono da pousada, enquanto

Brown o levava, aos empurrões, da casa para fóra.

Voltei-me para a bonita rapariga. Os olhos brilhavam-lhe de colera, dando-lhe ainda mais formosura. Nem por sombras parecia franceza. Os olhos azues, o cabello castanho claro, a brancura da pelle, tudo era essencialmente inglez. Havia n'ella, porém, umas affectações fugitivas que indicavam, de onde em onde, origem estrangeira. N'uma palavra, desconcertava-me, ao mesmo tempo que me interessava, e, devo confessal-o, attrahia-me.

— Que monstro! Que monstro repugnante! exclamou. Alegra-me, porém, ver aqui o sr. capitão. Não acredita, estou certo, aquellas ridiculas mentiras. Oh! Não imagina o que padeci por causa d'aquelle homem!

Em questões de serviço, muito principalmente em tempo de guerra, é dever de official proceder com a maxima discreção. Embora eu estivesse absolutamente convencido de que eram um acervo de calumnias as accusações que lhe tinham feito os patifes dos dois portuguezes, conheci que tinha por obrigação fazer investigações cautelosas. Primeiro que tudo sou militar, e para o militar não ha nada que possa preterir o dever.

— Minha senhora, disse-lhe eu, se bem que me custe, não tenho remedio senão interrogal-a. Aquelles dois infames assacaram-lhe tremendos aleives, que preciso immediatamente ver desmentidos.

Fitou em mim os olhos, por baixo das pestanas ramalhudas e sorriu-se afinal. Um sorriso amigavel. Retribui-lh'o, deixando que o meu sorriso expressasse tanto a amizade como a admiração. No quarto estavam duas cadeiras, que o hospedeiro trouxera para mim. Tambem havia uma banca e uma garrafa de vinho — vinho do Porto e do melhor. A dama concordou commigo n'esta apreciação.

— Os marotos accusaram-n'a de ser espia dos francezes, comecei eu,

— E' verdade. Se ha invenção mais estúpida! Julgarem que ludibriavam o capitão Netherton!

— Oh! Minha senhora! . . . Pretende li-sonjear-me. . . mas, com effeito, bastar-me-hia a longa experiencia que tenho tido n'esta campanha. . . em que consegui, modestia á parte, alcançar alguns triumphos. . .

— Alguns? Innumeros! Como se o seu nome não fosse já celebre em toda a Península!...

— Em toda, será de mais. Oh! Não me enganam com aquella facilidade. Vamos,



ERA UM BOCADO DE PAPEL, FIXO Á CASCA...  
TIREI-O DE LÁ

porém, á sua historia. Espero que corresponderá á minha sinceridade com sinceridade igual. Conte-me todas as suas culpas.

Suspirou.

— Ai! Capitão! Que bem me faz o tratar com um official inglez, que é ao mesmo tempo um perfeito cavalheiro! A principio, digo-o em verdade, sentia-me um tanto as-

sustada, porque entre os seus camaradas ha alguns... que... ouço dizer... não se parecem com o capitão... Mas agora já estou socegada.

Encantou-me a confidencia, desataviada de todo e qualquer artificio. A linda rapariga tinha a innocencia de uma collegial. Puz a minha mão nas suas, para lhe mostrar que era simples formalidade o interrogatorio a que ia submettel-a, e que não devia ter o minimo receio. Encarou commigo por instantes, sorriu-se e baixou os olhos — gentil tributo que me foi direito ao coração.

— O meu nome é Rosa.

— Muito proprio.

— Rosa Smith. Meu pae era um negociante inglez, estabelecido na Covilhã, e minha mãe era portugueza. Talvez pelas minhas maneiras o sr. capitão me não julgue bem ingleza. Mas pelo coração, affirmo-lhe que sou ingleza a valer.

— E' o principal.

— Minha mãe falleceu pouco depois de me dar á luz... e ha apenas trez semanas que perdi meu pae...

A voz embargou-se-lhe um pouco, e a sua mão pequenina procurou o lenço. Apertei-lhe a outra com silenciosa sympathia.

— Ferido mortalmente pelos francezes, que o suspeitaram de levar noticias aos inglezes, sobreviveu trez dias ao ferimento. Fui eu que o tratei... Ai! O que tenho padecido!...

Apertei-lhe a mão outra vez. Pobre creança! Parecia horrivelmente angustiada. Tenho coração muito sensivel, apesar de, em serviço, me cognominarem «o leão».

— Esta manhã fugi de Arganil.

— Esta manhã! exclamei eu, estremecendo. De Arganil?... Sabemos que estava lá hontem o quartel de Montbrun.

Ficou admirada por me ver muito excitado.

— Sim. Estive escondida no meio do arvoredado todo o dia, de sorte que cheguei aqui ha apenas meia hora.

— Mas Arganil dista mais de quatro leguas d'este logar.

— Quatro! Engana-se. Nem uma legua.

— Ora essa! Pois não estamos na povoação da Varzea?

— Estamos.

Levantou-se, dizendo;

— Oh! Que grande traidor é aquelle homem! Barreiros não lhe serviu de guia?

— Serviu, respondi eu.

— Ah! tem tudo explicado. E' espião dos francezes. Conheço-o muito bem, Trouxe-o para a Varzea, quando o capitão precisava approximar-se...

— Do marechal Beresford.

— Porque não consultou o seu mappa? Deve ter certamente um mappa da região onde nos achamos... um esboço, pelo menos... Não está lá marcada a Varzea? Ou quem sabe se foi o Barreiros que fez o esboço e?...

Tirei da pasta o mappa grosseiro que me tinham dado e examinámol-o ambos á luz de uma vella. A cabeça da minha companheira tocou-me no hombro durante o exame. Não lhe chamei a attenção para o facto, de que ella aparentemente se esquecia, tanto assim que não se arredou.

— A Varzea não está aqui marcada. Fiou-se no Barreiros, que sem duvida tinha visto o mappa. Elle então conduziu-o para este logar muito proximo do inimigo, e o capitão, no emtanto, convencia-se de que se approximava de Beresford. Nunca se viu traição igual! E' um plano verdadeiramente diabolico. Não admira! Deixou-se embahir em consequencia do seu character britannico, sempre inclinado á boa fé. Oh! Queira Deus não lhe resulte grande mal!

— Porém eu nunca me fiei no patife, e se o general Boxall m'ó não tivesse imposto... Acredita n'elle a olhos fechados.

— Ah! Veiu mandado pelo general Boxall? E' portador de instrucções?... Por isso é que está aqui?

— As instrucções que devo transmittir a Beresford não estão escriptas... sei-as de cór. Livram-se de boa os francezes, se eu não conseguir levar a minha missão a bom termo! disse eu tristemente, havendo perdido completamente a esperanza, por estar n'uma região que desconhecia, a dois passos do inimigo e sem um guia de confiança.

— Ia fazer com que Beresford marchasse contra elles... obrigando-as a descahir para as forças de Boxall?... Ficavam entre dois fogos...

— Como sabe!?...

Comecei esta pergunta, tamanho era o espanto causado pela promptidão com que a minha interlocutora comprehendera o plano. Logo, porém, a discreção, que nunca me desampara, me aconselhou a não proseguir. E disse com gravidade:

— São importantes segredos, que não posso revelar-lhe, miss Smith.

— Comprehendo-o. Mas não deve desanimar por emquanto. Conheço muito bem estos logares e estou prompta a servir-lhe de guia. Até folgo muito em prestar este serviço á nossa querida Inglaterra.

— Mas...

— Duvida de mim?

— E' dever meu, sinto dizer-lh'ó, duvidar de toda a gente, quando se trata de casos semelhantes. De mais a mais fizeram-lhe terriveis accusações...

— E quem as fez? O Barreiros... um infame que se apressou a fugir da minha presença. Acha este procedimento proprio de um homem leal? E tambem o hospedeiro me accusou. Porquê? Tinha-me fechado aqui, receoso de que eu pudesse dar ao general Boxall, ao seu general, sr. capitão, noticias a respeito dos francezes. Uma pequena força inimiga está bivacando perto d'aqui. Se me quer acompanhar, mostrar-lhe-hei, d'uma altura proxima, os fogos do bivaque, e deixará de duvidar de mim. Desgosta-me profundamente... a sua falta de confiança.

Tudo isto me parecia sincero, verdadeiro. O portuguez tinha fugido effectivamente. Hesitei durante alguns instantes. Succedeu-me levantar ós olhos e vi-a. Contemplava-me com uma triste expressão de censura. Envergonhei-me das minhas excessivas cautellas. Decidi-me e fui ao patamar da escada, d'onde chamei com força:

— Cabo! O' cabo!

Appareceu logo o Brown.

— Vá dizer ao primeiro sargento que dê ordem para o destacamento se formar quanto antes. Continuamos a marchar d'aqui a bocado. Cuidado em não deixarem fugir o dono da estalagem. Percebe?

— Sim, meu capitão.

Rodou sobre os calcanhares e desapareceu.

N'isto senti os passos de alguém correndo a bom correr e vislumbrei o vulto de um homem baixo e gordo, que fugia deante do Brown com espantosa celeridade. O cabo ia-

lhe no encaço em direcção á porta, que de repente se lhe fechou na cara.

Quando chegou á rua já não lobrigou o fugitivo, e d'ahi a pouco tornou para dentro de orelha murcha.

Emquanto se formava o destacamento, acompanhei miss Smith até um cómodo pouco superior ao planalto onde assenta a povoação. Estava uma noite linda, e no ar adejava tépida aragem. Já lhes disse que tenho o condão de ser muito impressionavel e que ella era uma formosa... uma formosissima creatura. Ora, nas pugnas do amor, eu já contava tantas façanhas como nas da guerra, e miss Smith, de mais a mais, tambem era bastante impressionavel. O certo é que para chegarmos ao alto do tal cómodo, levámos muito mais tempo do que o exigido pela distancia. Não posso negar de modo nenhum este pormenor. Mas alguns minutos a mais não tinham, para o caso, grande importancia.

Do alto da rampa avistei, a cerca de duas milhas, os fogos d'um bivaque. Atravez do ar sereno da noite percebi uns sons, como de tropa que se prepara para uma marcha nocturna. Voltámos para traz muito mais velozmente de que tinhamos avançado.

Dentro de poucos minutos proseguimos a jornada, com toda a pressa de que eramos capazes. Rosa Smith montava um cavallo que pediu emprestado na estalagem, e não se tirava do meu lado, servindo-me de guia. Marchámos toda aquella noite, com a maior velocidade, porque á partida sentimos perfeitamente a bulha feita por um esquadrão, que nos vinha perseguindo. Quando rompeu a manhã, iamos trepando uma ladeira, em direcção a um bosque: d'aquella vantajosa posição descortinavamos muito campo, até á distancia de umas sete milhas, e não fomos capazes de lobrigar nenhum corpo de tropas. Tinha-mos distanciado muito do inimigo.

Vendo o estado em que já vinham os cavallos, resolvi estacionar no bosque, e fui, acompanhado pelo Brown, escolher local mais conveniente.

Ao cabo de cinco minutos descobrimos uma clareira que servia para o caso, e voltei para traz. Fui dar com Rosa Smith a escrever n'um bocado de papel.

— Algum soneto de amor? perguntei eu.

— Nem mais, nem menos.

— Deixe ver...

— Por ora, ainda não. Depois. Talvez o não ache do seu agrado.

Disse-o com *coquetterie*, porém eu protestei.

N'isto, o serviço de ir postar as vedetas obrigou-me a afastar-me do bivaque, onde tudo era sussurro, com a faina de se desapparelharem os cavallos.

Colloquei as vedetas e voltei para o bivaque, a fim de dormir uma hora ou duas.

Fui ainda dizer uma palavra ao primeiro sargento e ver que tal ficava o meu cavallo praça. Só então me lembrei da minha formosa guia. Não estava no bivaque. Perguntei por ella pressurosamente. O cabo tinha-a visto dirigir-se para o caminho, d'onde nos tinhamos afastado para entrar no bosque. Corri n'esta direcção, com o coração invadido por um vago presentimento.

Deu-me na vista uma coisa branca, posta no tronco de uma arvore. Era um bocado de papel, fixo á casca por meio da lamina de um canivete. Tinha estas linhas:

«Meu caro capião Netherton.

Agradeço-lhe muito a amabilidade de me haver escoltado com a força do seu commando. Já não preciso do seu favor. Afinal o guia tinha razão... A Varzea não é perto de Arganil, mas fica muito proximo d'aqui. Tenho bastante receio de que o capitão levasse toda a noite a afastar-se dos seus. Aquelle bivaque de que hontem vimos os fogos era da guarda avançada das tropas do marechal Beresford. Palpita-me que o seu plano não dará bom resultado, porque espero prevenir dentro em pouco o general Montbrun. Vou fazer-lhe, querido capitão, uma confidencia: minha mãe era ingleza, porém meu pae era francez. A elle é que eu saio. Mil vezes obrigada pelos cuidados que se dignou dispensar-me. *Adieu!*

*Blanche Brétigny.»*

Resmungando uma praga, fiz o papel em mil pedaços, e caminhei ao encontro do esquadrão de hussares, que nos tinha dado caça toda a noite.

# A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

## Parte II—O PAIZ

### COIMBRA

(Continuação)



Os primeiros edificios conventuaes e escolasticos pertencem ao estylo preponderando em tempos de D. João III. O collegio dos Jesuitas, na cidade baixa, datando de 1540, acha-se quasi em estado de ruina, inclusivé o proprio pateo. Este, filia-se ao mesmo systema que presidiu á construcção do pateo de Penha Longa. Resta apenas o delicioso portico abrindo sobre a rua; trabalho assemelhando-se ao da Sé velha, e ainda com resaios de hespanhola a sua concepção. E' um amplo arco de volta inteira sobre esbeltos columnélos, inscrevendo uma segunda e larga faixa, cuja archivolta ostenta a mais primorosa ornamentação. Duas columnas mais grossas, flanqueando-a, aguentam a flexuosa architrave, com o seu primoroso friso de folhagem, coroada por um attico de esbeltas pilastras e arcadas profusamente insculpidas e emoldurando três nichos contendo estatuas e, dos lados, uns seguintes ornamentaes.

O conjuncto d'este portico é de um mimo encantador.

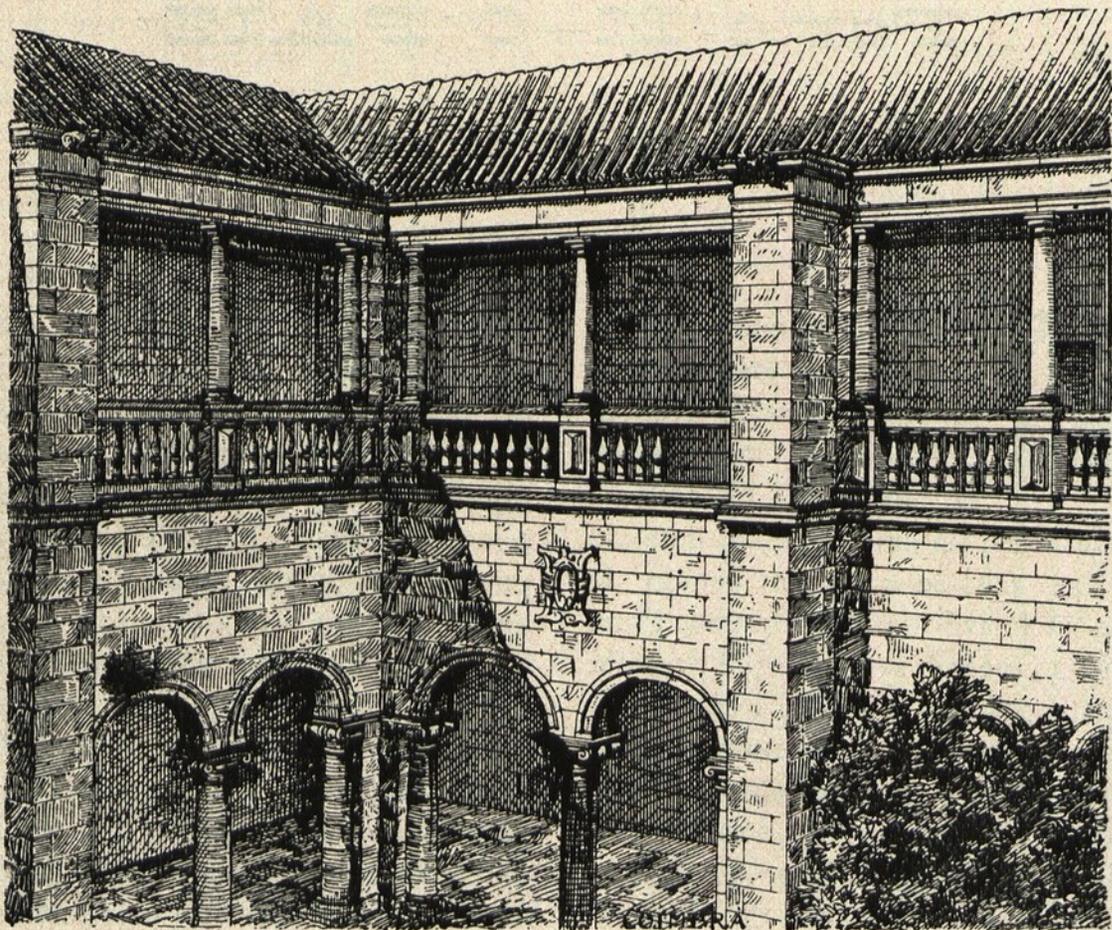
A ampla rua da Sophia, na cidade baixa, cortando para o norte, partindo da praça em que existe a igreja de Santa Cruz, e na qual se encontra o alludido collegio, é uma via larga e imponente, ladeada, a uma e outra banda, por uma fiada dos mencionados collegios e conventos dos seculos xvi e xvii. Entre estes é importante o collegio do Carmo, fundado em 1542 pelo arcebispo D. Frei Balthazar Limpo. Data da mesma época o formoso pateo, tão parecido ao do collegio dos jesuitas, differenceando-se apenas pelo facto de ser duplo o numero de columnélos do primeiro pavimento, disposição produzindo aliás effeito mais rico e delicado. A igreja, edificada em 1597, é lindissima interiormente, ao passo que a fachada apresenta uma architectura isenta de pretenções; duas torres quadradas, ladeando um corpo á feição de cupula, com um attico singélo, inferiormente, sem pormenores architectonicos de sufficiente character, constituem um bom conjuncto. Internamente apresenta uma só nave, com duas capellas rectangulares e mais duas em semicirculo, as quaes são sensivelmente mais altas, e

funcionam como nave transversal, em relação ao côro quadrangular.

Este edificio, estreitamente aparentado com a igreja de S. Bento, aliás pertencendo a uma época posterior, é um primor de mimo architectonico. Abobadas de pedra, almofadadas, abrangem totalmente o recinto; singélas na nave

almofadas, aguentada por duas columnas doricas, lisas.

E' sumptuoso o altar, preenchendo de todo a parede, da banda do nascente, de madeira, repartido em dois lanços sobrepostos por meio de doze columnas duplices, com seis nichos para estatuas, alternando com quatro pai-



PATEO DO COLLEGIO DOS JESUITAS

central, mais ricas no côro e nas capellas.

São um encanto estas ultimas, assimilhando-se ás de S. Bento, tenuemente dourada a pedra branca.

Os motivos architectonicos, aqui como além, emolduram apenas as capellas; o lanço superior das paredes e as janellas são vestidos de azulejos. A formosa tribuna, do lado do poente, descansa sobre uma rica abobada de

neis a oleo, de grandes dimensões, e todo elle dourado, produz notabilissimo effeito.

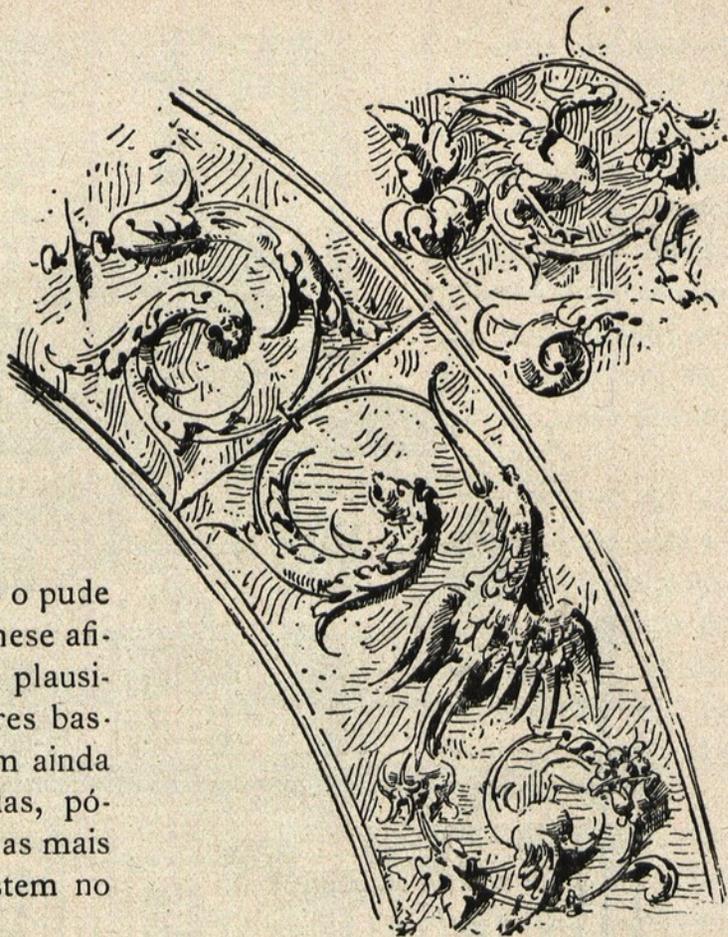
Jaz muito proximo o collegio da Graça; é muito semelhante á anterior a igreja, apenas com três capellas rectangulares, por banda, para o lado do poente, uma tribuna sobre abobada de berço e côro rectangular.

A decoração é quasi que identica; o sumptuoso altar da parede oriental dis-

posto como os da anteriormente citada. A fachada apresenta uma empêna lisa sobre pilastras, com portico e janella alta e um motivo architectonico, incluindo quatro figuras de desenho um tanto frôxo.

Mais para diante, na mesma rua, deparam-se nos os restos de uma grande e sumptuosa igreja, da qual existe apenas o lanço oriental. Se veio jamais a ser concluida, ou se haverá desabado em parte, não o pude eu deslindar. A primeira hypothese affigura-se-me porém ser a mais plausivel. Os três nichos rectangulares bastante fundos do côro conservam ainda as abobadas; estas, apaineladas, pôdem ser incluidas no numero das mais formosas e elegantes que existem no reino.

A nave transversal era protegida por três abobadas de arestas assentes sobre columnas jonicas, ligadas; disposição rara por aqui. A nave, unica, deve de ter apresentado as usuaes capellas, baixas, dos lados. A igreja haverá estado já votada ao culto, certamente, porquanto, quer no transepto quer no côro, restam ainda uns grandes retabulos de pedra, e uma capella. Destas construcções de altar, uma dellas consiste num arco muito amplo, com seis nichos sobrepostos, ostentando ima-

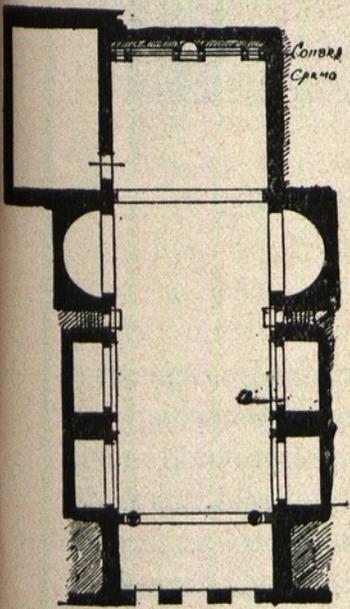


DO PORTAL DO COLLEGIO DOS JESUITAS

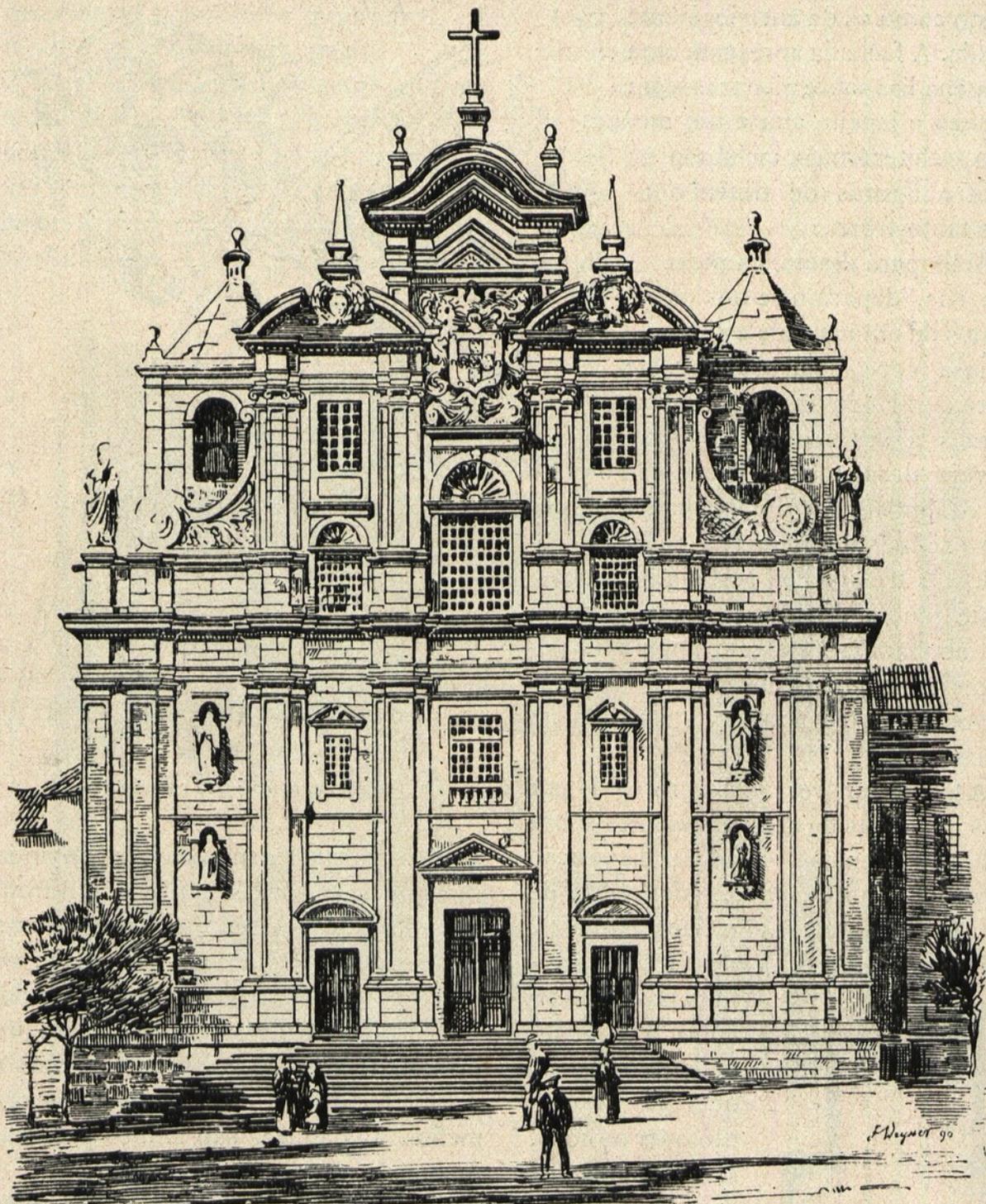
gens e pilastras ornatadas, aguentando as impostas; por coroamento, um frontão mi-partido. A segunda apresenta na parte inferior columnas corinthias, no attico sobrejacente columnas de candelabros e festões, e ao centro, ainda um primoroso alto relevo, representando a Ascenção da Virgem, e apostolos em nichos. Os altares são ambos profusamente dourados.

O estylo, quer das abobadas quer dos pormenores architectonicos, combina inteiramente com o da sacristia da Sé velha; pertencendo pois á mesma época, supposto o edificio tivesse sido principiado em 1540.

A mais grandiosa estructura d'este genero existente em Coimbra é o novo edificio da cathedral (Sé nova), principiado a construir em 1540. Esta data não se refere ao edificio hoje existente,



PLANTA DA EGREJA DO CARMO

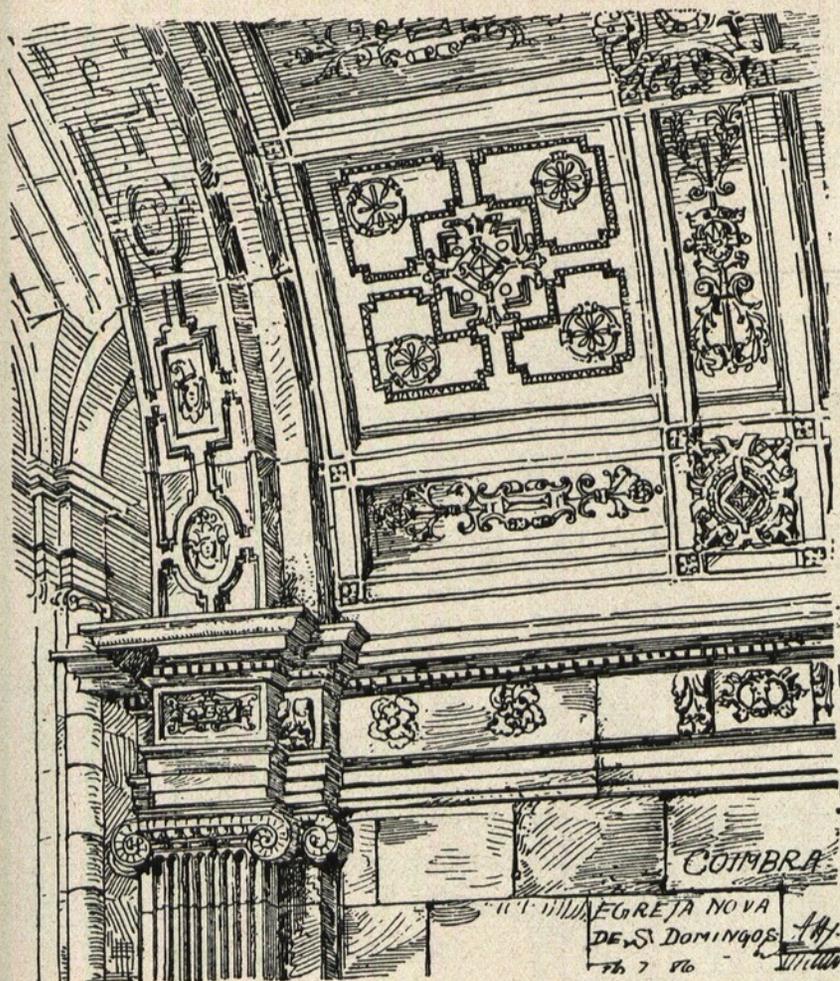


SÉ NOVA DE COIMBRA

sem duvida. Este, não será anterior a 1580.

A sua architectura, quer por dentro, quer por fóra, é idêntica, ou pouco menos, á de Santo Antão, em Lisboa; as proporções d'este ultimo templo, contudo, são um tanto mais importantes. A propria comparação entre as fachadas

o manifesta sobejamente. Apenas a architectura do frontão denuncia uma data mais recente, apresentando muita afinidade com a do collegio novo, do Porto. São menos delicadas as fórmulas do que as das igrejas lisboenses, e, não obstante, a mão que as traçou deve ser a mesma. A circumstancia, aliás já



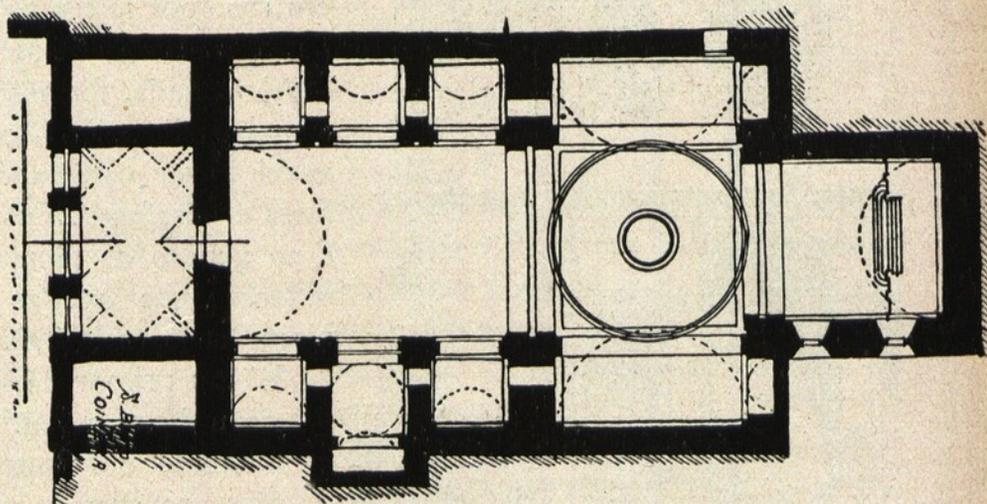
ABOBADA NA ABSIDE SUL DA EGREJA NOVA DE S. DOMINGOS

citada, de existirem numa bibliotheca desta cidade os respectivos projectos traçados por Turiano, o successor de Terzi, leva-me a inferir, que o primeiro haverá empregado aqui os elementos artisticos experimentados além.

A planta patenteia-nos aqui quatro capellas lateraes, divididas por pilastras doricadas, duplicadas como em S. Vicente de Fóra (Lisboa); por cima da cornija uma abobada, bella quanto simples, de berço e caixotões.

conserva-se ainda, felizmente.

E não obstante, a igreja, no todo, constitue ainda um recinto de aspecto formoso e aprazível, inclinando-se, no que respeita as proporções, ao estylo



PLANTA DA EGREJA DE S. BENTO

Por cima do arco cruzeiro um tambor com uma cupula baixa, hemispherica, egualmente com caixotões; completa-a um lanternim em cuja abertura inferior, pensamento deveras encantador, se divisa um anjo librandose no ar.

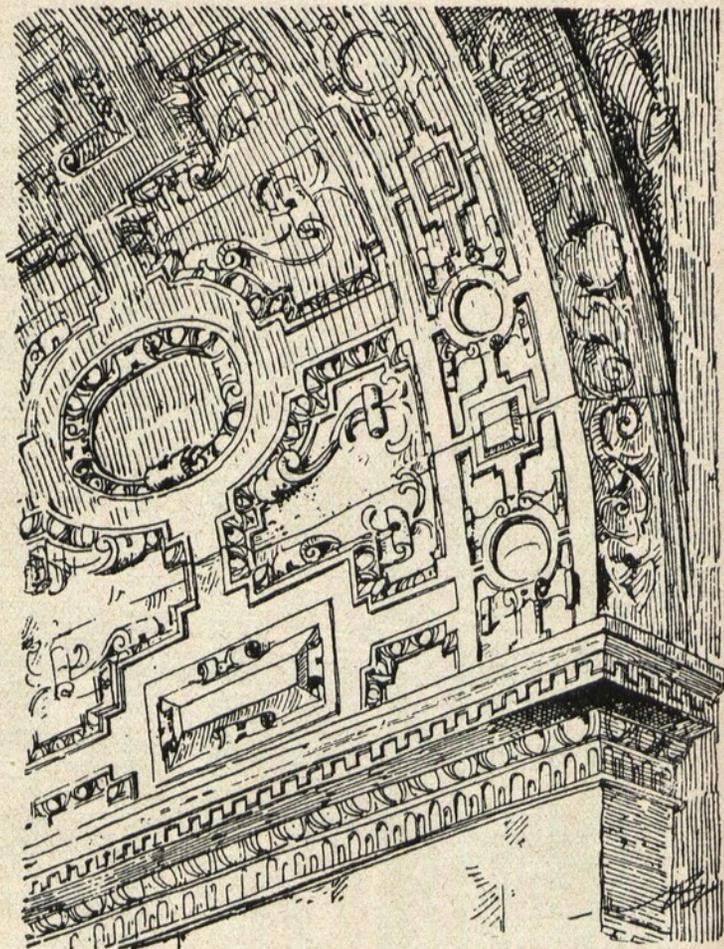
O recinto do côro ostenta ainda uma abobada adornada com riqueza. No lanço occidental, uma tribuna sustentada por duas formosas columnas doricadas.

A decoração destas capellas, com altares esculpidos e dourados, cancêllos de optimo lavor, delicados e austeros, por partes, já barrôcos, aqui e acolá,

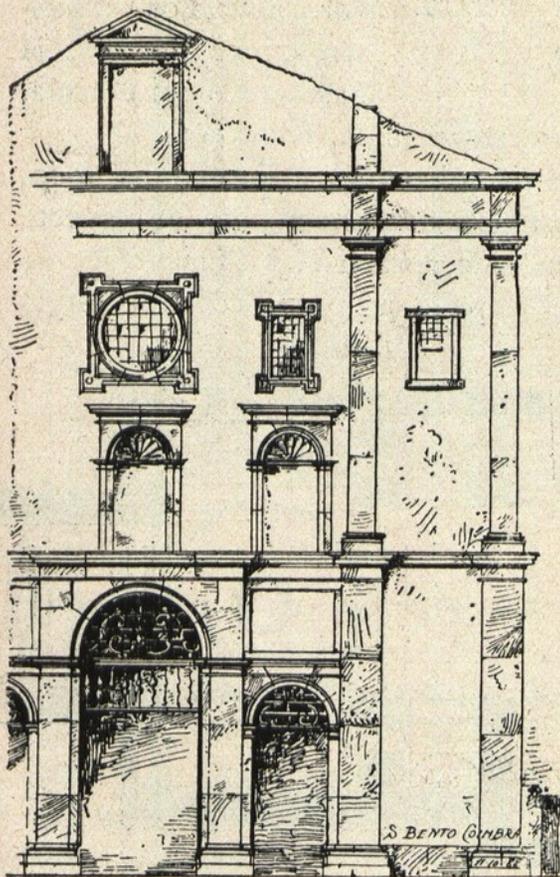
commum ás egrejas italo-jesuíticas, o que succede com quasi todas, faltando-lhe aliás esse attico tão feio quanto frequente a encimar a architrave da nave central.

No mosteiro de S. Bento, situado num cómodo, para além da Universidade, vasto e pesado edificio com aspecto de caserna e uma igreja annexa, vamos encontrar a obra capital dos Alvares. São indigitados como autôres da planta os dois irmãos, e bem assim Diogo Marques. E sem embargo, o legitimo autôr quer do projecto quer da sua realização devemos suppôr que haja sido Balthazar Alvares, que, por esse tempo, construiu tambem o mosteiro de S. Bento, em Lisboa.

A igreja, na qual se concen-



ABOBADA DE BERÇO NO CRUZEIRO DE S. BENTO



FACHADA DE S. BENTO

trará exclusivamente a nossa atenção, e que corresponde ao estylo a que pertencem tanto a do Carmo como a da Graça, é mais importante, comtudo, no que diz respeito ás proporções. Foi consagrada em 1634, ao passo que o convento se achava edificado em 1555 por iniciativa do reitor da Universidade, D. Diogo de Murça.

A' fachada, formosa, posto que austera e singela, fallece-lhe o coroaemento, sendo provavel haver ostentado duas torrinhas. São finas e desafogdaas as suas formas. A planta é no genero da planta da nova Sé, com a differença de que as capellas lateraes são n'este caso mais baixas e mais acanhadas.

E' um primor de architectura a nave, séria e digna quanto possivel. Cobrem totalmente o recinto abobadas de caixões, ostentando singular riqueza e formosura as da nave transversal e da absi-

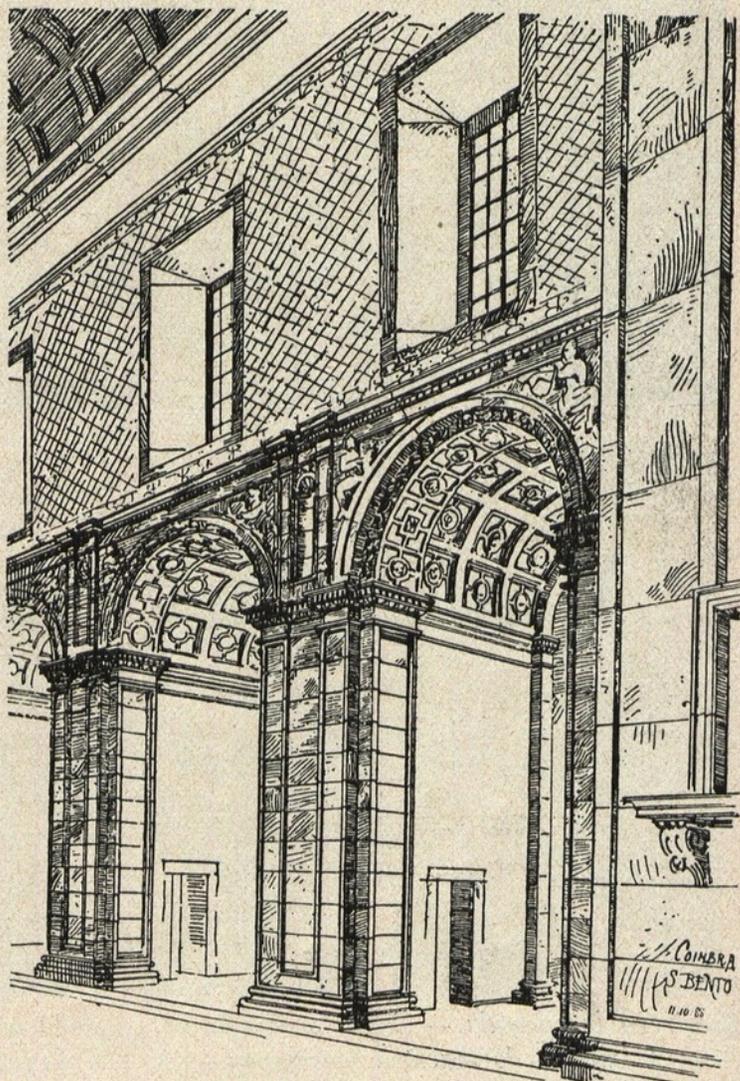
de quadrangular do côro. A cupula semi-circular, de caixotões e com lanternim, ergue-se perpendicular ao cruzeiro, como a da cathedral. Nas capellas vêem-se restos de pinturas a fresco.

Campando ainda mais sobranceiro, no pincaro da montanha, para além da Universidade, encontra-se o convento das Carmelitas, ou de Sant'Anna. E' fundação do cardeal Ayres da Silva (reitor em 1564) e foi concluido pelo cardeal D. Affonso de Castello Branco. Jazem aqui sepultados, quer um quer outro.

A igreja patenteia ainda outro typo genuinamente portuguez; um recinto rectangular muito comprido e com abobada semi-circular; é repartido ao meio por uma parede com uma abertura gradeada interceptando o côro das freiras do espaço reservado a profanos. Esta ultima parte ostenta uma rica abobada; existe aqui tambem o tão singelo mausoleu do cardeal da Silva, sustentado por quatro leões e adornado com o brazão de armas respectivo. A decoração de um e outro recinto é representada por opulenta obra de talha, de época posterior. Ao norte, na face virada para a rua, do tão singelo edificio, pela banda de dentro, vêem-se dois portaes luxuosos com columnas embebidas e empêna brazonada; annexos dois claustros muito modestos com arcarias sobre columnas

doricas; nelles se encontram abundantes capellinhas, nas paredes, e a cuja entrada enquadram uns lindos motivos architectonicos da Renascença, admirando-se ainda uma fonte, pinturesca.

Na mesma região deve ter existido



NAVE DE S. BENTO

aliás mais um convento ou collegiada, o da ordem de Christo, o qual, muito semelhante ao de S. Bento, seria ainda muito mais rico e importante, derruiu, comtudo, desde um certo numero de annos.

(Continua).



TIFLIS

# Vinte dias na Rússia

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROSO

## CAPITULO VIII

### KOLTSOVO

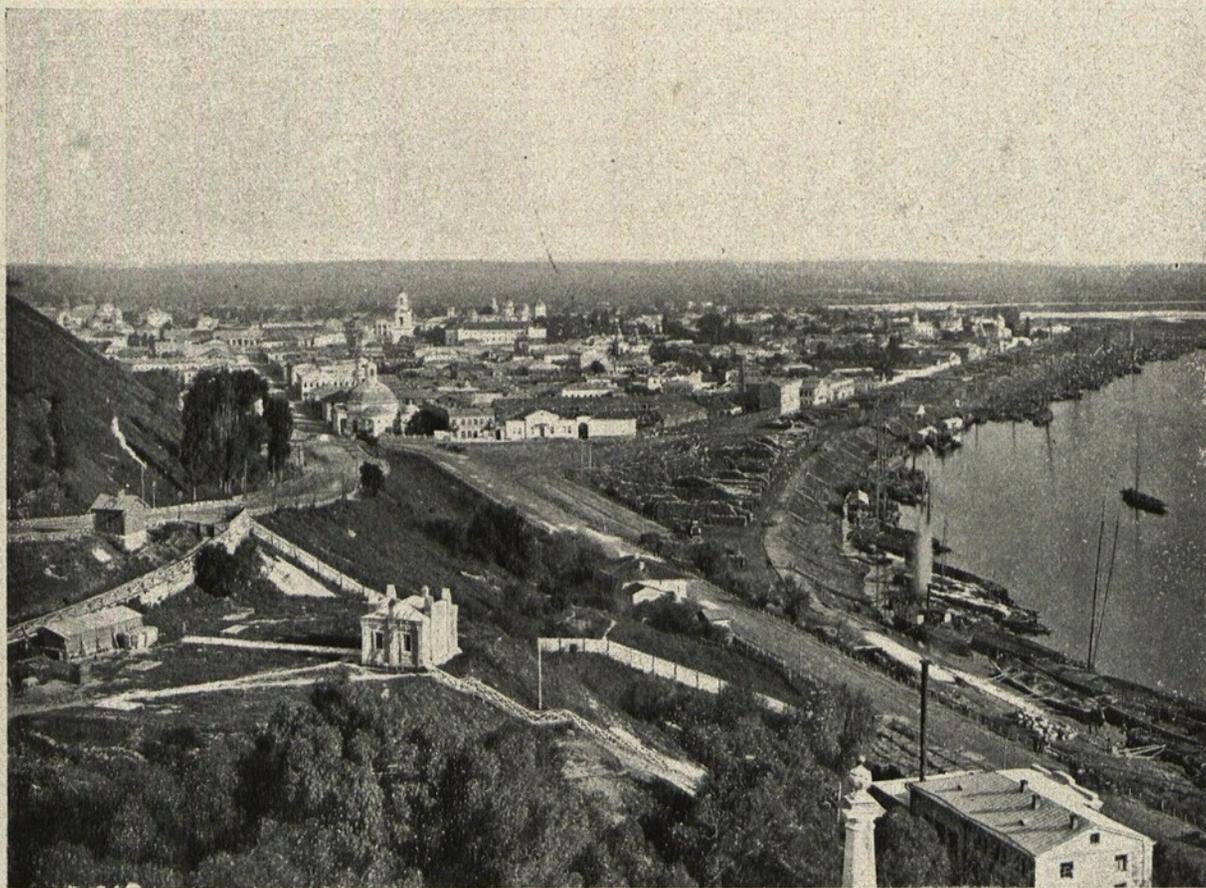
*Surpresa inesperada. — O cantor dos slavos, — A imiênie do maestro Slaviansky — A familia Agrénev — A hospitalidade russa — «Dobro pojaloivat... Do svidania» — Mudança de nome e mudança de fato — Uma semana no coração da Rússia — As canções populares portuguesas á beira do Volga.*

**S**E foi para mim noticia, com que estava longe de contar, a da popularidade do maestro Agrénev em Tver, assumio as proporções de verdadeira surpresa, completamente inesperada, o que me aguardava á entrada de Koltsóvo. Dizer que excedeu a minha expectativa, não posso affirmar-o,

porque é certo que nunca pensei encontrar cousa semelhante. Foi ao principio um sentimento, aliás bem justificado, de incredulidade. Depois, quando em presença da realidade que se me impunha, as minhas duvidas tiveram que ceder, o que eu senti foi admiração, quasi pasmo. Pois que? tudo aquillo que diante de mim eu via, um parque magnifico de bellas e frondosas arvores; uma habitação de apparencia senhorial com a sua bandeira lá no alto a fluctuar ao vento; terras a perder de vista, fechadas ao longe pelo massiço verde-escuro de uma imponente floresta; uma aldeia inteira de *mujiks* com as suas *izbás* alinhadas dos dois lados do caminho; um lago rodeado de espesso arvoredo, em cujas aguas tranquillias cardumes de peixes descreviam curvas caprichosas e animadas; dois ou tres *drochks* atrelados de soberbos cavallo de raça; e umas

*telégas* trazendo pachorrentamente do campo os productos da lavoira; e creados, caçadores, guardas, um intendente, *tudo isso* pertencia ao maestro, que eu vira no Colyseu, contractado a tanto por noite pelo nosso conhecido Santos? . . . Deve confessar-se que nestas condições nada mais legitimo do que a duvida. E no entretanto era assim. *Tudo aquillo* que eu estava contemplando, e *muito mais*, que n'aquella occasião não podia vêr, conforme o vim a conhecer mais tarde, per-

dioces conforme o merito, a quem o publico paga para que o divirtam, de patria incerta, de moralidade quasi sempre duvidosa, que applaudimos se sabem da sua arte, a quem se póde offerecer em noite de beneficio uma joia ou um ramo como prenda, mas com os quaes só excepcionalmente algum se lembraria de travar mais intimas e demoradas relações. Constitue essa gente um mundo á parte, errante e sem physiognomia propria, de caracter cosmopolita, melhor tal-



KIEW

tencia a Dmitri Slaviansky em pessoa, o mesmo que tantas vezes no circo da rua Nova da Palma e no theatro D. Amelia o publico da nossa capital teve ensejo de applaudir. Era verdade . . . mas não era menos certo que semelhante contraste, tão fóra dos habitos portuguezes, direi mesmo occidentaes, me intrigava devéras.

Em Lisboa, com effeito, não estavamos acostumados, nem nas companhias theatraes estrangeiras que nos visitam, nem nos seus respectivos directores a vêr mais do que uns aventureiros mercenarios, illustres ou me-

vez desnacionalisado. No theatro e no circo, campo dos seus unicos triumphos, cifra-se toda a area da sua influencia. O bilhete de visita á chegada e á despedida das cidades, por onde passam, é o reclamo pago á linha nos jornaes ou o cartaz multicolor nas esquinas. Emquanto teem voz, agilidade de musculos, ou facilidade de dicção; emquanto sobretudo a mocidade lhes presta os seus ephemos encantos, lá vão divertindo as multidões, colhendo as faceis palmas das ovações de uma noite. Depois, quando com os annos o poder de seducção, que era o se-

greto das suas victorias, lhes foge, vem o abandono e a pouco trecho o esquecimento, porque o palco não é asylo nem panthéon mesmo para as mais consagradas glorias.... E desaparecem sem deixar vestigio, e morrem sem legar saudades, sem se saber bem nem onde nem quando. Ouve-se um dia dizer que cessáram de existir. Eis tudo. Nem ao menos pôdem servir-lhes de necrologio os applausos recebidos em vida, porque esses de ha muito que caíram no olvido entre as ac-

identicos no fundo a tudo quanto no genero tinha apparecido entre nós. Pessoalmente mais estimaveis, não ha duvida, artisticamente mais completos, sem contestação. Mas.... cantores estrangeiros, e como taes pertencentes a uma cathegoria de visitantes julgada já por toda a gente sem apellação.

Este ponto de vista explica bem as minhas duvidas antes de chegar a Koltsóvo, e a minha admiração logo que ali cheguei.

Eram as ideias occidéntaes, que mais uma



NIJNI — NOVGOROD

clamações aos novos, que o empresario contractou!

E esta pouco mais ou menos a noção, que entre nós se tem das companhias e dos actores estrangeiros, que em cada estação vêem aqui explorar a nossa bolsa e não raro perverter o nosso gosto artistico com exhibições de fancaria, que os respectivos paizes apenas lhes toleram... para exportação.

Por isso, não obstante as diferenças profundas que logo á primeira vista no seu valor intrinseco e na sua apresentação se notavam, eu continuava a olhar a companhia russa, nossa hospeda no ultimo inverno, e o seu illustre director, como essencialmente

vez me tinham enganado; e a illusão em que eu caíra e que me desnor-teava, provinha de estar applicando erradamente a um *meio*, que eu desconhecia, principios que lhe não convinham.

Só depois vim a saber a verdade, e comprehendí o que no primeiro momento fôra para mim um enigma.

O maestro Dmitri Agrénev não é um cantor ou um musico, como tantos que nós conhecemos no Occidente.

A companhia artistica, que ha já bastantes annos elle constituiu, não representa uma especulação financeira. Pelo contrario. Grande numero das *tournées* que emprehende

especialmente no seu paiz, em logar de lhe darem qualquer lucro, occasionam-lhe não raro importantes perdas de dinheiro. Era, por exemplo, o que n'aquelle momento lhe estava acontecendo em Nijni-Novgorod, onde elle se encontrava com a sua *capella* muito reforçada em numero e que expressamente reconstituira para ir cantar ás grandes festas, que n'aquella cidade se realisavam para celebrar a inauguração da primeira exposição industrial da Russia inteira. E preciso conhecer o mundo slavo, e as suas aspirações para comprehender a missão do maestro Agrénev, porque é uma missão patriotica a que elle entre os seus desempenha. Fraccionados em diversas soberanias politicas, separados uns dos outros por grupos de população indifferente ou hostil, violentamente incorporados muitos d'elles em estados estrangeiros, é no dominio da arte e da litteratura, é na musica popular que lhes dá vida ás suas poeticas tradições, que os slavs reconhecem a unidade da origem commum, e que como irmãos fraternizam, emquanto não podem fazer todos parte da mesma patria, a que aspiram. Assim, o tchéque da Bohemia, o polaco e o rutheno da Galicia, o slovaco da Hungria, o polabio da Prussia, o bosniaco do imperio othomano e o montenegrino, o servio, e o bulgaro, independentes, mas mutilados, todos elles sentem pulsar o coração de enthusiasmo, encher-se-lhes a alma de esperança, quando alguém entõa um d'esses cantos em cujas notas, para elles tão doces, se conserva ainda vaga mas saudosa a recordação do berço ao pé do qual passaram junctos a primeira infancia.

O maestro é o evocador, pela arte, d'este passado querido. D'ahi lhe provem a popularidade, que entre todos os povos slavonicos disfructa. Chamam-lhe *piévétz slaviánskikh*, o «cantor dos slavs», e semelhante epitheto, que elle usa com o orgulho de um rei, depois de o ter transformado no proprio nome (1), representa hoje na Russia e nas nações irmãs um título honorifico, synonymo do mais glorioso sacerdocio.

Basta vê-lo a reger o seu orphéon, para se adivinhar logo que não se está em presença de qualquer maestro vulgar. Aquella

cabeça esculptural e magestosa, que parece arrancada ao busto de alguma divindade da velha Grecia pagã; aquelle sorriso meio velado, mystico, quasi carinhoso, que lhe espalha na physiognomia sympathica o tom doce de uma bondade de apostolo; aquelle olhar meigo e scismador perdido no espaço, como que á procura de um ideal intangivel; aquella solemnidade, iamos a dizer hieratica, que lhe dá mais a apparencia de um levita a presidir ás cerimoniaes de algum culto desconhecido do que de um regente a dirigir simples musicos e cantores; tudo isto concorre para accentuar a gravidade do mysterio, que Dmitri Slaviansky elevou á altura de missão patriotica e nacional.

Dada, pois, a importancia de tão interessante personalidade, não era para admirar o que eu tinha visto.

Não só a familia Agrénev, pelo seu chefe, tem na Russia artistica notavel situação, mas ainda a origem, que é das mais nobres, lhe realça esta posição já de si tão importante. Com effeito, o maestro Slaviansky, descende em linha recta dos príncipes de Tver, e em Koltsóvo tive eu occasião de examinar a arvore genealogica, que, reverentemente guardada no archivo da familia, comprova esta historica ascendencia.

Era pois verdade, que estava n'uma habitação senhorial russa e que a minha boa estrella me conduzira a uma *imiénie* authentica, com o seu sabor patriarchal ainda intacto e onde á vontade eu podia encontrar a toda a hora verdadeiros *mujiks* de carne e osso, exactamente como se estivesse assistindo á realisacão de um d'esses contos do grande caçador litterato (1) que por tanto tempo olhei apenas como productos da sua phantasia imaginosa, mas que ia vêr agora em toda a palpitante verdade. A *imiénie* de Dmitri Slaviansky constava, como todas as propriedades d'este genero, de vastas terras de lavoura, de florestas, a *Málaia Tepiáevka* (pequena T.) e a *bolcháia Tepiáevka* (grande T.) e de prados, com a competente casa de habitação e seus annexos, além da aldeia de Koltsóvo n'ella encravada, que lhe pertencera com os respectivos habitantes emquanto durára o regimen da servidão, e que hoje ainda após a abolição legal d'esse regimen, e embora livre de

(1) O apellido do maestro é Agrénev; Slaviansky, quer apenas dizer «dos slavs».

(1) Turguénev.



IALTA (CRIMEA)

direito lhe não está de facto menos sujeita.

A habitação é um espaçoso palacio, composto de rez do chão, primeiro andar e uma especie de *belvedere* ou mirante a dominar o edificio, o *observatorio* como lá lhe chamam, de cujo alto se descobre soberbo panorama de campos, de bosques, de *derévnias* (1) ao longo da linha d'agoa do Volga, e das cupolas indecisas das egrejas de Tver; mais proximo, atravessando a propriedade, vê-se o caminho de ferro que vae de Moscou a S. Petersburgo, onde umas poucas de vezes ao dia correm silenciosamente os comboyos, ora meio occultos pelos massiços do arvoredado, ora emergindo nas *poliánkas* (2) frescas e ridentes, sobre cujos tapetes de verdura, vistos a distancia, parecem enormes reptis a deslisar.

Um formoso parque das mais bellas essencias da região rodêa toda a casa, cuja ala

esquerda termina em fôrma de terrasso, sobre o qual as *lipas* (1) gigantes e as prateadas *beriósas* (2), fazem um encantador caramanchão de folhagem. No interior a habitação é de enormes proporções. Vê-se bem, que quem a construiu já contava com os numerosos visitantes, que tinha de hospedar. O rez do chão, o que poderemos chamar as aguas-furtadas, e uma parte do andar nobre são occupados por quartos de dormir. E' n'este andar que se encontra tambem a sala de jantar, a sala de visitas e o salão de musica para as reuniões quotidianas, a bibliotheca e o gabinete de Dmitri Slaviansky, santuario quasi archeologico, onde se conservam piedosamente as recordações da vida artistica e guerreira do maestro, (porque elle tambem foi soldado, e pertenceu ao exercito da Crimea,) retractos, bustos, corôas, diplomas, condecorações, joias, quadros, albuns, musicas, sabres, carabinas, uniformes,

(1) Aldeias.  
(2) Clareiras.

(1) Tilias.  
(2) Bétulas.

vasto arsenal de gloria, onde cada objecto evoca a lembrança de um triumpho a favor da grande causa do slavismo, servida indistinctamente mas com igual enthusiasmo pelo cantor nos dominios serenos da arte e pelo militar nos sangrentos campos de batalha. Completavam a parte edificada da *imiénie* as habitações da creadagem, as cavallariças, e o *sarai*. — arrecadação de madeira

o tempo que lhe sobra dos seus estudos; finalmente Elena Sóмова e Olga Savitzkaia, as filhas de Dmitri Slaviansky, que eu ainda não conhecia, casadas com dois officiaes do exercito, de guarnição um em S. Petersburgo e o outro em Moscou. Aproveitando a estação calmosa tinham vindo passar uma temporada ao campo, fazendo ao mesmo tempo companhia á irmã solteira, a qual ficára só



IALTA — OUTRO ASPECTO

para combustivel e de certos productos da lavoura.

Quando chegámos a Koltsóvo apenas encontrámos da familia da casa Jorge Dmitriévitch, o filho mais velho do maestro, que actualmente seguia em Moscou o curso de engenharia; o pequeno Kirúcha seu irmão mais novo, extraordinariamente crescido desde que pela ultima vez o vira; Inna Dmitriévna, a encantadora menina de que Lisboa conserva tão grata recordação, mas que parece renunciou á carreira artistica para se dedicar aos cuidados domesticos, pelos quaes reparte

durante a ausencia dos paes, que havia mais de um mez estavam dando concertos em Nijni-Novgorod. Juntamente com elles achava-se Margarida Dmitriévna, a nossa conhecida e adoravel Rita, que por telegrammas successivos não cessava de nos pedir, que fossemos visitar a exposição, e que para nos vêr resolveu-se a emprehender sósinha a viagem d'aquella cidade a Koltsóvo, quando perdeu a esperanza de que nós lá fossemos.

O resto dos habitantes da *imiénie* compunha-se em primeiro logar dos hospedes

ocasionaes, que n'esse momento ali se encontravam: — André Petrovitch Domojirov, official do 15.º regimento de dragões Alexandriisky, bello typo meridional, trigueiro e de olhos pretos como qualquer andaluz, descendente, segundo me contáram, de uma nobilissima familia tatara do Caucauso; e Arsenio Alexandrovitch Biélsky, «Arsa» como familiarmente todos lhe chamavam, o mais sympathico e singelo rapaz, que póde imaginar-se, estudante de medicina na universidade de Moscou, e que depois veio a ser com Jorge Dmitrievitch o meu inseparavel companheiro para todas as excursões, caçadas, pescas e simples passeios, não só emquanto estive em Koltsóvo, mas mesmo mais tarde em Moscou, onde me acompanhou.

Depois dos hospedes, propriamente ditos, havia ainda em Koltsóvo os familiares e os criados. D'estes ultimos não esquecerei nunca dois, porque com elles mais de perto convivi: Dácha, fresca e risonha rapariga, sempre alegre e pimpante, grande dansadóra do *trepák* (1), e não menor entusiasta pelos descantes, ao domingo á tarde na aldeia.

(1) Dansa russa.

Victor, guarda das florestas com o titulo honorifico de caçador da casa, perfeita encarnação do *mujik* infantil e despreocupado, de uns 60 annos pelo menos, mas sessenta annos rijos e desembaraçados, incansavel perseguidor de lebres, e tagarellador impagavel, sobretudo para mim, que não me fartava de ouvir, descriptas na mais pittoresca das lingoagens, as suas mil aventuras cynegeticas.

Os familiares eram dois: miss Amy, perceptora ingleza, que, apesar de viver ha mais de doze annos na Russia, fallava um moscovita que, pelas indagações a que cuidadosamente procedi, era muito inferior ao meu (com que desvanecimento aqui deixo esta orgulhosa confissão!) e o professor Nicolau Grigorievitch Malychév, que merece que a seu respeito digamos algumas palavras, pois, mais do que um simples individuo, representa o typo muito conhecido na Russia, que Turguènev immortalisou n'uma das suas meliores composições (1).

Não se recorda o leitor d'aquelle personagem representado por Novelli na comedia II

(1) *Nakhliebnik* (comedia em dois actos).



*pane altrui*, o pobre Vassili Semenovitch Kusófkin, gentleman caído em decadencia e obrigado a viver nos seus ultimos dias, como commensal por caridade, na casa onde a um tempo recebe a esmóla do sustento, o pão alheio, e as vaias e os insultos que tão amargo lhe tornam esse pão?

Pois estamos em presença de um caso semelhante, salvo já se vê o procedimento dos donos da casa, que em Koltsóvo timbra em ser de uma delicadeza tão primorosa para com o beneficiado, quanto repugnante nos apparece o modo como é tratado no theatro o desventurado heroe da comedia.

Nicola Grigorievitch, musico distinctissimo, como por mais de uma vez tive occasião de apreciar, verdadeiro *virtuose* na rebecca ainda hoje, apesar dos seus achaques physicos e da sua deprimida situação moral, gosou em tempo de relativa independencia, póde mesmo dizer-se, de uma certa abundancia de meios. Accidentes, porém, da fortuna adversa foram-lhe pouco a pouco diminuindo os haveres, a ponto de perder tudo quanto possuia. Foi então que teve de recorrer á protecção generosa do maestro Agrénev, cuja casa d'ahi por diante lhe ficou patente e onde passou a viver como commensal na condicção honrosa de professor de violino do pequeno Kirúcha.

De resto o professor Malychév, o *professor*, como a gente da casa lhe chamava é sob todos os respeitos digno da amisade, que em Koltsóvo lhe dispensavam. Alegre, condescendente, obsequiador, perfeitamente resignado com a sua sorte, não ha ninguem que o não estime na *imiénie* e nas aldeias da vizinhança, aonde de vez em quando faz a sua

fugida, a provar n'algum *kabák* (1) mais afamado a ultima remessa de cerveja ou de hydromel.

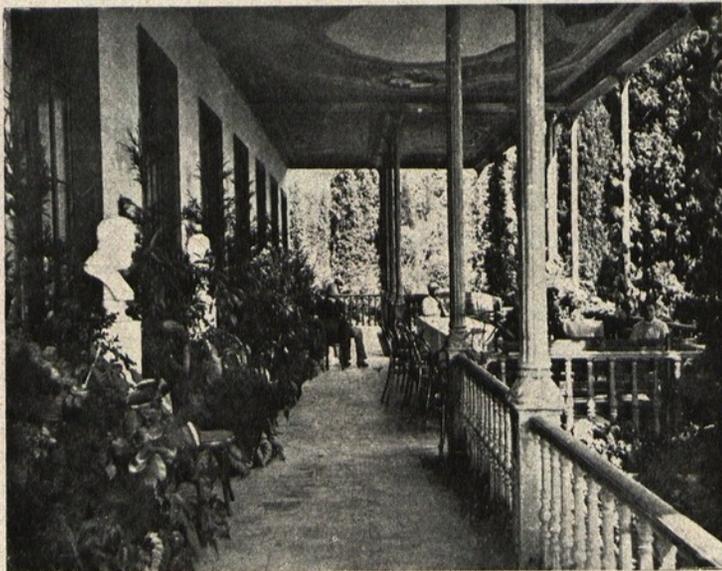
Verdadeiro moscovita *vieux style* conservou sempre o culto exclusivo do nativo idioma, mantendo-se systematicamente renitente ás influencias philologicas occidentaes, tão predominantes em Koltsóvo.

Imagine-se, porisso, o jubilo de Nicolau Grigorievitch, que de mais a mais é um fallador emerito, quando encontrou alguém com quem podésse na lingua unica de que dis-

punha dar largas á tagarellice, que sempre trazia reprasada!

Foi, como dizem os hespanhoes, *la mar!*.. Uma vez abertos por mim imprudentemente os diques á torrente da sua eloquencia verbosa, aquillo não teve fim! Que longas historias! que narrações estiradas! Não houve porme-

nor da biographia d'elle, que ao cabo de alguns dias eu não podesse repetir de cór nos mais insignificantes incidentes. De resto, tal exercicio forçado de linguistica applicada teve para mim bastante utilidade, pois me deu proveitosa licção pratica do russo fallado pelo povo nos districtos centraes da região moscovita, o qual embora se não distingua do idioma litterario a ponto de constituir dialecto á parte (a homogeneidade do grande russo (2) é bem conhecida,) como acontece em tantas zonas da Italia e da Alemanha entre as lingoas populares e as suas respectivas fórmulas eruditas, possui ainda assim algumas particularidades caracteristi-



ORIANDA — CRIMEA

Propriedade do grão duque Constantino

(1) Casa onde se vendem bebidas.

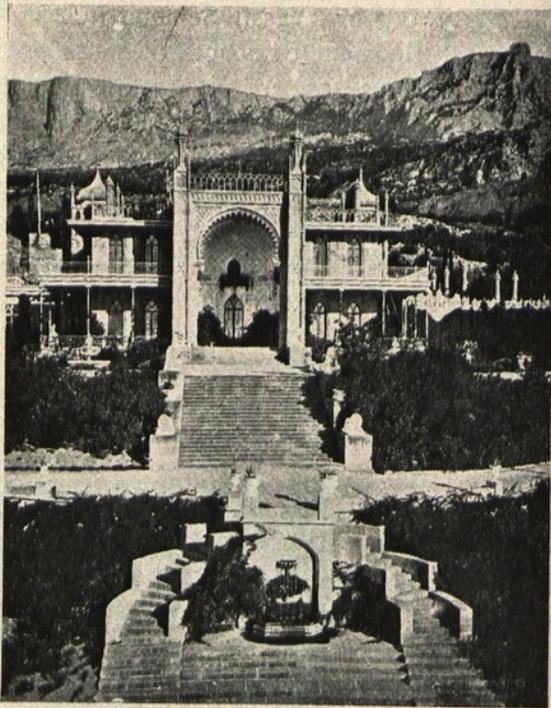
(2) *Veliko-rússkií*. Uma das divisões do gruppó russo que se divide em *grande-russo* (o mais importante), *pequeno-russo* e *russo branco*.

cas, que merecem ser estudadas, e sem o conhecimento das quaes não é facil comprehender muitas paginas mesmo dos escriptores modernos, sobretudo dos romancistas da escola naturalista e realista.

Na descripção summaria, que rapidamente aqui traçamos dos habitantes de Koltsóvo, não incluímos, por n'essa occasião estar ausente da *iménie*, conforme atraz dissemos, a notabilissima figura de Olga Kristoforona, dedicada esposa e companheira inseparavel do maestro Agrénev.

Seria no entretanto mais do que injustiça deixar de prestar, por indisculpavel esquecimento, a devida homenagem a esta mulher extraordinaria, escriptora de grande talento, artista de superior inspiração, coração de ouro, que não é n'ella a prenda de menor valia entre tantas, que lhe exornam a pujante individualidade.

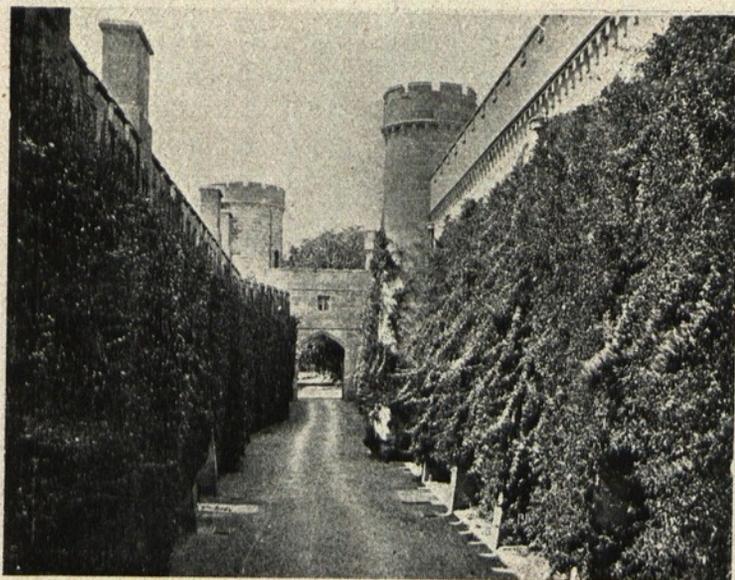
E' necessario ter-se convivido, como eu convivi, na intimidade de semelhante mulher para bem se avaliar a justiça d'estas palavras por mais exageradas, que á primeira vista pareçam. Educada na Allemanha, na Italia e em França, em cujo meio social e artistico o seu espirito tão ricamente dotado se foi pouco a pouco afinando; fallando com perfeição inexcédível os principaes idiomas occidentaes e conhecendo todas as lingoas slavas; tão versada na historia e na litteratura do seu paiz como na das demais nações da Europa; possuindo vastos conhecimentos scientificos, que chegam a assombrar em pessoa do seu sexo; tendo viajado por todo o



ALLOUPKA (CRIMEA)

*Terraço da propriedade da condessa Schouvaloff*

nosso continente, pela America, e por uma grande parte da Asia; Olga Kristoforona é indubitavelmente uma das mais bellas encarnações do genio slavo,—d'este genio que pela maleabilidade da sua estrutura, pela multiplicidade das suas aptidões, e pela complexidade dos seus aspectos, melhor representa os innumeros cambiantes e os infinitos contrastes do novissimo cyclo de civilização, cujos inicios principiam vagamente a debuxar-se na linha ainda indecisa do horizonte, que nos separa do dia de amanhã.



ALCUPKA — ENTRADA PRINCIPAL

.....

Está descripto o solar da familia Slaviansky e feita a apresentação dos seus moradores.

Que direi agora do acolhimento que ali fui encontrar?

Eu conhecia ou antes julgava conhecer, por alguma cousa que a este respeito tinha lido, a hospitalidade russa. A realidade, porém, excede tudo quanto no genero póde imaginar-se.

Desde que entrei em Koltsóvo até que de lá sahi, uma semana depois, quasi perdi a noção, não só de que me achava em terra estrangeira, mas mesmo de que

me encontrava entre gente estranha. Se é possível deparar além das fronteiras com nova patria, e substituir por algum outro sentimento o amor dos seus quando d'elles se está longe, confesso que n'esse canto da Russia, perdido em meio das florestas do governo de Tver, a tantos centos de leguas do meu paiz, durante oito dias, que correram rapidos como horas e que constituirão sempre uma das mais saudosas recordações da minha vida, pareceu-me encontrar a imagem do chão natal e o que quer que fosse, que me trazia á lembrança o doce agasalho, cercado de amizade e carinho, que só se conhece no seio da familia.

O ideal da hospitalidade deve ser, com effeito, fazer esquecer ao hospede que a casa, que temporariamente habita, não é a sua. Ora esse esquecimento tive-o eu e tão completo, que quando chegou o momento da inevitavel separação, se me affigurava ter de ausentar-me de sitios que, já por assim dizer, me pertenciam como cousa propria e onde as affeições que ali deixava me estavam recommendando amoravelmente um regresso rapido.

Porque é impossivel encontrar, mesmo entre os que mais perto de nós estão, primores de delicadeza maior, franqueza mais despreziosa, mais captivante e mais sincera do que a que nos cercou em Koltsóvo.

Um pormenor curioso, que logo á minha chegada notei, diz mais eloquentemente o que é a hospitalidade russa do que todas as narrações elogiosas, que d'ella possam fazer-se.

No alto do portão exterior, logo á entrada do parque, vê-se escrito em grossos caracteres a seguinte dupla legenda.

*Dobró pojđlovat!*

*Do svidánia!*

A primeira metade d'este distico, destinada a ser lida por quem chega á propriedade, visto achar-se da parte de fóra, quer dizer — *Séde bemvindo!* . . .

A segunda não menos expressiva da parte de dentro, posta ali como o ultimo e saudoço adeus aos que deixam a *imiénie*, significa textualmente — *Até á vista!* . . .

Não está symbolisada n'estas quatro palavras tão singelas, mas tão intencional-

mente escolhidas, toda a fidalguia da hospitalidade russa, que recebe alegremente o hospede como um enviado da boa fortuna, e que só o deixa partir quasi com o compromisso de voltar outra vez? . . .

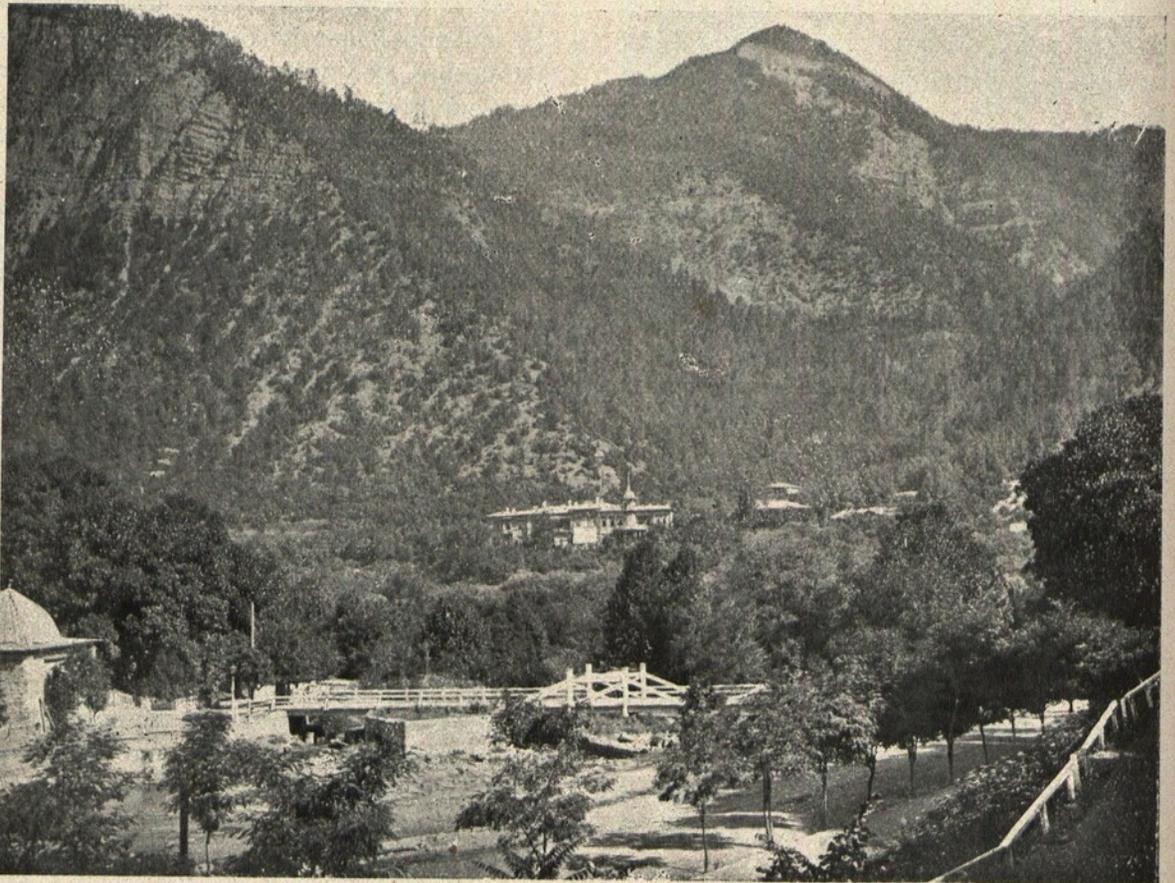
E depois accresce ainda a semelhante acolhimento a irresistivel attracção do character slavo, de uma meiguice que nos seduz e nos empolga com os mil requintes da sua expansiva sensibilidade. Tenho a certeza, porque d'isso já tive a prova, de que a minha individualidade portugueza resiste vantajosamente, por uma reacção de patriotismo sentimental e reflectido, ás influencias estrangeiras, não obstante as minhas predilecções cosmopolitas. Assim, é em paiz estranho que mais identificado me sinto com a terra onde nasci, e onde o sólo, que encerra todas as minhas affeições, mais querido me apparece, mesmo entre os deslumbramentos dos grandes centros da civilisação. Tinha medo, porém, de viver por muito tempo na Russia, n'um meio como Koltsóvo. E pensei isto muitas vezes, lá, quando na intimidade da familia, que me recebera como um dos seus, eu me via submettido ao dôce influxo d'aquella athmosphera carinhosa.

.....

Chegado que fui á *imiénie*, troquei o meu fato accidental pelo traje nacional russo, a classica *rubáchka*, que não mais deixei emquanto alli estive. E ao mesmo tempo que assim mudava de fato, mudava-me a gente de Koltsóvo o nome, que foi d'ahi por diante á moda russa tambem. Passei a ser, conforme o uso do paiz, o sr. Zosim Zosimovitch. Minha filha ficou para todos os effeitos chamando-se a menina Beatrissa Zasimovna. O meu amigo Gonçalves Vianna transformou-se no sr. Aniket Epithanovitch. Era uma completa metamorphose, uma verdadeira transformação. Simplesmente no caso actual não haviam concorrido para a nossa russificação provisórias disposições algumas de *ukázes* comminatorios. A influencia absorvente do *meio* slavo operára com suavidade a mudança, quasi sem dar-mos por isso! E' este o segredo das victorias pacificas mas incessantes da propaganda russa, em toda a parte onde ella se exerce. A's suas conquistas por assimilação, bem mais valiosas que as conquistas pelas armas, não obstante os collocaes exercitos de que dispõe, ninguem re-

siste (1). E' em pleno seculo XIX o processo seguido na antiguidade por Alexandre da Macedonia, e com o mesmo resultado. Então, foi o «hellenismo» o fructo gerado ao contacto da alma grega com a alma oriental n'essas nupcias mysticas entre dois mundos, que o grande capitão promoveu. Hoje, é o «slavismo», o qual, como o genio da civilização moderna n'essas mesmas regiões, reasa-

logo ao romper do dia, levantava-me para percorrer os campos, algumas vezes sósinho, as mais d'ellas, porém, acompanhado de Arsa e de Jorge Dmitrievitch. N'essas encantadoras excursões, que duravam ordinariamente até ao primeiro almoço, visitavamos as aldeias mais proximas, iamos até ao Volga, embrenhávamos-nos pelas florestas, ou colhíamos nas moitas as frescas *malinas*,



BORGOM (CAUCASO)

*Propriedade do grão-duque Miguel*

lisa pelos meios infallíveis da sua attracção amorosa o enlace dos differentes povos, que uns após outros vão successivamente trocando com o seu implacavel seductor, como a mim me aconteceu em Koltsóvo, primeiramente os trajes e depois o nome. . .

A nossa vida n'essa semana inolvidavel, que no coração da Russia passámos, em tudo de resto se pautou pelos habitos da pequena sociedade, que nos cercava. De madrugada,

(1) Não deve esquecer, que isto fôo escripto antes das revelações da ultima guerra russo-japoneza a respeito das suppostas forças do exercito moscovita.

rosadas como amoras, e as apetitosas *zemliánikas*, especie de morangos, que crescem e frutificam mesmo sem cultivo. Quando o tempo estava para isso favoravel, o passeio matutino convertia-se n'uma pequena partida de caça. Mal raiava a aurora sentia chamar-me á janella do meu quarto, que no rez do chão dava para o parque, janella que ficou sempre aberta enquanto alli dormi. Era Victor Romanovitch Romanov, o guarda das florestas de Koltsóvo, a quem melhor que a Nemrod caberia o epitheto biblico de «caçador á face do Eterno», porque nunca o vi senão armado de ponto em branco para a

constante faina de guerrear toda a casta de animal, em que andava sempre occupado e preocupado, a ponto de ainda hoje eu estar convencido, que elle ficava assim vestido de noite, para mais depressa se achar apercebido e prompto a entrar em operações.

E lá iamos os dois, pelo ar cortante da manhã, no encalço de umas lebres, que nem sempre appareciam, e em busca de umas problematicas gallinholas, que, pela teimosia em se nos não tornarem visiveis, eu hoje considero, depois de reflectir sobre o caso, como destituidas de realidade — especie de miragem cynegetica, evocada pela imaginação escandecida do meu companheiro d'estas incruentas expedições.

Não importa! Estas caçadas sem caça achava-as eu deliciosas. Só ouvir os soliloquios de Victor, ora impetuosos e frementes como maldições do ceo a choverem sobre os pobres mollosos que erravam uma pista, ora maviosos e ternos como arrulhos de ancioso amante animando com palavras de carinho as hesitações e os receios da sua namorada, quer dizer, na hypothese presente, da sua cadella perdigueira, era para mim prazer ineffavel. E depois o gesticular d'elle e o jogo d'aquella physiognomia... Simplesmente admiravel!

Que maleabilidade de expressão, e como no seu rosto impressionavel se podiam ir seguindo todas as phases da batida, desde a esperanza de um bom tiro até á raiva e á desillusão final, quando a peça, já considerada como certa, lhe escapava á pontaria da carabina. Eu vi-o chorar muitas vezes quando o dia lhe corria mal; e vi-lhe em outras occasiões sorrisos verdadeiramente mysticos, claridades celestias a illuminarem-lhe as faces ressequidas e amarelladas, quando a monção era boa e promettia farta presa.

Depois do almoço, propriamente dito, de ordinario ahi pela

volta da uma hora da tarde, recomeçavam os passeios, mas então com as senhoras. Umaz vezes sahiamos em trens, guiados por Olga Savitzkaia e Inna Dmitrievná; outras iamos a pé atravez das florestas e dos campos mais proximos; outras ainda ficavamos na aldeia a conversar com os *mujiks*, aproveitando a occasião para lhes visitar as *izbás* e travar conhecimento com o seu modo de viver.

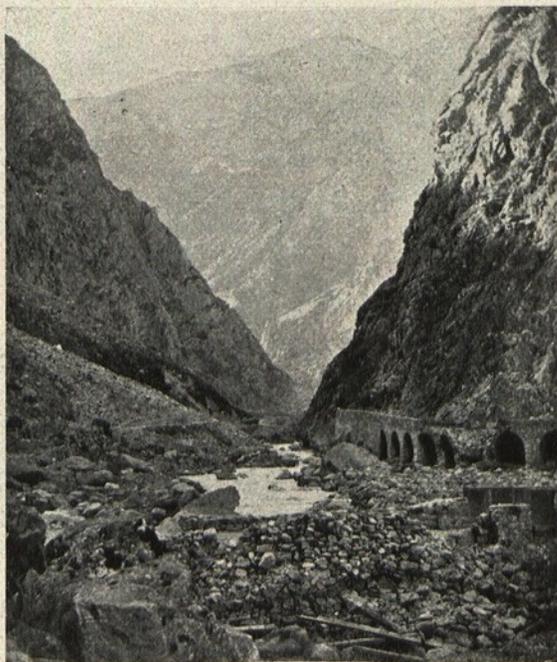
A parte, porém, mais interessante d'estes bellos dias era incontestavelmente o intervallo que mediava entre o jantar, que se servia á noitinha, e o chá que ia para a mesa cerca das onze horas da noite ou da tarde, se quizerem, attenta a latitude em que nos achavamos.

A essa hora reuniamos-nos todos no grande salão de musica. Cantava-se, tocava-se, dançava-se, jogavam-se jogos de prendas, entre os quaes o nosso conhecido *jogo do anel*, e o *chicote queimado*, recitava-se, conversava-se, lia-se em voz alta. Uma vez por outra o professor Malychév deixava ouvir na rebecca restos da antiga virtuosidade, que em tempos fizera d'elle um dos mais notaveis executantes, ou então Olga Savitzkaia tocava alguma melodiosa canção do paiz.

Mas o que constituia a parte obrigada de cada uma d'estas reuniões encantadoras eram as musicas populares portuguezas, que Inna Dmitriévna e Margarida haviam aprendido em Lisboa e que todas as noites cantavam

ao piano ou accompanhadas pela guitarra, que da nossa cidade tinham levado como recordação. E como as cantavam!...

Deixo á imaginação do leitor reconstituir o que seriam esses serões, passados n'um salão senhorial perdido no centro da Russia, a ouvir entoar melancolicamente a dolente melopeia dos nossos fados, emquanto o luar lá fóra pelos bosques ia prateando os cimos das tilias e das faias, e o Volga, que corria a dois passos, nos en-



DESFILADEIRO DE DARIAL (CAUCASO)

viava como em echo amoroso, a sentida en-  
deixa dos seus *rybalovs* (1) . . .

Este descante singular, extranho, mas profundamente original, em que á *balalai-ka* (2) da Ukrania respondia a guitarra portuguesa, e em que as quadras da *Noite serena* se entrelaçavam no mesmo rythmo plangente com a letra da *Messiatz pluviôt* (3), repetia-se todas as noites. Na ultima que passámos juntos, assumio o character de uma verdadeira serenada de despedida. Lembro-me ainda bem. Já todos nos haviamos retirado aos nossos quartos para terminar os preparativos da viagem do dia seguinte, e ainda lá em cima no salão Inna e Marga-

rida Dmitriévna cantavam baixinho, quasi n'um soluço, esta commovedora quadra do fado de Rey Collaço :

*Eu não gôsto nem brincando,  
De dizer adeus a ninguém!...  
Quem parte leva saudades...  
Quem fica saudades tem!...*

Era Koltsóvo, que no momento da separação, quem sabe se para sempre (1), nos enviava como adeus no silencio d'aquella ultima noite, a nota dolorida da saudosa melodia de Portugal . . .

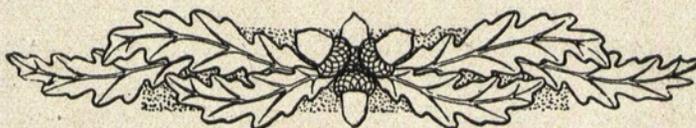
(1) Pescadores.

(2) Especie de guitarra de tres cordas.

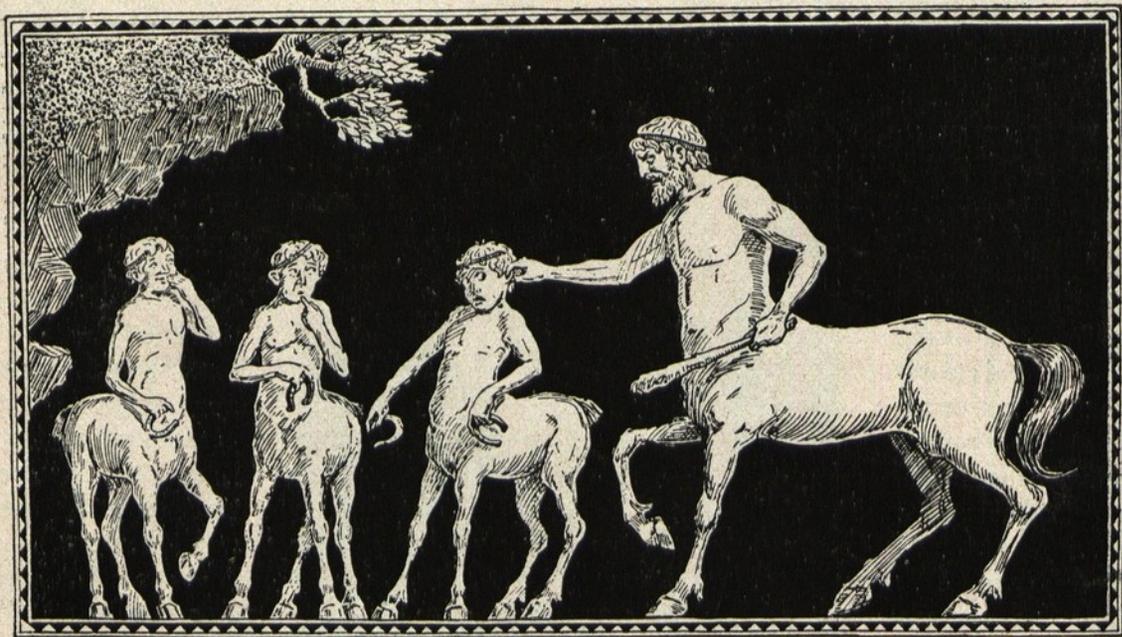
(3) *A lua nada no azul*, titulo de uma conhecida canção russa.

(1) E foi. Algum tempo depois o maestro Agrénev ven-  
deu estas propriedades para ir viver na Crimea.

De modo que mesmo que volte á Russia nunca mais tornarei a Koltsóvo.



## Travessuras no Olympto



CENTAURO — *Eu os ensinarei, meninos, a jogar o chinquillo com o meu calçado de ver aos deuses*

## Vasco e o Filho dos Rochedos



No tempo em que os nossos avós corriam o Mar Tenebroso para descobrir terras, havia na Figueira um marítimo, que enviuvou quando andava em viagem. Tinha só um filho ainda pequeno chamado Vasco. Sempre que voltava á sua terra, trazia-lhe presentes muito lindos, que punham todos de boca aberta, pois nunca ali se tinha visto coisa igual.

Á força de viajar, ganhou tanto dinheiro que mandou fazer um grande e bonito navio, de que ficou sendo o capitão. Amigo do filho como das meninas dos seus olhos, mais de uma vez se demorou em terra para não se apartar d'elle tão cedo. O Vasco tambem gostava muito do pae, e ficava triste como a noite quando o via partir por cima das aguas do mar.

— Levae-me comvosco ! pediu-lhe elle uma vez.

Deixava-o sempre em terra para não o tirar da escola, mas, ouvindo aquelle pedido, disse comsigo mesmo :

— A bordo tambem o Vasco pode aprender muita coisa. Está dito ! Faço-o marinheiro.

E levou-o comsigo.

O pequeno tinha então dez annos. Até os quinze, acompanhou o pae em todas as viagens, viu muitas terras, e foi aprendendo a manobra e tudo o que deve saber um homem de mar. A tripulação do navio era de quarenta homens, e todos á uma lhe tinham tanta amizade como o pae.

Não havia rapaz mais alegre nem mais bonito. O mar era o seu elemento. Estava lá tão bem como um patinho dentro da agua. Um dia, andavam no mar alto, o pae do Vasco teve uma doença que o matou em poucos dias. Então o rapaz, depois de chorar muito por elle, tomou o commando do navio, com grande satisfação de todos os marinheiros.

— O nosso capitãosinho, diziam elles uns para os outros, ha de levar-nos a bom porto e salvamento.

É que realmente a bordo as coisas não iam nada bem. Havia já seis mezes que o navio andava debaixo de uma calmaria pôdre, sem que um sopro de vento lhe inchasse as velas, de modo que a agua doce, que levavam para beber, estava quasi exgotada. Mas, como tinham prophetisado os marinheiros, o capitãosinho trouxe comsigo a fortuna, e no dia seguinte de madrugada surgiu pela prôa uma ilha incognita.

— Larga a ancora e arria os escaleres, mandou Vasco. Dentro em pouco teremos boa agua para beber.

Elle mais alguns marinheiros saltaram em terra e logo encontraram uma nascente de agua muito pura, mas, quando já vinham de volta para as embarcações, toparam com um grande monstro, que sahiu de traz de uns rochedos e se encaminhou para elles. Tinha o feitio de um homem, porém o seu corpo, mãos, pés e cabeça eram cobertos de algas marinhas.

— Quem és tu? perguntou-lhe Vasco, afoitamente.

— O Filho dos Rochedos, disse-lhe o monstro. Sois os primeiros homens que aportam a esta ilha. Quereis levar-me comvosco?

— De que podeis servir-nos? tornou Vasco. O nosso navio tem andado ha seis mezes debaixo de calmaria pôdre.

— Leva-me contigo e verás que não te arrependes, disse o monstro.

Foi assim que o deixaram ir para bordo. O Filho dos Rochedos poz-se á pôpa, tomou folego e despediu o bafo com tanta força que principiou logo a soprar vento norte e encheu as velas do navio, que cortou as ondas todo chibante, no rumo do sul.

— Vales quanto pesas, caro amigo, disse-lhes Vasco. Se comeres bem, ainda melhor soprarás. Desce á camara, para jantar.

— Eu não como nem bebo, respondeu o monstro.

— Então não queres nada pelo serviço que nos estás prestando? perguntou o rapaz.

— Falaremos a esse respeito no fim da viagem, respondeu o monstro.

Quando á noite elle se deitava a dormir todo envolto pelas algas, que se alastravam pela coberta, parecia ter oitocentos ou mil annos; mas de madrugada, ao acordar, ninguem lhe daria mais de vinte. Isto, porém, acontecia emquanto não olhavam para elle, pois, apenas alguem o mirava, rebentavam-lhe outra vez as plantas marinhas e punha-se muito mais velho do que na vespera, como se tivessem desde então passado quarenta ou cincoenta annos.

Durante uma semana o vento norte soprou constantemente. Ao cabo, surdiu-lhes pela prôa outra ilha incognita.

— Sei que todos quereis ser ricos, disse o Filho dos Rochedos e por isso vos trago á ilha das Perolas. Deitae ao mar toda a carga e enchei o navio com essas preciosidades.

Vasco mandou lançar ferro e arrear os escaleres, que se dirigiram logo para a ilha. A praia brilhava á luz do sol como se fosse toda de prata. Estava toda coberta de perolas. Vasco e a marinhagem tinham começado a apanhal-as, eis senão quando ouviram uma grande gritaria. Levantaram os olhos e viram um bando de anões, que avançavam para elles, enfurecidos.



O FILHO DOS ROCHEDOS DISSE-LHE  
O MONSTRO

Mais feios e mais escuros do que a noite, tinham o corpo coberto de pello e traziam na mão dardos envenenados e uns canudos muito compridos para os atirarem. Antes que o Vasco e os seus marinheiros tratassem de se defender, os anões levaram os canudos á boca e sopraram contra elles uma nuvem de dardos. Felizmente o Filho dos Rochedos estava de atalaya, a bordo. Voltando-se para o mar alto, resfolegou com ancia e fez levantar uma forte ventania por cima da ilha, de modo que os dardos se viraram para traz e foram cahir em cima dos anões. Estes desataram aos gritos e

fugiram para uma floresta que havia mais longe da costa. Foi então que o Vasco e os seus companheiros puderam á vontade apanhar perolas. Levaram uma semana a carregar o navio, que ficou abarrotado.

— E agora, disse o rapaz, já podemos voltar para Portugal.

— Primeiro quero que me acompanheis á ilha Encantada, disse o monstro.

Vasco tinha vontade de correr mais aventuras, mas, vendo que os marujos estavam mortos por voltar para suas casas, respondeu ao Filho dos Rochedos que para Portugal é que haviam de ir.

— Pois ide com vento fresco, disse o monstro com ar de escarneo.

O certo é que o navio ficou mais uma semana na ilha das Perolas, n'uma calmaria pôdre. Afinal os marinheiros, conhecendo que não tinham outro remedio senão ir até á ilha Encantada, condescenderam com os desejos do Filho dos Rochedos.

— Ides ficar de boca aberta, disse-lhe este, e virado para o norte, resfolegou fortemente. Levantou-se ventania d'aquelle lado e arrastou o navio para o rumo opposto.

*(Conclue no proximo numero.)*

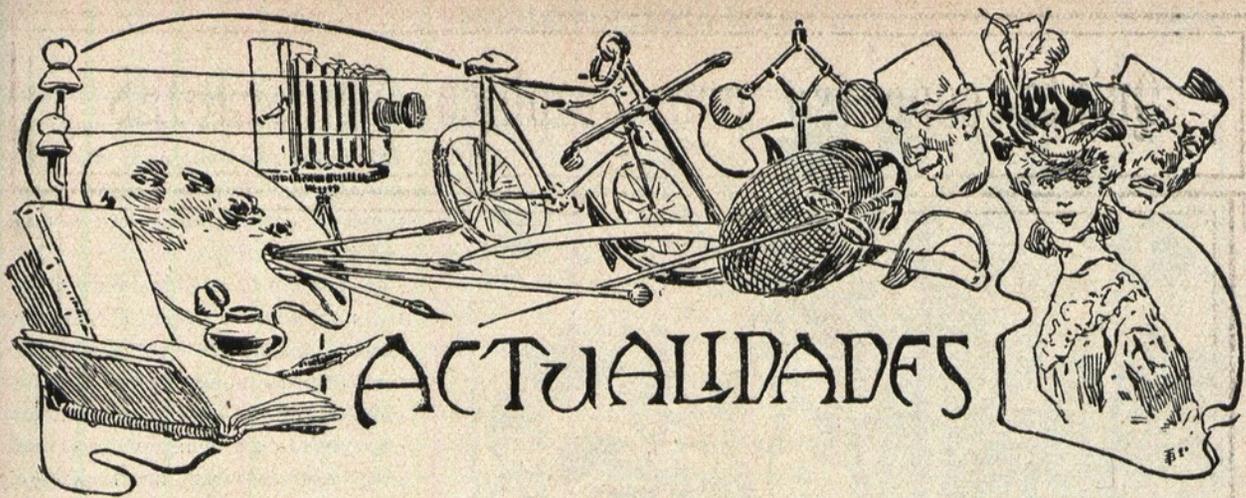


Quinto concurso photographico dos SERÕES



O VENDEDOR DE LARANJA

Phot. do sr. Antonio Ferreira de Lemos, Juiz de Fora (Minas-Brazil)



## Grandes topicos

O mez dos attentados **O** mez de fevereiro foi fertil em attentados contra chefes de Estado. Depois d'aquelle que já assignalámos e que victimou o rei D. Carlos e o principe D. Luiz Philippe, mais dois se registaram, felizmente sem as consequencias do primeiro: um contra o schah da Persia, outro contra o presidente da Argentina.

Quem tenha seguido com attenção a politica persa, cujas principaes phases aqui temos apontado, comprehenderá perfeitamente a tentativa de regicidio de que Teheran foi theatro no dia 25 d'aquelle mez.

Ainda está na memoria de todos, porque é bem recente, o golpe de Estado que Mohamed-Ali pretendeu dar, abolindo a constituição outhorgada por seu pae e exercendo toda a sorte de represalias contra os defensores das ideias modernas. Foi o parlamento que, de resto, toda a gente suppunha uma assembléa de simples delegados do schah, sem a menor autonomia, que frustrou os planos do successor de Mousafer-ed Dine, oppondo-lhe a mais feroz resistencia que porventura tinha sido exercida por parlamentos contra soberanos.

Mohammed-Ali pareceu então submeter-se, mas a breve trecho as suas tendencias reaccionarias voltaram a manifestar-se com maior impeto ainda do que da primeira vez. Desde logo se declarou a guerra

aberta entre o parlamento e o povo, de um lado, e o schah e os reaccio-

narios do outro. O soberano lançou-se n'uma desenfreada campanha de perseguições, em que não foram poupadas sequer as mais altas personalidades, incluindo principes de sangue. Na provincia desfraldou-se a bandeira da revolta.

Estavam as coisas n'este pé, quando, em 25 de fevereiro, ao passar o schah, de automovel, por uma das ruas de Teheran, lhe foi lançada uma bomba. A explosão poupou-o, matando, todavia, numerosas pessoas do seu sequito. Desde então, a Persia está entregue aos horrores da guerra civil.

O attentado contra o presidente da Argentina é, como este, perfeitamente comprehensivel, conquanto de opposta significação.

Ha muito que a grande republica sul-americana era governada por velhas oligarchias reaccionarias que systematicamente se opunham a toda a sua expansão progressiva. Dirigia-as o general Roca, antigo presidente e verdadeira encarnação do espirito retrogrado do paiz.

Um bello dia assumiu o poder o sr. Figueroa Alcorta, espirito rasgadoamente liberal, que se propoz acabar de vez com as oligarchias dominantes, estabelecendo um authentico regimen de liberdade e de progresso. Apoiando-se nos partidos avançados, lançou mãos á obra. Mas a velha politica tinha fortes raizes, a ponto de dispôr da maioria no parlamento. Alcorta não hesitou: dissolveu este e mandou con-

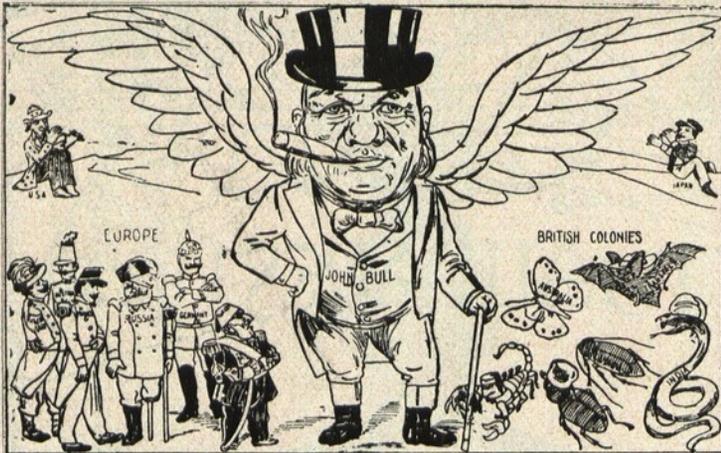


*Lustige Blätter.*]

O PREMIO DA PAZ A KIPLING

*O caricaturista allemão pergunta ironicamente se foi pelos insultos dirigidos por Kipling á Allemanha que a Noruega lhe concedeu o premio da paz de Nobel.*

Do «Lustige Blätter»



COMO OS EGYPCIOS ENCARAM A POLITICA INTERNACIONAL

**JOHN BULL** — Sou senhor absoluto dos Mares e soberano de todas as terras; todos os habitantes do Oriente e do Occidente me estão submettidos.

**JAPÃO** (falando à America) — Santificados sejam os ossos de Washington; se não fosse elle, estariais ainda a rojar entre esses vis insectos.

**AMERICA** — Aquelle que me deu a liberdade, imploro que faça surgir sob os passos do gigante, por onde quer que elle passe, tantos Washingttons como elle merece, para lhe abaterem o orgulho.

Do «Cairo Punch»

vocar novas eleições. Os reaccionarios iniciaram então uma campanha de odio e de represalias, que terminou pelo attentado. Quando no dia 29 o sr. Alcorta entrava no palacio presidencial, foi-lhe atirada, de um grupo, uma bomba, que não chegou a explodir.

China e Japão

**U**M grave incidente diplomatico surgiu ultimamente entre os governos chinez e japonês.

No dia 5 de fevereiro o navio ja-

ponês *Tatsu Maru*, que transportava armas e munições para Macau, foi aprisionado ao largo d'este porto por quatro canhoneiras chinezas, cuja tripulação, depois de substituir o pavilhão japonês que elle arvorava, pelo chinês, apprehendeu o carregamento de armas e munições, e conduziu o *Tatsu Maru* para o porto de Cantão, onde ficou retido como presa.

A China justificou este acto dizendo que as armas que o navio transportava eram destinadas aos revolucionarios de Kouang-Toung e Kouang-Si, mas o Japão protes-

tou immediatamente contra elle, alegando que o aprisionamento do *Tatsu Maru* se effectuara em aguas portuguezas. N'estes termos, reclamava a entrega do navio e uma indemnisação.

A principio, a China quiz resistir, mas como o Japão é, por emquanto, mais forte do que ella, não teve remedio senão ceder. E o incidente, que muitos já auguravam que viria a ter consequencias tragicas ficou inteiramente liquidado.

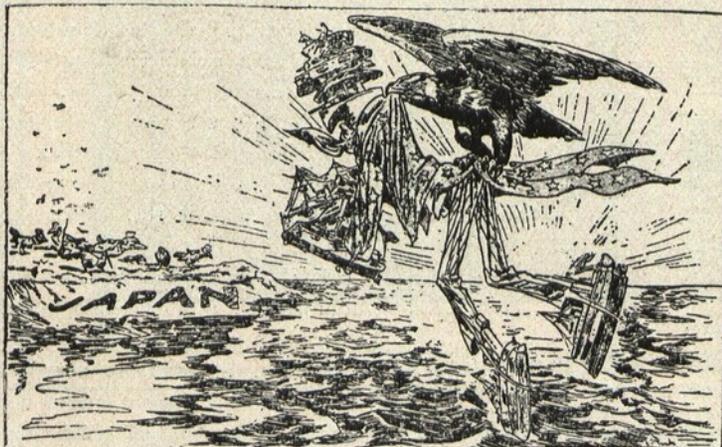
Uma carta do Kaiser **O** *Times* de 2 de março deu ao mundo a sensacional noticia de que o imperador Guilherme escreveu ultimamente



O INFELIZ ENFERMO

Ainda mal refeita de uma operação, a Alemanha já precisa de segunda. (Referencia aos escandalos de Berlim).

Do «Nebelspalter»



A ESQUADRA AMERICANA PARTE PARA O PACIFICO

Do «Puck»

a lord Tweedmouth, ministro da marinha da Gran-Bretanha, uma carta na qual se permitia fazer observações ácerca da marinha ingleza. O effeito causado em Inglaterra por esta noticia foi espantoso. Apesar de toda a sua fleugma, os inglezes d'esta vez perderam a cabeça e, quer em reuniões, quer na imprensa, começaram a aggreir violentamente o Kaiser, fazendo-lhe sentir que o acto por elle praticado excedera os limites do toleravel. Para se avaliar da irritação dos animos basta dizer que o proprio

prudentissimo *Times* chegou a reclamar ao governo que retirasse a Guilherme II as honras que tem de almirante da armada britannica.

Como não podia deixar de ser, o governo inglez julgou do seu dever intervir immediatamente na contenda. E fel-o, declarando que a carta em questão fôra efectivamente escripta mas, alem de não conter coisa alguma que pudesse offender os brios da Inglaterra, era um documento particular. O argumento não colheu. A imprensa respondeu a isso que não pôde ser particular uma carta escripta por

tratado concluido entre aquellas cinco nações, e segundo o qual as quatro primeiras reconhecem a integridade territorial da ultima.

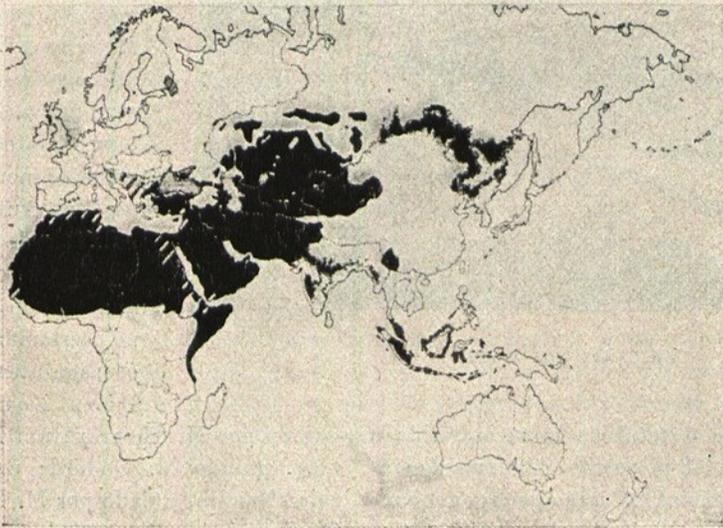
O tratado tem trez artigos. Pelo primeiro, a Noruega compromete-se a não ceder, seja a que titulo fôr e a que potencia fôr, qualquer parte do seu territorio. Pelo segundo, as quatro potencias comprometerem-se a respeitar a integridade da Noruega, e mesmo a defendel-a, se esta nação assim o pedir. No terceiro artigo, finalmente, fixa-se a duração do tratado, que será de dez annos.



UM PRESENTE PARA O CZAREWITCH

O brinquedo é um modelo de Porto-Arthur, e os soldados representam os generaes russos disputando entre si.

Do «*Kladderadatsch*»



MAPA-MUNDI INDICANDO AS REGIÕES DA INFLUENCIA MUSSULMANA

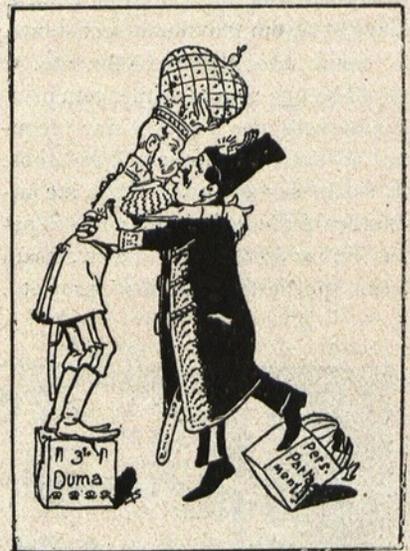
São as marcadas a negro

mas onde quer que venham a contacto o Oriente e o Occidente. Por todo o mundo os mahometanos seguiram com o maximo interesse a guerra russo-japoneza e seguem com alvo-roço o problema turco. Um articulista do *Times* ponderou que era erro suppor que o despertar seja devido a um movimento da parte da Sublime Porta. As causas são mais profundas, e os mahometanos anseiam por affastar a censura de que a sua religião é apenas para raças degeneradas ou conquistadas.

um chefe de Estado ao ministro da marinha de um paiz, ácerca da marinha d'esse paiz, e á hora a que escrevemos a discussão continúa n'esse pé, não se podendo prever, dada a gravidade do caso e a animosidade existente entre as entidades n'elle envolvidas, qual será a sua solução. Seja, porém, qual fôr, o que desde já se pôde affirmar é que não é evidentemente por estes processos que o Kaiser consegue dissipar a animadversão que existe entre os dois povos.

Nasi condemnado **T**ERMINOU, finalmente, no dia 24 de fevereiro, o julgamento do antigo ministro italiano Nasi e do seu secretario, Lombardo accusados de concussão.

O Senado, constituído em alto Tribunal de Justiça, que ha mezes os vinha julgando, proferiu n'esse dia o seu *verdictum* absolvendo Lombardo e condemnando Nasi em 11 mezes e 20 dias de prisão e perda dos direitos politicos durante quatro annos. Nasi apelou da sentença.



O CZAR E O SHAH OU O ENCONTRO DE DUAS ALMAS GEMEAS

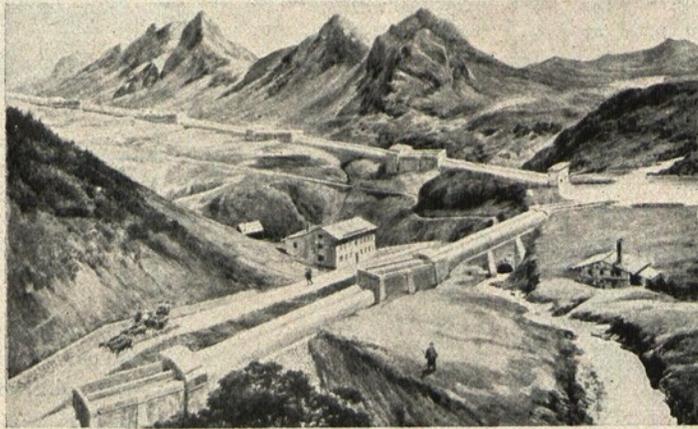
Do «*New Glühlichter*»

A integridade da Noruega **N**os jornaes officiaes da França, Inglaterra, Alemanha, Russia e Noruega acaba de ser simultaneamente publicado o

Os mussulmanos **H**A actualmente no mundo uma grande revivescencia de sentimento pan-islamico, causa de muitos novos e intrincados proble-

## Vida na sciencia e na industria

Um canal trepando aos Alpes **E'** um projecto assombroso devido ao engenheiro italiano Caminada, e que mereceu o apoio do famoso engenheiro o senador Colombo, presidente da Polytechnica da Lombardia. Propõe-se a ligar Genova com o lago de Constança e a pôr barcos a fluctuar sobre os Apenninos e os Alpes. Nos espaços comprehendidos entre as represas haverá canaes tubulares inclinados. Existem dois tubos paralelos: a agua desce por ambos, mas atravessa alternadamente cada uma das linhas, de forma que enquanto o barco desce com a agua baixa n'uma secção de uma das linhas, levanta-se outro barco com a agua que se eleva n'uma secção inferior da outra linha. Os canaes tubulares serão construidos de alvenaria cerrada com comportas de ferro. Como a agua deve estar em movimento constante, o canal não gelará facilmente. O desenho que reproduzimos tem principalmente por fim mostrar a conexão entre as represas e os tubos. E assim se vae desfazendo a incomunicabilidade dos Alpes, não só pelas linhas ferreas que os atravessam como por este grandioso projecto.



UM CANAL NOS ALPES

A agua do mar como remedio **O** Dr. Carles chama a attenção para o facto de que, alem do sal commum, a agua contem grande numero de importantes substancias mineraes, elevan-

do-se o total de materia solida a 3,2 a 3,8 por cento. Algumas d'estas substancias existem apenas em quantidade infinitesimal, mas no tratamento de uma doença o valor de uma substancia não depende necessariamente da porção. Está provado que varias plantas marinhas possuem a faculdade de extrahir da agua do mar quantidades minimas de compostos de iode, bromio, arsenico, boron, manganez, lithio, fluor, rubidio, cesio, e outros elementos. Não é pois desarrazoado suppôr-se que os animaes superiores possam colher beneficios da assimilação de vestigios, embora minusculos, d'estas substancias activas.

Corrida de automoveis New-York-Paris

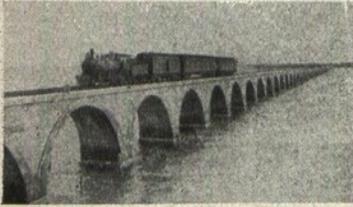
**A** extraordinaria corrida de 20.000 milhas, entre New York e Paris, começou a 12 de Fevereiro, entre as aclamações de 300.000 espectadores que affluiram ao Broadway, a vasta arteria de New York, para presenciar a largada dos concorrentes, os quaes seguiram as primeiras milhas acompanhados por outros 200 automoveis conduzindo os membros do Club Automobilista de New York. Os carros que tomam parte no certamen são os seguintes: um Dion-Bouton, guiado por M. Chaffray; um Motobloc, guiado M. Godard; um Sizaire-Naudin, guiado por M. Pons; um Protos, guiado por alguns officiaes allemães; um Brixia Zust, guiado pelo italiano sr. Scarfoglio; e um Thomas, guiado por Mr. Montague Roberts. O itinerario, como se vê no mappa que extrahimos de uma revista ingleza, é directo atravez da America, de New York a San Francisco, passando por Chicago; de San Francisco até Skagway é feito por mar; em seguida atravessa a peninsula de Alaska até ao estreito de Behring; transposto o estreito interna-se pela Asia Russa, passa por Irkutsk, entra na Europa



ITINERÁRIO DA CORRIDA DE AUTOMOVEIS NEW YORK-PARIS

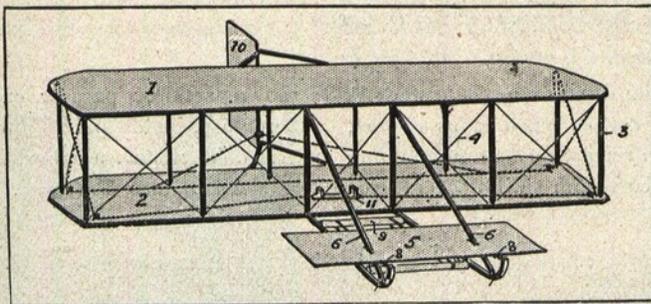
até Moscow, e segue finalmente por Berlim a Paris.

Via ferrea no mar **I**NAUGUROU-SE ha pouco e entrou em exploração o caminho de ferro de Miami na Flo-



VIADUCTO NO CAMINHO DE FERRO DE FLORIDA A KEY WEST

rida a Key-West. E' uma linha curiosa construida no mar e que constitue hoje a via mais rapida de acesso dos Estados Unidos ás Antilhas. Key-West fica na extremidade de uma comprida enfiada de ilhotas; e a via ferrea que as une tem 250 kilometros de comprido, dos quaes 120 são completamente em viaducto sobre o mar. A photographia que reproduzimos representa um d'esses viaductos ligando entre si duas ilhotas proximas.



AERPLANO WRIGHT

Aeroplano Wright **O**aeroplano inventado pelos irmãos americanos Wright é sustido no ar pelas reacções que resultam das superficies ou azas delgadas movidas horizontalmente, quasi de gume, pelo ar, n'um pequeno angulo de incidencia, quer pela applicação de força mechanica, quer pela força de gravidade. As azas (1 e 2) são feitas de panno retesado n'uma armação leve de madeira e arame. São liga-

das entre si por espeques verticaes (3) e podem flectir se e torcer-se. O leme horizontal da frente (5) é quasi livre de pressão quando em movimento. Quando a orla posterior se levanta ou se abaixa, o curso da machina faz-se em sentido ascencional ou descencional, conforme a vontade do operador, deitado de bruços sobre a superficie da aza inferior. Tem nas mãos o cylindro que dirige o leme. A cauda ou leme posterior (10) dirige o andamento da machina para a direita ou para a esquerda. Os lemes são movidos por gualdropes. Os quadris do operador pousam no berço movel, e por elles imprime movimento ás azas.

A cura do ciume **O**Dr. Mairret, medico de Paris, formulou a extraordinaria theoria de que o ciume é simplesmente uma doença physiologica. Diz que deve ser tratado como outras enfermidades, por concurso da medicina, e que é por este meio susceptivel de cura. Considera que existem trez formas de ciume: 1.º hyperesthesia ciumenta, ou excessiva excitação morbida dos sentimentos com profunda impressão

de desassocego; 2.º monomania ciumenta, que tem intimas affinidades com uma doença mental, visto gerar frequentemente no enfermo a ideia de que é victima de uma perseguição; 3.º loucura ciumenta, que é a ultima e aguda phase da hyperesthesia ciumenta, e que deve tratar-se como uma forma de loucura. E' opinião do Dr. Mairret que o tratamento do ciume agudo deve consistir em duches frios, quotidianos e frequentes. Tem reconhecido

a efficacia d'este tratamento, produzindo muitas vezes a cura completa, e quasi sempre um grande alivio.

Electromovel de irrigação

**A**DOPTOU-SE recentemente em Berlim, um carro para rega e para varredura de ruas, com propulsão automovel. A principal vantagem é não levantar poeira, porque o proprio aparelho enxuga e limpa immediatamente. O consumo de agua não passa de 1 litro por cada metro quadrado de superficie. A corrente electrica é fornecida aos dois motores de 4 caval-



ELECTROMOVEL DE IRRIGAÇÃO

los, que actuam sobre as rodas deanteiras, por uma bateria de 40 acumuladores, dando uma differença de potencial de 104 volts. Além do freio electrico, tem o carro um freio manual. Tem menos 3 metros de comprido que os carros de tracção animal. Vira rapidamente, e as rodas são detidas immediatamente pelo freio sem escorregamento nem choque.

INDISCUTIVEL é o valor de uma medicação pelo phosphoro na *tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia, etc.*, mas os meios de ministra-la nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophosphitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos preparados pela pharmacia Swan, de Paris.

## Vida na arte



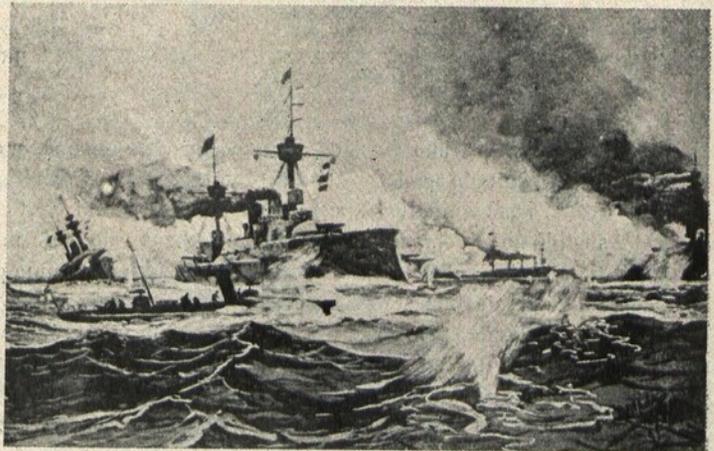
DOIS TYPOS PORTUGUEZES

*Desenhos de Sua Majestade El-Rei D. Carlos*

Artistas regios **A** fallecida rainha Carola da Saxonia suscitou a ideia de uma venda de bilhetes postaes muito interessantes para auxilio dos enfermos indigentes. Convenceu os seus amigos a que permitissem a reproduçãõ dos seus desenhos originaes, dando um valor extraordinario á colleçãõ, pela categoria dos autores. Contam-se entre elles, além da propria rainha da Saxonia e da princeza Mathilde, el-rei D. Carlos e a rainha D. Amelia de Portugal, o imperador da Allemanha, o principe Eugenio da Suecia, a condessa de Flandres, a archiduqueza José de Austria, a princeza Leopoldo de Hohenzollern, a princeza Waldemar da Dinamarca, a princeza Fedora de Schleswig-Holstein, a princeza de Vendôme. São doze as colleções, consistindo

cada uma d'ellas em seis postaes de artistas regios, quasi todos a côres, com um retrato do autor. Cada uma d'ellas custa um shilling. Os lucros

serão repartidos, para a cura da tuberculose, pelos paizes que são patria dos artistas, a saber, Inglaterra, Allemanha, Portugal, Dina-



UMA BATALHA NAVAL

*Quadro do Imperador da Allemanha*



UMA SCENA DE CAVALLARIA

Desenho do Imperador da Allemanha

marca, Suecia e Belgica. Reproduzimos dois bellos trabalhos mandados pelo nosso fallecido morarca e dois dos desenhos originaes do imperador da Allemanha. Os desenhos d'este comprehendem o seguinte: dois projectos para taças de regata; uma scena de cavallaria no Burggraf, Nuremberg, que reproduzimos; uma marinha (batalha naval), pintada em 1895, a qual tambem reproduzimos; projecto para um interior da torre Burggraf, em Nuremberg; outro para a torre da Redempção em Jerusalem.



CAMILLE GROULT

Um opulento legado artistico

**M**r. Camille Groult, que falleceu a 14 de janeiro, legou ao Louvre a sua magnifica colleção artistica, avaliada em 800:000 libras. Comprehede das mais bellas obras de Walteau, Fragonard, Reynolds, Gainsborough, Turner e Constable. A casa de Mr. Groult na Avenida Malakoff era tão interessante que Dumas filho, disse uma vez ao colleccionador que não percebia o motivo por que elle sahia d'ella ás vezes. «Eu lhe digo», redarguiu Groult, «é para ter o prazer de entrar outra vez».

As muralhas da municipalidade de Roma, com um vandalismo verdadeiramente deploravel, mandou abrir sete grandes brechas nas velhas muralhas do imperador Aureliano, afim de abrir communicação para outras tantas ruas, preterindo os interesses da arte e da archeologia em favor dos interesses egoistas dos proprietarios. Felizmente o clamor universal obviou á

continuação de si-

milhantes actos destruidores. O trecho da muralha damnificada estendia-se desde a Porta Pinciana até á Porta Salaria, e determinava a linha onde no anno de 536 Belisario resistira aos ataques dos godos.

Ouida

**A** illustre roman-cista mademoiselle de La Ramée,

que tornou tão conhecido o seu pseudonymo de *Ouida*, acaba de fallecer quasi em miseria. Os seus romances, escriptos em inglez e traduzidos em muitas linguas, tiveram em tempos grande voga, sobretudo entre as senhoras. Ti-



OUIDA

nham um certo feitio cosmopolita e ao mesmo tempo aristocratico, um preciosismo de bom tom que lhes dava entrada em todos os salões. O mais notavel é o que tem por titulo *Os dois tamanquinhos*, que foi traduzido em portuguez pelo illustre escriptor Candido de Figueiredo.



UM TRECHO DAS MURALHAS DE ROMA



## Decifrações do n.º 33

Logogrifo. — *Tropa.*

Enigma. — *Delirio.*

Charada. — *Dyslalia.*

### ENIGMA

À Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. *Sophia de Ovinho*

O' Sá, diz cá. Não conheces  
O commandante Selim?  
Elie foi-te apresentado,  
Se não me engano, por mim.

Não conheço, amigo Gil;  
Que tem elle de famoso?  
Inda o perguntas?... Tem *massa*,  
*Massa* muita e é generoso.

Ah! já sei! É generoso,  
Não nego, o polichinello,  
Mas parece a dar com o páo  
Bem bojudado cogumello.

Se o diabo é turco... De turco  
Nada quero, Gil amado;  
Temo morrer algum dia,  
Por tratál-o, envenenado.

Envenenado?!... com quê  
Não me dirás, animal?  
Eu sei lá; com qualquer cousa...  
Talvez co'algum mineral.

Eis aqui está porque o Sá  
Nunca se deu co'o Selim.  
O Gil teimou, reteimou...  
Mas perdeu o seu latim.

VICTORIA — PERNAMBUCO.

CAPITÃO NEMO.

## Charada

Rezando ao doce Jesus,—2  
Hão de vêr a cada instante  
Com seu vestido de luto,—1  
Pórte airoso, resoluto  
Marilia bella, elegante.—2

Grande desgosto, por certo  
Se abriga n'aquelle sêr!...  
Será pelo qu'rido espôso?  
Ou pelo filho extremôso  
Que réza?! Pobre mulher!...

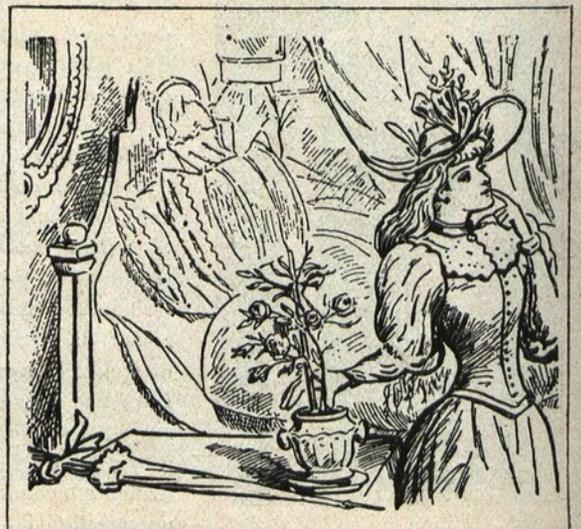
ANGRA DO HEROISMO.

J. N. FONSECA.



## Charada

Quem larga o cabo com geito—2  
N'elle deve navegar—1;  
Mas se o puzer com preceito,  
Pode o casaco apertar.



Onde pára o meu namorado?